

# COMUNICAÇÃO & COMUNIDADE

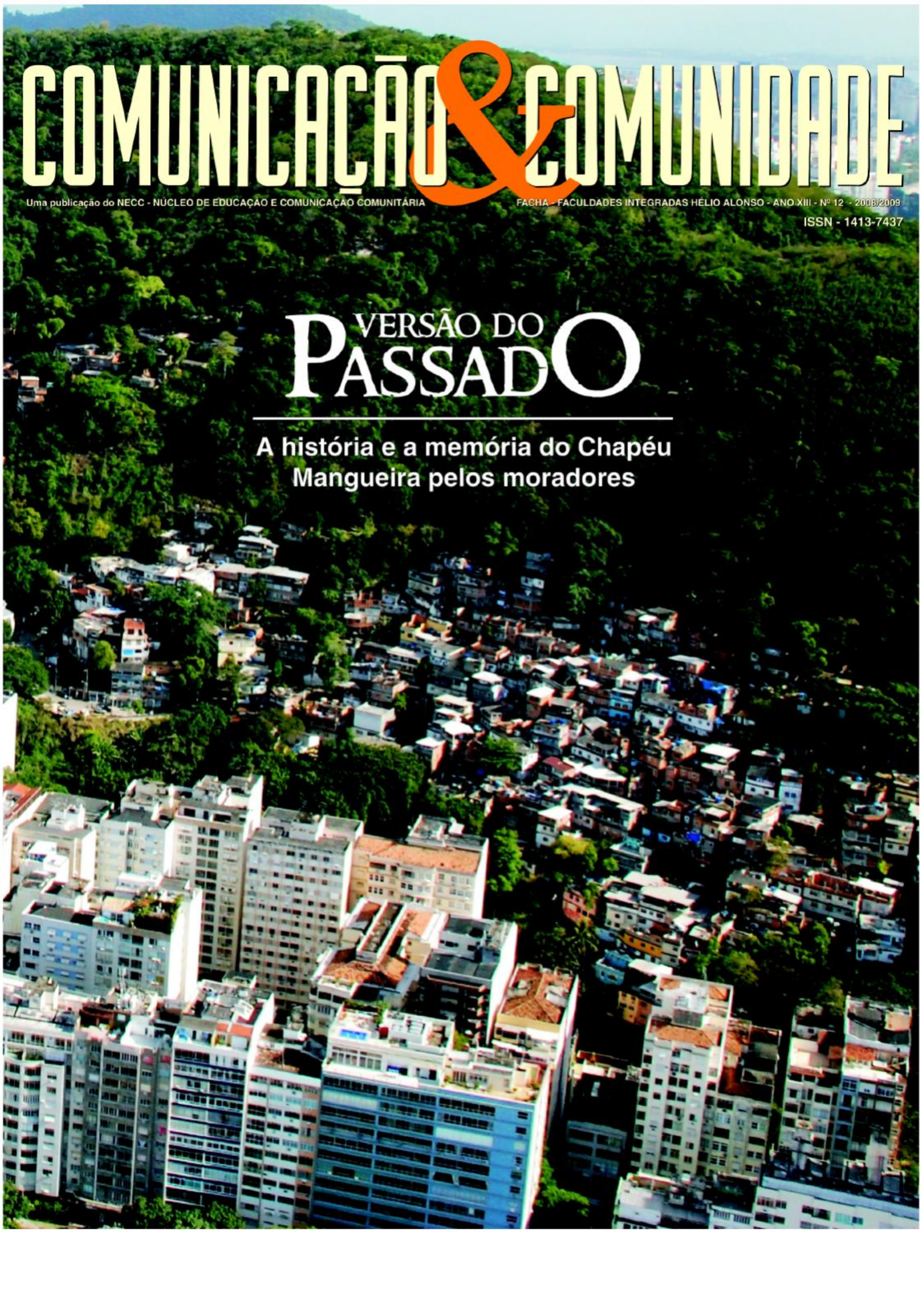
Uma publicação do NECC - NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

FACHA - FACULDADES INTEGRADAS HÉLIO ALONSO - ANO XIII - Nº 12 - 2008/2009

ISSN - 1413-7437

## VERSÃO DO PASSADO

A história e a memória do Chapéu  
Mangueira pelos moradores









# Editorial

O encontro semanal no galpão de artes do Morro Chapéu Mangueira deu origem ao programa Versão do Passado. Muitas senhoras deixavam, naquele ambiente, histórias do passado da comunidade e das personalidades cruciais na formação do imaginário dos moradores. Duas senhoras aparecem nesses relatos como representação da força e altruísmo em prol da organização e desenvolvimento do lugar. São elas: Marcela, que fez parte das primeiras famílias de moradores do morro Chapéu Mangueira, e a missionária Renée de Lorme, pessoas que deixaram suas ideologias, ética e moral imbricadas no cotidiano da comunidade. Aparecem como as mais importantes personalidades na memória dos mais velhos, como podemos confirmar na oralidade dos moradores registrados nestas páginas. A idéia do Versão do Passado surgiu da vontade dessas senhoras, na liderança de Maria Augusta do Nascimento Silva, em deixar o registro de uma oralidade que pudesse ajudar a redescobrir as pessoas, seus costumes, sua origem, seus feitos na construção do lugar e na reconstituição de suas vidas, recuperando sentidos, sonhos, vitórias, fracassos, saudades... A oralidade do grupo, capturada pela tecnologia do audiovisual, mediada por universitários e professores, poderá, no futuro, ajudar na reconstrução dos princípios humanitários, e permitirá juntar os estilhaços da humanidade espalhados no progresso modernista contemporâneo. O registro feito em audiovisual já permite que jovens se reconheçam em suas histórias e admirem as personalidades do seu lugar. Os documentos gravados e transcritos para povoar as páginas da revista Comunicação & Comunidade denunciam a avareza dos poderosos, o modelo consumista, individualista, de privilégios dos méritos e sucessos produzidos artificialmente. Crítica que aparece no abstrato do texto, no contrário das afirmações, das alegrias e na saudade freqüente da solidariedade perdida. A oralidade desses moradores transcende a história narrada e lança novos desafios e velhas e boas reflexões. Acordou esses moradores, e seus sonhos de compartilhar o mundo foram retomados, lançando-os em novas experiências com o sentido de re-

cuperar momentos comuns em suas trajetórias de vidas na utopia comunitária.

A partir destes desafios, surgiu, dos encontros dessas jovens senhoras, a vontade por passeios em busca de alibi para viverem mais intensamente suas histórias, na História. Assim, iniciou-se o movimento "Turismo Popular, a História ao alcance de todos".

A partir da simples oralidade de suas histórias, lendas e sonhos, percebemos, mais uma vez, o quanto somos semelhantes e que o humano é, por si mesmo, o dom natural que pode recuperar a comunidade perdida no seu ser, independente dos fatos históricos. O humano se alimenta da História, mas é mais do que ela (a História). É mais à medida que realiza, discretamente e em proporções quase invisíveis para o mundo histórico de hoje, a busca pelo espírito comum, só desejado e possível de realizar pelo ser humano. A História realimenta os sonhos em busca do paraíso perdido nos quatro cantos do mundo, desde que o universo nos doou o dom de podermos ser humanos. Claro que, nos ideais pós-modernistas, fica a interrogação sobre a possível perda das referências, das raízes, e, portanto, parece não haver lugar para uma idéia de comunidade. O excesso pelo virtual e hiper-real, pelo átimo e o não-lugar, não favorece em nada o sonho da comunidade fraternal e solidária, de humanos enlaçados pelo dom único de sua graça, a doação. Pois bem, o Turismo Popular reacendeu os sonhos. Essas senhoras, em tempos de redes e mais redes, que aproximam as pessoas, mantendo-as cada vez mais distantes corporalmente, resolvem se juntar para redescobrirem suas histórias e a história do seu lugar. Juntam-se saindo de suas casas, muitas vezes em lugares de difícil acesso nos morros onde moram, para andar pela cidade, confrontando os seus imaginários com a cidade e a História. Descobrem que suas histórias e ações para melhoria de suas comunidades quando não havia luz, água, casa de alvenaria... são histórias de movimento participativo e que a comunidade se constrói com a participação de todos. Não se pode ser comunidade no individualismo, na fragmentação, na competi-

## Expediente

**Diretor**  
Prof. Hélio Alonso

**Vice-diretora**  
Márcia Alonso Pfisterer

**Coordenador de Ensino**  
Prof. Dráuzio Gonzaga

**Secretário Geral**  
Walmir Machado

**Editores**  
Prof. Nilton de Agostinho  
Maia  
Prof. Ivana Gouveia

**Coordenador do ERP/NECC**  
Prof. Ricardo Benevides

**Produção**  
Tatiane Rocha  
Wagner Brito

**Secretário Executivo**  
Gilvan Nascimento

**Revisão de Texto**  
Prof. Paulo Roberto  
de Castro

**Projeto Gráfico**  
ACHA

**Diagramação**  
Lab. de Edit. Eletrônica  
- André Cunha

**Foto de capa**  
Genilson Araújo

**Gráfica**  
Corbã Editora  
de artes graficas

**Acesse nosso site:**  
[www.facha.edu.br/necc](http://www.facha.edu.br/necc)



ção desenfreada, na humilhação do outro. Talvez isso seja possível nas redes informatizadas, mas creio que não seja comunidade, apesar de ser a rede internet o lugar (se posso chamar assim) onde existe o maior número de "comunidades". Soube, outro dia, que é possível haver, nas redes "internautas", mais "comunidades" que grupos sociais no ecúmeno. O fenômeno é paradoxal, quanto mais grupos denominados comunidades, temos menos comunidades de fato.

Percebem, em seus caminhos pela cidade, nos pontos turísticos, parques e museus que a simplicidade de suas histórias, a realidade injusta em que vivem, é a mesma estampada nos quadros, livros e jornais históricos. As raízes estão fincadas na Colônia, alimentadas no Império e amadurecidas na República. Demonstrem, com suas vontades, a sede de realidade que povoa nosso ser. A volição de reafirmar vidas, identidades que existem e resistem, é mais que isso, é a possibilidade que mantém a comunidade próxima ao portão da ilusão perdida pela humanidade. Trabalham e, com suor e marcas do azorrague, sustentam sua carcaça e seus sonhos. Nos sonhos, na liça da vida, enfrentam os descaminhos, as desconstruções provocadas pela modernidade e reafirmam o sentido da comunidade, lugar de união, de bem, liberdade, segurança, reciprocidade, solidariedade, lugar caloroso e desinteressado, onde a ajuda não aguarda retribuição. Lugar de entendimento. Atributos compartilhados e espontâneos ocorrem no coletivo tal como o ar está para cada ser vivo: naturalmente. Quando usamos artifícios para respirar, a vida corre risco. Da mesma forma, se uma comunidade precisa ser criada com artifícios, regulada com normas artificiais, ela, a comunidade, é artifício e, não, vida comum. Nesse caso, a vida comunitária corre risco, pois, se compreendo que a vida humana se dá no social e o social é comunitário com os atributos que definimos acima, como ver saúde em



Prof. Nailton de Agostinho Maia apresenta alunos do programa Versão do Passado

vidas individualizadas, onde é preciso ter cuidado e desconfiança para com o outro. Os mais velhos, a modernidade e as escolas educam para que os jovens não se misturem, não aceitem estranhos. Ensinam a ver com os olhos dos outros, a competir em lugar de compartilhar; em lugar de união, os contratos de separação; em lugar de contemplação desinteressada, o consumo utilitário, interessado e fútil.

A "comunidade verdadeira" é dada ao humano, é parte entranhada no ser, obrigando-o, sempre que se afasta, a recuperar a idéia do comum. Assim, o modelo produtivista em que estamos, nos afasta do nosso natural, obrigando-nos sempre a "invenções solidárias e fraternais" que nunca satisfazem, por serem artificiais, interessadas e, portanto, fúteis, pois são ações isoladas para manter as "comunidades artificiais". Não há sentimento com o coração próprio. Esse grupo de mulheres dos morros do Rio de Janeiro permite que outros sonhadores abram o portão e se aproximem da comunidade perdida, contemplem os laços de sua essência e sonhem com esse grupo vivendo com menos injustiça, na busca do alimento para suas vidas.

Prof. Nailton de Agostinho Maia

Os vídeos resultantes das entrevistas com os moradores encontram-se à disposição para consulta na Biblioteca da FACHA e na Associação de Moradores do Chapéu Mangueira.

A Revista Comunicação & Comunidade é editada pelo Núcleo de Educação e Comunicação Comunitária (NECC), programa do Escritório de Relações Públicas (ERP) das Faculdades Integradas Hélio Alonso.

Está aberta a colaborações com a temática da educação comunitária. Os autores responsabilizam-se pelos conceitos emitidos em seus trabalhos.

Envie sua colaboração e/ou sugestão para a Revista Comunicação e Comunidade:  
Rua Muniz Barreto, 51 - Botafogo, Tel: 2102-3100  
CEP: 21251-090 - Rio de Janeiro  
erp@facha.edu.br

ISSN: 1413-7437

## Sumário

---

Uma comunidade chamada Chapéu Mangueira	07
Conceição Ferreira da Silva	16
Maria Augusta do Nascimento Silva	19
Alfriza Rodrigues de Souza	24
Edna Ferreira do Nascimento	31
Gibeon de Brito Silva	35
Jorge Farias Cabral	44
Lúcio de Paula e Bispo	49
Antônia Francisca de Jesus	55
Natanael Silva	60
Isabel Vieira da Silva	65
Regina Maria Riboredo	69
Maria de Lourdes de Oliveira Lopes	77

# Uma comunidade chamada Chapéu Mangueira

Acervo NECC



Mutirão para construção da creche.

Situado no bairro do Leme e vizinho da comunidade da Babilônia, o Chapéu Mangueira assume certas peculiaridades em sua história. Primeiramente o nome, oriundo de uma fusão de características que eram bastante típicas em seu entorno. Segundo os veículos de informação locais, a escolha do nome seria decorrente de uma fábrica de chapéus que havia no momento de sua formação (território ocupado hoje pelo Leme Tennis Clube) das grandes plan-

tações de mangas em seu espaço territorial.

Vale ressaltar que esses veículos eram criados pelos próprios moradores, responsáveis pelo resgate de uma série de informações pertinentes para história do local. Através dos registros de jornais como "O Chapéu", criado pelo Grupo Jovem, cujo objetivo era relatar periodicamente a vida política, social e cultural do local, além de outras publicações relativas ao movimento comunitário de favela e

do movimento dos trabalhadores, sabe-se não só a escolha do nome da comunidade, como também o empenho de pessoas e lideranças como Manuel Chicabom, Lúcio, Lafaiete, Renée, Marcela, Bola, Benedita da Silva, Coracy, Filhinha, que, através de seu empenho, conseguiram trazer melhores condições para o entorno, como água, luz, escola e escadas.

Outro dado, que os registros averiguam e legitimam, é a forma de como foi dado o

*Por Pedro Pio*

Cientista Social, Jornalista e Professor de História, Memória e Oralidade do Projeto Guardiões da Memória.





Crianças ajudam na construção do Galpão de Artes.

usucapião. Segundo esse jornal, tiveram de medir por sete vezes a área de cada morador, visto que muitos não respeitaram os limites estipulados pela associação. Já o funcionamento da escola veio da construção de um simples barraco de madeira, gerido por Dona Marcela e Benedita da Silva, que aí lecionaram por 13 anos, tendo, anos mais tarde, o convênio com o Município do Rio de Janeiro, que forneceu professores e merenda.

Os registros também confirmam que o Grupo de Saúde, formado em 1983, reuniu moradores, que sem recursos financeiros, colocaram anúncios pedindo doações, fizeram festas e conseguiram recursos do exterior, de modo que dessem assistência aos moradores do Chapéu e da Babilônia. O Posto Médico é, hoje, mantido pelo INSS e continua sob a responsabilidade do Grupo de Saúde e da Associação de Moradores.

Em relação à luz, houve um período em que a cobrança era diretamente ligada à Associação. Era uma comissão responsável

pela cobrança dos gastos de luz de cada morador e sócio proprietário. A *Light* fazia a cobrança através de um medidor único para toda a comunidade, sendo que a Associação era responsável pelos relógios dos moradores. Só tinha relógio quem era sócio proprietário e só eram proprietários aqueles que a associação permitisse ou quem comprasse uma posse na comunidade.

Aliás, são as informações locais que não só permitiram a descoberta do nome dessa comunidade, como também a organização de seus moradores. Através da união destes, a associação pôde ser construída e, assim, direitos reivindicados e obrigações cumpridas.

Hoje, de acordo com o Relatório Múltiplos de Assentamentos do Instituto Pereira Passos, a comunidade assume as seguintes características; a data de cadastramento é de 23 de julho de 1981; seu acesso principal é pela Rua Gustavo Sampaio; o nome oficial é ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO CHAPÉU MANGUEIRA e seu endereço é Ladeira Ary Barroso, 66, fundos, Leme. O atual planejamento urbano foi feito pelo Programa de Urbanização e Regularização Bairrinho.

Gibeon, que já foi presidente da Associação e também realizou trabalho acadêmico, mostrando a função social dos arquivos de comunidades faveladas pela Escola de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNI-RIO, descobriu, graças a uma vasta pesquisa, que as primeiras associações de mo-

radores, bem como as associações de luz, advém do final da década de 50, de modo que essas se tornassem uma alternativa para que a população se fixasse como posseiros.

Antes da fundação da Associação de Amigos do Chapéu Mangueira, a comunidade era praticamente administrada pelo Exército. Segundo os antigos moradores, qualquer problema que acontecia nessa área, o Comando do PO (Posto de Observação), no alto do Morro da Babilônia, mandava uma escolta. Algumas construções de barracos eram permitidas, como também eram destruídas, de acordo com a sua conveniência. A Lei Leão XIII era rigorosamente exigida pelo Tenente, autoridade maior do PO. Havia os parceiros que atuavam como ponto de equilíbrio: a associação de Amigos do Leme e a Igreja, que, através da Ação Social Dominicana, assistia a Comunidade. Constituída de Padres da Ala Progressiva da Igreja, a Ação Social encarregou a Sra Renée de Lorme de ajudar na organização do Chapéu Mangueira. Alguns nomes da Igreja, porém, foram juntamente com Dona Renée, decisivos na organização da comunidade. Alguns deles: Dom Helder Barros Câmara, Frei João Cherry e Frei Marcos.

No início da década de 60, é fundada a Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara, FAFEG, hoje Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro (FAFERJ). Por estímulo do Governo Militar, para manter os moradores sob controle, muitas ou-

tras associações de favelas foram criadas.

Todavia, tal estímulo permitiu que essas instituições se organizassem cada vez mais, assumindo sua própria identidade e logo acrescentando representatividade diante da soberania militar. Com o passar do tempo, as atividades dessas Associações foram evoluindo e elas, em sua maioria, passaram a atuar, muitas vezes, no lugar do Estado. Além da função inicial de organizar os moradores pela condição de moradia, elas passaram a tratar de educação, saúde, segurança, esporte, lazer e cultura.

Assim, de acordo com os registros de Gibeon, foi preciso toda uma trajetória para que as associações se tornassem legais de fato. Surgem os primeiros documentos, como as Atas de Fundação, Estatuto, Livro de Atas, Livro-Caixa, Livro-Diário, Publicações no Diário Oficial, registro das reuniões por fotografias, entre outros. Dá-se a união dos indivíduos, as parcerias, sobretudo com organizações não-governamentais brasileiras, definidas como "faveleiras", além de outras organizações estrangeiras. Há um período de maior autonomia das comunidades, principalmente daquelas situadas na zona sul do município do Rio de Janeiro.

Assim, a documentação da Comunidade do Chapéu Mangueira começou a ser criada no início dos anos 50, dez anos antes da fundação da Associação de Moradores. Já nesse período, essa acumulação se iniciou de uma forma centralizada, uma vez que Dona Renée de Lorme, que

A Ação Social Dominicana encarregou a Sra Renée de Lorme de ajudar na organização do Chapéu Mangueira.

Constata-se que a comunidade do Chapéu Mangueira recebeu influências de pessoas vindas de várias regiões do Brasil.

ocupava uma função que misturava assistência social e enfermagem, de nacionalidade francesa, juntamente com a ASD - Ação Social Dominicana - deu início à organização da comunidade, centralizando as atividades no Posto Médico, construído por ela e por moradores em projeto de mutirão.

Em 2002, a Associação Amigos do Chapéu Mangueira estabelece parceria com IETS, Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, na intenção de se inserir no "Projeto Observatório Social de Favelas", criando um vínculo com as demais comunidades. Assim, o Observatório Social do Chapéu Mangueira/Babilônia, no prédio do Posto Médico Chapéu Mangueira, teve, como objetivo, formar atores sociais locais capazes de monitorar, avaliar e formular políticas sociais e políticas públicas para sua vizinhança.

#### A identidade cultural do Chapéu Mangueira

De acordo com os registros e depoimentos de moradores antigos, constata-se que a comunidade do Chapéu Mangueira recebeu influências de pessoas vindas de várias regiões do Brasil. Segundo as fichas de inscrição de sócios da Associação, confirma-se que os primeiros a povoarem a região, entre os anos 1911 e 1912, foram famílias cujos chefes eram trabalhadores do Forte Duque de Caxias.

Percebe-se, também, que a maioria dos moradores vinha do Estado de Minas Gerais (24.8%), sendo que 98% eram de etnia negra. Somente nos anos 30 co-

meçou a ser traçado o perfil da comunidade, já havendo a mistura entre mineiros e fluminenses, como também com pernambucanos, paraibanos e capixabas, que começaram a se alojar nos anos 50. As famílias mineiras, segundo Gibeon, foram consideradas como as mais tradicionais, sendo que uma grande parte veio de cidades como Além Paraíba e Leopoldina, sendo os Ferreira, Silva, Ponciano, Souza e Santos os mais antigos, estando, em 2006, em sua quarta geração.

Nessas famílias, muitos tiveram destaque na organização da comunidade. No entanto, três personalidades tornaram-se demasiadamente relevantes para a história, diante dos trabalhos realizados: Maria Conceição Ferreira Pinto, "Dona Filhinha", Marcilia Ferreira da Silva, "Dona Marcela", e Benedita da Silva.

Os cearenses são os segundo em relação à ocupação do Chapéu Mangueira, representando 18% dos moradores. Desse percentual, 90% foram classificados como brancos e 10% pardos, de origem branca ou indígena. De acordo com o trabalho de Gibeon, muitos chegaram nos anos 50, provenientes das cidades de Cariré, Sobral, Reriutaba, Guaraciaba e Santa Quitéria. Entretanto, a imigração não obedecia ao mesmo mecanismo que o dos mineiros.

Primeiro vinha o chefe de família, praticamente empregado por parentes nas atividades de cozinha, restaurantes, hotéis e obras. Após conseguir certa estabilidade, eles traziam suas famílias: os Souza, Brito,



Rodrigues, Costa, Mesquita, Ferreira, Silva, Carneiro e Cosia.

Um dado que difere os cearenses dos demais está na união entre os conterrâneos. Sua união não se limitava somente no emprego, mas também no lazer e na hora de misturar suas famílias. Sua locomoção também era dada com facilidade, assim que melhoravam suas condições de vida.

Assim, segundo Gibeon, a fidelidade e a determinação do cearense com o que se propunha fazer foi muito importante para o desenvolvimento da favela, ou melhor, "das favelas". Dentre eles, podem-se destacar os Srs. Joaquim Alves Carneiro, Macário da Silva, Vicente Bonfim, Francisco Rodrigues, Francisco Martins de Lira e a Sra. Antônia Rodrigues de Lira.

Já os Fluminenses, com 16,6%, começaram a chegar nos anos 30 de Campos, Macuco e Santa Maria Madalena. Essas grandes famílias foram bastante importantes na formação da comunidade, principalmente as famílias Medina, Oliveira e Pereira. Algumas dessas famílias também ocupam a quarta geração, assim como os tradicionais mineiros.

Os cariocas, de acordo com a pesquisa levantada por Gibeon, assumiram inicialmente um comportamento destoante dos demais. A característica mais importante é que os primeiros, que chegaram nos anos 30, só se relacionavam entre eles e com os fluminenses, havendo uma nítida relação de preconceito, mais marcada com os nordestinos.

De acordo com os dados históricos, os primeiros cariocas vieram de favelas como Rocinha, Cantagalo, Cabritos e a vizinha Babilônia, sendo que muitos não possuíam o mesmo comprometimento que os demais possuíam com a comunidade. Logo, na culinária e na música, os cariocas juntamente com os mineiros, predominavam. "O feijão era o preto, o peixe era o frito. O samba, o chorinho e o jongo eram o que se ouvia. Futebol e natação eram os esportes praticados. Dessas famílias, podemos destacar: André, Teixeira, Samuel, Santos e Souza e os Muniz".

Ainda assim, a participação de nomes cariocas na formação da comunidade foi pouca. Daqueles que participaram, destacam-se a Sra. Regina Riboredo, que é descendente da Família Ferreira de Além Paraíba, Minas, foi Chefe do Grupo de Lobinhos e duas vezes presidente da Associação, e Jaime Muniz, cuja família se implantou na comunidade em 1945, ainda que só tenha vindo morar no Chapéu

Acervo NECC



Terreno em que hoje estão localizadas a Associação de Moradores e a creche. Fotografia de 1982.



Construção do Posto Médico, meados da década de 1960.

Mangueira nos anos 80, já participando como diretor da FAFERJ e da Associação e sendo presidente desta de 1992 a 1995.

Outros estados do nordeste brasileiro contribuíram para a formação do perfil cultural do Chapéu Mangueira. Após os cearenses, foram os paraibanos que tiveram uma maior percentagem: 5% entre os nordestinos; seguido de Pernambuco, com 2,8%; Alagoas, com 2,4%; Bahia com 1% e Maranhão, Amazonas e Sergipe, com 0,35%.

Os capixabas também tiveram sua contribuição. Uma quantidade considerável de famílias veio do Estado do Espírito Santo, 4,7%. Sua participação foi tímida, tanto que o único destaque é o fato da formação da família Jesus com a família fluminense dos Medina.

Em relação à constituição étnica da comunidade, 31,7% da população são declarados como pardos, tendo percentual igual para negros, e 36,6% para brancos. Sobre os esportes praticados, as fichas da associação

confirmam a prática de futebol, sinalizado apenas para os homens, da natação, do boxe e do judô. Entretanto, é desconhecido se evangélicos praticavam ou não esportes.

Nos registros iniciais da comunidade, confirma-se que a religião era dividida da seguinte forma: 91,17% de católicos e 2,83% de evangélicos. Porém, vale ressaltar que, pelo fato de a Igreja Católica ter uma participação forte na organização da comunidade e de os líderes da favela terem uma forte relação com essa igreja, alguns evangélicos se declaravam católicos para evitar a repreensão por causa do preconceito existente.

*Quem foi o primeiro morador do Chapéu Mangueira?*

Não se sabe ao certo sobre a data exata da ocupação da área que hoje compete ao Chapéu Mangueira. Entretanto, registros indicam que, no ano de 1911, morava o cidadão José Teixeira, pai do Sr. José Carlos Teixeira (que foi um dos diretores da Associação de Moradores) e que sempre morou na Rua Doutor Vitorino. Tais registros podem confirmar não só as datas, como também as práticas culturais e os ritmos musicais ouvidos na época. Bolero, chorinho, sambas, partido alto, jongo, folia de reis, coco, cirandas, pontos de macumba, entre outros. Segundo Gibeon, grande parte dos moradores antigos do Chapéu sentem saudades do conjunto de chorinho do "Tio Natalino" e do "Tio Mário", dos irmãos André, das Folias de Reis do seu Gerson, irmão de dona

Marcela, das macumbas no terreiro do "Tio Laninho".

Hoje, o Chapéu Mangueira tem aproximadamente 1200 habitantes e 235 imóveis, sendo 7 públicos: o Centro Sócio-Cultural-Esportivo Chapéu Mangueira, o Posto Médico, o Galpão de Artes e a Creche, administrados pela Associação; a escola infantil, administrada pela Prefeitura; a capela, administrada pelo Grupo das Carismáticas da Comunidade e a Congregação da Assembléia de Deus, administrada pelo Pastor da Igreja Assembléia de Deus do Leblon. Algumas das 228 casas foram desmembradas: algumas para comportar a família que cresceu e outras para o aluguel de cômodos, com objetivo de aumentar a renda familiar. Essas 228 casas, mais os imóveis públicos, estão distribuídos em 24 ruas (veja mapa nas páginas 14 e 15), com nomes das pessoas consideradas como Benfeitores da Comunidade. Em princípio, todos os donos de posses, e chefes de família são sócios-proprietários, e os sócios sem posses são contribuintes. Todos os imóveis têm água, luz e esgoto. .

Pedro Pio é graduado em jornalismo pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso.

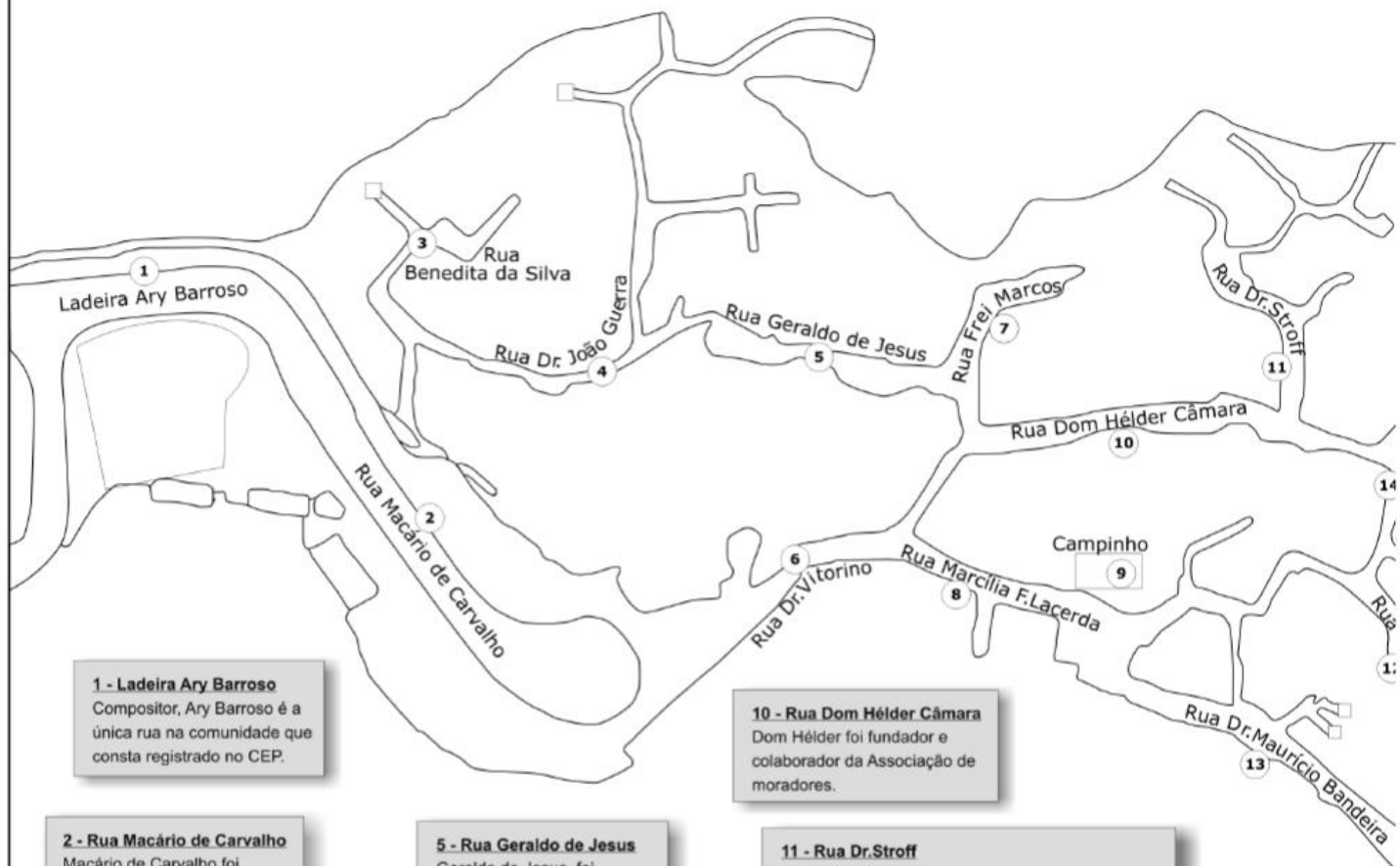
Acervo NECC



Associação de Moradores vista de cima do Galpão de Artes. Fotografia do início da década de 1990.



# Chapéu Mangueira



## 1 - Ladeira Ary Barroso

Compositor, Ary Barroso é a única rua na comunidade que consta registrado no CEP.

## 2 - Rua Macário de Carvalho

Macário de Carvalho foi presidente do Comitê pré fundação da Associação de Moradores. Grande colaborador na comunidade na década de 60.

## 3 - Rua Benedita da Silva

Benedita da Silva participou da fundação da Associação de Moradores, foi professora, presidente do departamento feminino e foi presidente (interina) na década de 70.

## 4 - Rua Dr. João Guerra

Dr. João Guerra foi um dos criadores da Comissão de Saúde da Comunidade, que proporcionou a construção do atual Posto Médico. Liderou projeto de odontologia que proporcionou, entre 1990 e 1994, a cárie 0 na faixa etária de 0 a 16 anos.

## 5 - Rua Geraldo de Jesus

Geraldo de Jesus, foi presidente da Associação e Fundador do bloco de carnaval Aventureiros do Leme.

## 6 - Rua Dr. Vitorino

Dr. Vitorino foi médico do Posto de Saúde por vários anos.

## 7 - Rua Frei Marcos

Frei Marcos foi responsável pela Igreja N.S. do Rosário e pela maior obra social na comunidade. 60% das casas de alvenaria foram construídas pelo empréstimo que a Igreja fazia aos moradores.

## 8 - Rua Marcília F. Lacerda

Conhecida como Dona Marcela, foi o braço direito da enfermeira francesa Renné DeLorme, nos mutirões e na área da saúde. Foi a primeira professora da comunidade.

## 10 - Rua Dom Helder Câmara

Dom Helder foi fundador e colaborador da Associação de moradores.

## 11 - Rua Dr. Stroff

## 12 - Rua Dr. Nelson

## 13 - Rua Dr. Mauricio Bandeira

Dr. Stroff, Dr. Nelson e Dr. Mauricio Bandeira Foram médicos do Posto de Saúde por vários anos.

## 14 - Tv. Antonio Ferreira da Costa

Antonio da Costa foi presidente e fundador da Associação de Moradores.

## 15 - Rua José Pereira da Silva

José P. da Silva foi vice-presidente da Associação e colaborador.

## 16 - Rua Oswaldo Maximiliano

Oswaldo Maximiliano foi um grande colaborador na comunidade, ajudava a quem precisasse.

## 17 - Rua Dr. Silva

Dr. Silva foi médico do Posto de Saúde por vários anos.

## 18 - Rua Aguinaldo Bezerra da Silva

Foi presidente e fundador da Associação de Moradores, também foi um dos fundadores do bloco de carnaval Aventureiros do Leme. Era conhecido como "Bola".

## 19 - Rua Alevino da Silva

Alevino da Silva, foi fundador da Associação de Moradores e grande colaborador.

## 21 - Rua Durval Ferreira

Fundador da Associação de Moradores, Durval Ferreira foi também responsável pelas obras de melhorias da comunidade.



#### 22 - Rua Ulisses de Souza

Ulisses de Souza foi fundador da Associação de Moradores e um grande colaborador de todos que precisavam de ajuda no local.

#### 23 - Lafaite José Medina

Lafaite José Medina foi fundador da Associação de Moradores, um grande colaborador na comunidade. Também foi responsável por uma rede de luz antes da chegada oficial da luz.

#### 24 - Rua Lúcio de Paula Bispo

Lúcio de Paula Bispo foi presidente, por três vezes, e fundador da Associação de Moradores. Na época da ditadura militar foi ameaçado de ser preso por não aceitar que casas de alvenaria fossem demolidas.

#### 25 - Frei João Cherry

Frei João Cherry celebrava a missa na capela Nossa Senhora das Graças.

- 1 Ladeira Ary Barroso
- 2 Rua Macário de Carvalho
- 3 Rua Benedita da Silva
- 4 Rua Dr. João Guerra
- 5 Rua Geraldo de Jesus
- 6 Rua Dr. Vitorino
- 7 Rua Frei Marcos
- 8 Rua Marcília F. Lacerda
- 9 Campinho
- 10 Rua Dom Hélder Câmara
- 11 Rua Dr. Stroff
- 12 Rua Dr. Nelson
- 13 Rua Dr. Maurício Bandeira
- 14 Travessa Antônio Ferreira da Costa
- 15 Rua José Pereira da Silva
- 16 Rua Oswaldo Maximiliano
- 17 Rua Dr. Silva
- 18 Rua Aginaldo Bezerra da Silva
- 19 Rua Alevino da Silva
- 20 Beco do Zé
- 21 Rua Durval Ferreira
- 22 Rua Ulisses de Souza
- 23 Rua Lafaite José Medina
- 24 Rua Lúcio de Paula Bispo
- 25 Rua Frei João Cherry
- 26 Rua N.ª S.ª das Graças

# Conceição Ferreira da Silva

Acervo NECC



*Por Ana Cristina Arruda*

Entrevista realizada  
em dezembro de 2003

Dona Conceição, antes de vir para o Rio de Janeiro, morou em Minas Gerais, no Além Paraíba, onde trabalhou muito desde sua infância. "Quantas sacas de café já apanhei, meu Deus, lá em Minas? A gente trabalhava satisfeita. Depois, a gente fazia aqueles terrenos grandes pra despejar aqueles balaies de café. Eu ganhei muito dinheiro assim".

Prestava serviços relacionados ao café e arroz para um fazendeiro, porém sua família

possuía um terreno próprio para cultivar o que lhes fosse necessário. Quando menina, já capinava, plantava milho, arroz e feijão; "a gente só brincava dia de domingo, porque não trabalhava".

Era filha de dona Ana, tinha 15 irmãos, mas todas as mais novas já faleceram. Sua família tinha o hábito de se reunir aos domingos em sua casa, que era pequena, porém com um quintal muito espaçoso.

Chegando ao Leme, ficou

admirada quando viu pela primeira vez o mar, "de ver tanta água", e ficava observando as ondas "que, quando estavam enfezadas, batiam aqui em cima do muro e atravessavam a rua. Era muito bom!" Ao chegar ao Chapéu Mangueira, depa-rou-se com muito mato e casas de sapê, que ainda eram feitas todas unidas, "tudo barraco junto, feito de zinco. A gente vivia todo mundo no meio do mato", em caminhos estabelecidos por trilhas precárias.



Nessa época, trabalhava em "casa de madames" como doméstica. Chegava em casa só às 10 e meia da noite em meio à escuridão e aproveitava as obras dos edifícios no bairro para pegar água e lenha para cozinhar. Buscava tudo que lhe era necessário na rua Princesa Isabel e admite que, mesmo com todas as dificuldades de antigamente, "a verdade é que, apesar de todo sacrifício, era melhor do que hoje".

Muitas pessoas que ela viu colaborando na formação da comunidade já morreram, mas não deixou de demonstrar sua admiração pela irmã, dona Marcela, que junto a dona Renée, uma francesa que trabalhava na igreja do Leme, se destacou no processo urbanístico e principalmente social do local.

Sua irmã ajudou muito na construção da creche que hoje tem seu nome em homenagem. Foi professora da escolinha que, atualmente, se encontra fechada. Antes das grandes construções, já lecionava em pequenos barracos; "alfabetizou muita gente no morro". Foi fundamental sua participação na criação do posto de saúde. Ela e a dona Renée "não deixavam ninguém dentro de casa, botavam todo mundo para trabalhar". As duas cuidavam e levavam remédios às pessoas, fizeram diversos partos, além de muitas outras contribuições no convívio do morro.

Conceição gostava muito, "gostava não, eu gosto ainda, estou viva!" de dançar e ir à gafieira, onde, com seus parceiros, se divertia ao som do bolero, tango, salsa e samba. Curtia bai-

les em Vila Isabel, Salgueiro, Lapa e adorava a gafieira na Rua da Santana, à qual ia com suas amigas da Barata Ribeiro, onde trabalhava, e voltava quatro da manhã de ônibus ou nos bondes que as deixavam no canto do Leme. Dançava de tudo e sempre tinha um par a sua espera.

As festas na casa de sua mãe eram freqüentes, principalmente no Carnaval. O pessoal todo se arrumava para desfilar nas escolas de samba: "a gente se arrumava, fazia as baianas todas para ir para a escola de samba, e a festa era tudo na casa da minha mãe". Ela e os irmãos, todos fantasiados, iam muito à Ipanema brincar nessa época. Seus irmãos são fundadores do Aventureiros do Leme: um era baliza e outro colaborava na bateria, enquanto suas irmãs e ela saíam todas de baiana no bloco.

Desde sua chegada ao morro até os dias de hoje, muitas pessoas que ajudaram na construção da comunidade já morreram. Existia muitos mineiros residindo no local no momento em que chegou, e restaram-lhe apenas algumas em sua memória, como a Elza, Beni e Aparecida, que, apesar de estarem doentes atualmente, são pessoas muito queridas dela.

Gostava muito do Presidente Getúlio Vargas, que ajudou muito a comunidade há anos, principalmente nas vésperas do Natal, pois, quando os moradores iam ao palácio, voltavam com muitas roupas e comidas que lhes eram doadas. Sua irmã, dona Marcela, trabalhou como cozinheira para ele no Palácio da República e em sua casa;

Seus irmãos são fundadores do Aventureiros do Leme, enquanto suas irmãs e ela saíam todas de baiana no bloco.

dona Conceição teve a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente e considerava-o uma pessoa muito boa.

Sempre foi uma mulher que gostava muito de trabalhar. Se tivesse condições, trabalharia até hoje. Sempre que trabalhava nas casas das senhoras, fazia de tudo, "adorava ficar trepada nas janelas nesses apartamentos aí", mas agora não é mais possível devido à sua saúde.

Até o dia da entrevista, dona Conceição já estava há um ano mais ou menos sem sair da comunidade e nos contou sua crença em Jesus, apesar de não se envolver. É espírita e uma das "rezadeiras" do morro, e expôs-nos sua fé em Nossa Senhora das Graças, que lhe agrada junto com Nossa Senhora da Conceição.

Eis o retrato de uma guerreira, de uma história de lutas e desafios, que nos deixou um pouco de sua memória. Esperamos que tenha realizado a sua vontade de reencontrar-se com seus familiares onde está agora. Dona Conceição faleceu no dia 3 de junho de 2004. .

Acervo NECC



Ana e Conceição na gravação da entrevista.

# Maria Augusta do Nascimento Silva

Acervo NECC

*Por Ana Cristina Arruda*

Entrevista realizada  
em novembro de 2004



Maria Augusta do Nascimento Silva nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 1937. A artesã chegou ao Rio de Janeiro para cuidar da sobrinha, em 1955, e acabou por construir sua própria família. Casada com Coracir, a líder comunitária se fez presente em momentos importantes do desenvolvimento do Chapéu Mangueira.

*Quais as lembranças vêm a sua mente antes da vinda para o Rio de Janeiro?*

Eu morava no interior de João Pessoa, na Paraíba, num pequeno lugarejo chamado Engenho Novo. Nasci lá e lembro que ninguém era registrado, mas eu fui batizada. Às vezes, me vejo aquela menina de vestido comprido, descalça e cabelo despenteado. Me lembro da minha mãe saindo para trabalhar na roça, enquanto ficavam em casa quatro crianças pequenas. A minha mãe chegava cansada com sua enxada na mão e sentava sob a luz do lampião

para fazer bonequinhas de pano e de barro também. Todas as meninas do interior tinham contato com barro, pois não tinha muito brinquedo. A gente brincava de cavalo-de-pau e de fazer comidinha. A minha mãe matava galinha, e a gente ficava com a tripa, cozinhando naquelas panelinhas. Foi uma infância triste, de rotina, mas tinha coisas alegres.

*Por que a senhora veio para o Rio de Janeiro?*



Augustinha, Efigênia e arquitetas do Parque Lage trabalham na construção do forno do Galpão de Artes.

Vim para tomar conta da minha sobrinha, pois meu irmão e minha cunhada trabalhavam e não tinham com quem deixar a menina. Meu irmão foi me buscar e foi muito interessante porque eu vim de avião. Na época, a comida do avião era fria, e eu vomitei ao comer galinha fria. Ainda me lembro do saquinho do avião.

Tinha um mínimo de pessoas morando aqui. As casas eram de madeira ou pau-a-pique e muito distantes uma das outras. Os caminhos não existiam, era trilha e uma pedra por cima da outra. Era mato e não tinha luz também. A luz era lamparina, lampião. Me lembro que a convivência era muito boa, todo mundo se respeitava, porque tudo o que se tinha era igual, ninguém tinha mais que ninguém.

Eu vim para cá pouco antes de fazer dezoito anos, mas muito, muito inocente. Quando me disseram que tinha beijo na boca, por exemplo, eu não acreditei. Minha mãe ficou viúva

muito nova, então a gente não tinha assim... na roça é muito difícil. Não tinha uma referência. Aliás, eu tinha uma irmã que namorava, mas ela ficava conversando normalmente, e eu nunca vi um negócio de beijo. Eu duvidei que tivesse essas coisas, mas, depois, a gente vai aprendendo. Me lembro da primeira vez. Levou mais ou menos dois meses até o Coracir me pedir um beijo. Foi uma emoção muito grande que eu tive. Na época, eu lia revistas, mas eu não via esse lado de beijo, de abraço. Eu achava aquela história bonita, mas não prestava atenção nisso.

### Galpão de Artes

Eu só me descobri nos anos 80. Foi aí que eu descobri o que era lazer e o que era viver. Eu descobri que eu tinha valor através da Celeida Tostes. Comecei fazendo meus trabalhos de argila, timidamente, em cima da minha cama, a Celeida viu e valorizou o meu trabalho. Eu acho que eu comecei a viver a partir dali mesmo, porque, antes de eu conhecer o que eu conheci neste trabalho, eu não vivia. A gente viver em grupo é muito bom. O artesanato, o artesão tem que lutar muito para valorizar ele e a sua profissão. Eu qualifico meu ofício como profissão, mas não é uma profissão valorizada. Participei de muitas exposições, expus em lugares nobres, mas, depois que a Celeida faleceu, já não houve mais o mesmo contato.

Em dezembro de 79, a Celeida veio a pedido de um sambista daqui para ensinar a fazer boneco de papel marchê. Estava



chovendo, e ela escorregou no barro. Veio a cabeça dela que a gente poderia ter uma reunião de mulheres para fazer trabalhos com esse barro. Em janeiro de 80, começamos as primeiras reuniões, e os primeiros trabalhos foram feitos com o barro daqui. Depois, Celeida começou a comprar o barro já pronto, mas a gente não tinha lugar para queimar nossos trabalhos até o galpão ficar pronto.

Nós fizemos um grupo com o nome de Grupo da Memória. Esse nome tem muito valor para mim, porque a Celeida nos fez ver que a gente tinha uma memória, só que estava adormecida. Tinha que ter alguém igual a Celeida Tostes para fazer cada um descobrir a memória. Minha mãe, quando ia tirar o leite da vaca, botava farinha dentro da vasilhinha e a gente comia. Então, comecei a fazer aquelas vasilhinhas de barro em que eu comia naquela época. É a memória. A construção do Galpão começou em 80, mas só em 83 ficou pronto.

*O que o Galpão de Artes significa na vida da comunidade?*

Há uma comunidade melhor. Uma vez, eu fiquei muito feliz com a Benedita, que era deputada na época: ela trouxe o consul da Venezuela e disse que o Galpão de Artes era o cartão-postal do Chapéu Mangueira. Eu fiquei muito feliz porque o galpão foi a minha descoberta. A mulher nordestina, na época, era criada para reproduzir, cozinhar, costurar, bordar. Isso tudo é bom, mas a vida vai muito além disto tudo.

### Chapéu Mangueira hoje

Todos nós vivemos num momento de medo. Graças a Deus, aqui é um lugar bom. Antigamente, ninguém andava com medo de andar nas propriedades. Aqui era tudo mato, mas ninguém tinha medo de andar. Hoje se anda com medo, mas eu não tenho medo porque eu vivo a verdade. Me lembro de quando me perguntavam se eu entraria mesmo como vice-presidente e eu respondia que sim porque não iria fazer nada demais, eu iria seguir a minha vida e ajudar dentro do meu limite. Eu entrei como vice-presidente do Edson. Não tenho medo, mas antes a gente andava nos caminhos mais tranqüila; hoje, a gente anda um pouco assustada.

Uma coisa que eu acho muito diferente de vinte anos atrás é que hoje não se tem mais respeito por ninguém. Ninguém respeita ninguém. Antigamente, os adultos não podiam falar palavrão na frente das crianças; hoje, a criança fala palavrão. As cri-

Acervo NECC



A artista plástica Celeida Tostes orienta as crianças na oficina de artes em 1982.



Augusta, Prof. Nailton de Agostinho e Ana na gravação da entrevista.

anças não respeitam mais o adulto: elas crescem e, depois que elas crescem, não te vêem mais, não te enxergam.

É a sua própria desvalorização. Quando a gente não se valoriza, não vai valorizar o outro. A gente só respeita o outro se ele se respeitar também. Uma das coisas por que eu luto é pela compreensão. Se a gente compreende a gente, então compreende o outro.

*A senhora lembra de algum momento em que precisou ser ajudada pela comunidade?*

Eu tenho um fato muito forte, e eu fui ajudada. É que meu barraco de madeira caiu. Era um barraco de terra e pau e tinham quatorze pessoas dentro dessa casa. A gente estava em família, e o barraco caiu com todo mundo e eu. A minha preocupação toda era meu sobrinho que estava dentro da casa, mas o berço caiu, ele ficou embaixo do colchão e o berço o protegeu de tudo quanto foi madeira que caiu. Ele não sofreu um arr-

nhão. Era um domingo à tarde, e eu fui parar no hospital porque fiquei agitada por causa do bebê. Eu estava com medo de mexer nele, e ele é hoje um montão de gente.

Todo mundo foi lá e arrastou. Quem não tinha casa foi para a casa de parentes, de amigos. A gente recebeu muita ajuda.

*A senhora tem interesse em ler?*

Agora não estou lendo, mas depende da coisa de que se gosta. Eu gosto mais de ouvir repórter.

O estudo é como a vida. Se a gente gosta da vida, tem que se esforçar para gostar de estudar, porque, sem estudo, a gente não é nada. Com estudo, está difícil; sem estudo, é muito pior.

### Um momento triste

Foi quando o meu filho morreu. Foi muito doloroso para mim. O primeiro filho a gente sonha muito, né? Deus me deu uma coragem muito grande, porque eu vesti ele e eu só não botei dentro do caixão porque era um corpinho muito frágil, entendeu? Foi um momento muito, muito triste. Vamos parar.

De um ponto a outro. Um momento feliz.

Foi quando eu ganhei o meu primeiro filho. Foi um momento muito legal, mágico. O interessante é que eu tinha pavor de ter um filho homem e, naquela época, não tinha aquele negócio de ultra-sonografia. Quando eu ganhei ele, eu não sabia se era homem ou mulher. Quando me disseram que era homem, eu esqueci que eu tinha pensado naquilo. Então foi um momento muito legal.

O casamento da minha filha também foi uma coisa muito bonita. Se eu pudesse ver e fazer de novo, eu faria. Hoje, a minha neta não quer casar como a minha filha casou... de véu e grinalda, aquela coisa de tradição.

*A senhora tem fé?*

A gente sem fé, sem confiar em Deus, não é nada, porque, se você confia, se tem esperança de que tudo vai dar certo mesmo nos sofrimentos, você sabe que um dia vai vencer. Se não vencer aqui, tem outra vida, pois esta é muito difícil. Sem esse Deus, não somos nada. É a falta de Deus na vida do mundo que faz acontecer isso tudo. Se eu tenho Deus na minha vida, jamais vou querer pisar no teu pé, porque eu sei que vai doer igual ao meu. Falar de Deus e não viver Deus também não adianta, pois é uma coisa que você fala da boca para fora, mas não vive. Essa vivência com Deus está no nosso dia-a-dia, no nosso Sol, na nossa árvore, no nosso vento, no nosso tudo! Deus está em toda parte, e a gente tem que deixar Ele entrar na nossa vida. Mesmo chorando, a gente pode sorrir para os nossos irmãos. Mesmo não tendo muito o que comer, a gente pode oferecer para a nossa irmã. Se a gente descobre esse Deus e leva Ele para a nossa vida, tudo vai ser diferente.

Quando eu vim para cá, eu deixei a minha mãezinha e, uma semana antes, eu comecei a chorar. Mesmo depois, quando eu ia visitá-la e tinha que voltar, uma semana antes eu já começava a chorar. Depois que a minha mãe

faleceu, eu fui uma vez lá e não voltei mais. As passagens encareceram muito e eu não fui. Agora eu só tenho três irmãos lá. Quando eu consigo uma linha de telefone, que é muito difícil, eu falo com meu irmão, minha irmã e uma sobrinha também.

Acervo NECC



# Alfriza Rodrigues de Souza

Acervo NECC

*Por Ana Cristina Arruda*

Entrevista realizada  
em novembro de 2005



Alfriza é moradora da comunidade há mais de quarenta anos. Veio do Ceará em um pau-de-ara-ra, com dois filhos pequenos.

## A Viagem

Eu passei nove dias e nove noites andando no pau-de-ara-ra, dentro do mato. Era horrível que era proibido, não é? Naque-la época, prendiam com esse negócio de trazer gente em caminhão, não é? Para passar numa cidadezinha, tinha que abaixar a lona e todo mundo co-

berto. É triste! Meus filhos agüentaram. Eu arrastei eles para cá porque eu não tinha condições de ficar lá com eles. Isso foi em 1960.

Eu cheguei vindo de lá, meu marido já tinha feito uma carta dizendo que vinha... Aí, ele respondeu dizendo que não viéssemos não, porque ele estava desempregado, mas eu não recebi a carta. Meti todos eles dentro do caminhão, sem dinheiro, sem nada. Só paguei a passagem e me mandei. Sol, que era... para

lá não tem muita chuva e, nessa época, piora. Aí, enfrentei... Quando cheguei aqui, ele tomou um choque. Eu disse: "Toma que o filho é teu". Ele disse: "Ah, eu estou desempregado!". Eu disse: "Então, meu filho, se é para morrer de fome, eu vou morrer aqui junto contigo e teus filhos". Porque lá se passa... Agora não, a situação lá está melhor, mas passava fome.

Quando eu vim de lá, eu trouxe uma muda de roupa, o resto era tudo roupinha remen-



dadinha. Hoje, eu digo à minha neta: "Vocês querem roupa de marca, na minha época não tinha isso". Cheguei ao Rio com roupa remendadinha, esticadinha. Quando eu cheguei em Caxias, para poder deixar o caminhão lá, porque ele não entrava dentro da cidade, foi que eu fui trocar aquela roupinha.

Depois a minha mãe veio. A minha família está toda aqui. Veio todo mundo.

Ele arrumou um emprego e foi trabalhar, porque eu tinha trazido os filhos. Arrumei colégio, enfrentei... arrumei o colégio, botei meus filhos para estudar. Nunca me separei deles. Eu nunca tive uma falta numa reunião de um filho meu.

*Como é que era o Chapéu nessa época?*

Era mato. Tinha uma casa... ali perto daquela outra, assim embaixo. Nessa época, só tinha mato, eram poucas casas. Não tinha escada, eram só as pedrinhas, você andando por aquelas pedrinhas. Para descer, não tinha a descida. Não existia. Ah, minha filha, todo mundo andando de pedrinha em pedrinha.

Minha casa era de estuque. Eu não tinha luz. Eu não tinha fogão. Eu cozinhava num fogãozinho de querosene, iluminava com lamparina ou com vela. Depois, arrumaram uma luz aí, mas passava um dia com luz e três sem, que era do falecido Lafaiete. E foi assim. Não tinha água encanada... A gente bebia aquela água lá do Bicão. Vocês viram uma agüinha pingando lá na rua? Lavava roupa. Dentro desse muro aí tem um poço. Do

prédio. É, para lavar roupa. Para cozinhar, era lá no Bicão. Para beber, era lá do Bicão.

Na época desse negócio de casa de estuque... Ali tem a Chacrinha. Vocês conhecem, não é? Ladeira do Leme. Lá era proibido, o tenente não deixava ninguém fazer casa de tijolinho. Tijolo, de lajota nem botar laje, nem nada! Todas as que faziam, ele vinha e derrubava. Aí, quando eu comecei a minha, eu fiz de tijolo... Aquela casa que eu estou morando hoje fiz de tijolo, mas eles vieram umas seis vezes botar abaixo. Só não botei laje... era de telha, mas vieram umas seis vezes botar abaixo. Nessa época, o Lúcio era presidente, Renée trabalhava aqui. O Lúcio me deu um papel para eu fazer, como se fosse uma ordem para eu fazer. Permissão. Quando foi uma das últimas vezes que eles vieram botar abaixo, eu já tinha feito a parte da frente e estava fazendo a cozinha. Eles vieram botar abaixo. Nessa época, eu não sei se tinha oito ou sete filhos... Eu disse: "Vocês vão botar, mas, antes, os cabras de vocês vão entrar e fazer as trouxas das minhas coisas, que o senhor vai descer comigo mais os sete filhos para morar com você, porque eu não tenho onde morar. Eu não vou levar nem sol, nem chuva com os meus filhos". Aí, desceu doido e falou: "Essa mulher é o diacho! Eu não venho mais aqui, não." Eu disse: "Amém! Pode seguir".

Nesse dia, quando eles pegaram o papel, eles levaram o Lúcio preso. Foi para o Ministério, lá na Cidade. Ministério do Exército, lá na Central. Aí, eu corri e

Eu não tinha fogão.  
Eu cozinhava num  
fogãozinho de  
querosene, ilumina-  
va com lamparina  
ou com vela.

Meus filhos foram tratados, porque tinha médico pediatra, tinha médico de criança. Tinham dois pediatras.

mandei chamar a Renée. Eu disse: "Pelo amor de Deus, dona Renée, acode! Chama os homens aí que têm poder para tirar o Lúcio, porque ele foi preso por minha causa."

### Dona Renée

Muito amiga! Amiga demais, demais. Era uma pessoa... era tudo... para todo mundo! Hoje, só não fala bem dela se você não reconhece aquilo que ela fez. Ela fez tudo pelo povo do Chapéu Mangueira, tudo! O que não tivesse ao alcance dela, ela ia procurar. Isto aqui, minha filha, se você entrar neste posto, era de cima até embaixo só de remédio que ela arrumava. Hoje, você entra e não acha um comprimido para dor de cabeça. As crianças iam nascendo... Ela pesava as crianças, dava enxoval para as crianças, porque ela arrumava lá fora também. Hoje, tem aquele frio que deu aí e não apareceu um cobertor. Se ela estivesse aí, todo mundo tinha cobertor para se embrulhar. Ninguém faz conta mais de nada, ninguém liga para nada. Você bate: "Estou com dor de cabeça, tem um remédio?" Respondem: "Não".

Meus filhos foram tratados, porque tinha médico pediatra, tinha médico de criança. Tinham dois pediatras que eram: o Dr. Nelson, médico de adulto e criança e o Dr. Vitorino, que era pediatra. Vinham às quintas-feiras... Quarta, tinha o Dr. Silvio, que era médico de gestante. Até isso tinha!

Todo mundo adorava a Renée, porque tudo quanto estava ao alcance dela ela resolvia. Ela vinha ao médico, ela passava re-

médio, ela passava remédio para as crianças também. Se ela visse que não dava jeito, ela mandava procurar um médico particular. Ela fez parto... Ah, uma maravilha! Uma maravilha! Ela era quase doutora. Ela terminou os dias dela junto com os índios. Não faz muito tempo que ela morreu. Ela trazia índio para cá para tratar...

Olha, eu vou te dizer que eu tinha o livro da Renée. Ela escreveu um livro, mas você sabe que eu perdi esse livro? Já andei pedindo a muita gente para dar a vocês esse livro, mas não encontrei quem tivesse. No livro, tem até o retratinho dela. Já perguntei ao Lúcio se ele tem, porque essas pessoas antigas compravam aquele livro dela para ajudar o posto. Ela não ganhava nada, ela trabalhava de graça. Hoje, o povo trabalha aí e ganha dinheiro. Ela trabalhava de graça, podia ser madrugada, podia, ser a hora que fosse, que ela saía com a luzinha acesa, velinha acesa nas casas socorrendo doente. Eu lembro de tudo quanto ela fez de bom aqui.

Ela não tirava nada para dar aos outros, está entendendo? Defendia os outros para ajudar. Na época em que eu tive dois gêmeos, era no tempo dela. Aí, quando ela percebeu junto com os médicos que eram gêmeos... ela já tinha percebido, ela e esse médico, o Dr. Silvio. Eu me lembro que ali, naquela subidinha, tinha uma pedrinha, antes de subir para a mais alta tinha uma pedrinha. Eu pisava naquela pedra, porque minha barriga estava muito grande. Eu pisava na outra, e ela ficava da janela me

pastorando. Aí, ela dizia: "Olha, ela vai ter duas crianças. Dr. Silvio, eu falo?" E o Dr. Silvio: "Não, não fala, não. Deixa ser uma surpresa. Está tudo bem com ela, ela está agindo direitinho". Ele fez isso.

Quando os meninos nasceram, eu tinha sete fraldas de pano. Quando fez, assim, uns dias, tinha mais de trezentas fraldas. Ela pediu a doação. Veio a americana e deixou, mandou deixar no posto um enxoval que só você vendo! Aí, eu trouxe os meninos, porque eu trazia para pesar todas as quintas-feiras, e ela foi à dona Anita (não sei se vocês conhecem, que é assistente social da Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema). Ela falou com a dona Anita: "Essa mãe está precisando de ajuda, suas crianças não têm leite, ela não pode dar de mamar para as crianças". A Anita disse: "A gente vai ajeitar leite". O leite vinha para o posto. Todas às quintas-feiras, ela mandava aquela quantidade que dava para os bebês se alimentarem. Não dava muito, não, para não estragar. Ela avisava para os outros que estavam na fila esperando consulta: "Olha, não sou eu que estou dando, não. Eu só estou entregando". É, porque o povo falava demais! Porque em toda parte que tem a pessoa que ajuda, o povo fala mesmo, não é só aqui no morro, não. É em qualquer lugar. Ela ficou me dando esse leite, esta ajuda, até os meninos ficarem grandes. Tinha esse médico, o Dr. Vitorino, que é o padrinho de um. Esse médico morreu novinho, ele teve três derrames. Ele vinha, consultava

os meninos e descia com um sobrinho meu para trazer os remédios, para subir com o remédio. Agora, não tem nada. Mudou.

"Meu filho, eu conheço isso daqui não é de hoje. Eu vi como era isso aqui, e eu me sinto triste de ver um negócio desse" Uns querem mandar mais do que outros. Ninguém manda nada, ninguém manda na creche, ninguém manda no posto, ninguém manda na associação, aquilo ali é do povo, dos moradores. Foram os moradores que fizeram. O povo se unia, se comunicava; hoje, não.

#### Marcela

Cada qual tem a sua opinião, não é? Às vezes, a pessoa não pode falar pelo outro, não é? Eu admirei até deles terem colocado o nome da creche com o nome da comadre Marcela. Foi a dona Renée e a dona Marcela que trabalharam juntas. Não sei se você chegou a conhecer a comadre Marcela... Ah, minha filha, era tão pretinha, mas tão... Ah, meu amor por ela!

A comadre Marcela foi uma pessoa também muito importante, porque ela caminhava também junto com Renée. Ela trabalhou muito junto, era professora desse jardim. Quem passava por ela no jardim aqui, quando chegava lá em baixo não precisava ir para o C.A, porque ela já ensinava... a criança sabia ler!

Comadre Marcela é minha comadre, é madrinha de batismo de um dos meus filhos, um dos gêmeos. Tinha o frei Marcos que chamava nós duas de a casa e o botão. Para todos os efeitos, nós estávamos juntas e eu senti

Meu filho, eu  
conheço isso daqui  
não é de hoje. Eu vi  
como era isso aqui e  
eu me sinto triste  
de ver um negócio  
desse.

A comadre Marcela  
foi uma pessoa  
também muito  
importante, porque  
ela caminhava  
também junto  
com Renée.

demais. Ainda hoje, eu sinto saudades, falo da época em que a gente vivia juntas.

### Filhos

São mais de dez filhos. Você ia para maternidade andando e ia pegar o ônibus lá em baixo. Para voltar, chegava lá em baixo e deixava, porque não tinha... Tinha ladeira. Nessa época, tinha a ladeira do Ari Barroso! Ai, deixava ali e a gente vinha andando.

Mora todo mundo aqui! Porque faleceu um, não é? Porque meu marido é falecido também... faz três anos.

Agora, são nove. Meu filho adoeceu da cabeça e começou a fazer besteira na rua. Botaram ele lá no hospital de Bangu e lá mataram ele. Eu estava muito doente e não pude agir. Horível. No laudo do Souza Aguiar... porque chegaram a trazer para o médico... estava que tinha sido espancamento. Ai, já viu! Você sozinha para resolver tudo, porque meu marido era um homem trabalhador, muito bom, mas não resolvia nada. Quem resolvia tudo era eu. Tudo, tudo, tudo, para os filhos... para tudo.

### Saudades do Passado

Tenho saudade das pessoas se entenderem, porque, agora, ninguém se entende mais, ninguém tem mais tranquilidade. Você dormia de porta aberta. Hoje, você não pode mais. Você conversava ali até de madrugada. Eu cansei de ganhar bebê. Meu marido trabalhava à noite, eu saía sozinha com a bolsinha do lado, ia para a maternidade lá em baixo e arrumava quem me levasse. Hoje, você não pode,

não pode, não tem tranquilidade e é isso que a pessoa precisa, não é? Não existe!

### Lazer

Eu vejo televisão. Só novela. Tem esse negócio aí. Me pergunta quando é que começa e quando é que termina, que eu não sei... Esses negócios de festa, pagode, baile. Nunca fui em nenhum! Nem olhar porque eu não gosto. Eu nunca dancei na vida, nem para diante, nem para trás. Eu não escuto música nenhuma, não. A luta é tão grande... Quando eu termino, minha filha, eu estou tão cansada, que dou "Graças a Deus"...

### Netos e estudo

Crio duas netas. Uma é a que estava aqui,... a Mariana. Tem uma de dez e uma de quatorze e também é assim... dentro de casa! A mais velha não vai ao pagode, não vai ao baile. Ela não quer, não é? É muito difícil ela ir. A mais nova é mais arteira, mas tudo bem. Estudam. Todo mundo! É o mais importante, não é, minha filha, porque a pessoa já não tem nada... se não estuda o que é que vai ter na vida? Não sei ler, nem escrever. Só sei assinar meu nome. E brigo bem! Resolvo as minhas coisas melhor do que se eu soubesse muito. Eu entendo tudo e todo mundo me entende... é juiz, é tudo! Vou te dizer. Eu aposentei meu filho, o que tem problema. Ele teve meningite, não é? Ele não fala, ele não come com a mão dele. Agora, há pouco tempo, cortou a perninha aqui e a outra aqui. Eu aposentei ele, passei três anos lutando, com advogado, no



fórum. Teve um dia que eu levei um tombo no fórum, mas eu disse: "Eu vou me levantar e vou conseguir porque o direito é dele". No dia em que eu recebi a sentença, eu fiquei sem voz porque eu não tinha talento de falar. Eu já estava tão fraca, que não agüentava mais. Sem comer até tarde! Naquele dia em que ele me deu a sentença... ele disse: "Não precisa a senhora, a senhora manda uma pessoa apanhar", mas eu mesma apanhei. Eu disse: "Eu mesma vou". Quando eu recebi, eu disse: "Meu filho, me dá aqui, é meu e ele tem direito!"... Fui eu quem aposentei meu marido, ele foi lá só assinar. Resolvo tudo! Tenho uma filha que vai ao banco comigo no dia de receber o pagamento... Mas para fazer compra... Quando é um coisa que só eu posso fazer, como o cheque cidadão, porque eu recebo cheque cidadão, fazer compras com o cheque, eu não posso mandar ninguém... Só eu e minha carteira. Eu gosto de fazer minhas coisas, eu trabalho às seis horas da manhã. Minhas netas entram no colégio às 7:15h, 6h eu estou de pé.

### Fé

Sem Ele ninguém vive. Eu vou te contar, por exemplo, a história dessas fraldas descartáveis. Naquele dia em que a Tati trouxe as fraldas... as primeiras que ela trouxe não eram fraldas eram forro e eles não servem para ele. Eu não sei se ela falou com vocês. Aquela não serve para ele, porque não tem com o que segure.

Eu tinha uma fralda naquele



Alfriza, Prof. Nailton de Agostinho e alunos da FACHA na gravação

dia, mas, como era forro, eu mandei pedir emprestado na vizinha para usar nele. Eu já usei no meu filho saco de plástico, de compra, fazendo de calça de plástico. Colocava um pano, porque eu não tenho. Ele ganha é o salário mínimo, mas só as fraldas tem dia de ele usar três porque ele não tem noção. Quando ele se acha mijado, ele tira o short e joga fora, não fica mijado. E tem o remédio dele. Agora mesmo, dia onze, era dia do médico dele. Eu mandei a minha neta ir lá no médico dele porque o médico atende sem ele ir, porque ele fica muito agitado. Ele disse: "Eu vou acreditar na senhora". Eu mandei ela no meu lugar, porque eu não estava agüentando ir. Ela foi, ele passou três receitas e cada receita que ele passa são três caixas de remédio. Ele passou nove caixas de remédio e daquelas ali não se acha amostra grátis. É remédio controlado, só compra com a carteira de identidade. Aí você calcula... três comprimidos por dia. Quando for marcar, já não tem mais receita,

tem que ir lá e eles dão a receita para comprar.

Ah, Deus? Pois é, eu estou conversando aí com outra coisa... Se você não tiver fé em Deus nada dá certo para você, nada. Eu pedi para uma neta comprar um pacote de fralda: - "Compre um pacote de fralda para mim." Ela disse: "Ah, eu vou ver". Não comprou. Eu não ganho um pacote de fralda de ninguém aqui. A igreja... porque eu já pedi muita doação, não vou mentir... já pedi a Igreja, já pedi... Como eu tenho muita fé em Deus, eu recebi um telefonema ontem dizendo que eu fosse à igreja, que tinha uns pacotes de fralda. Aquilo veio...sei lá. Eu falei para o meu sobrinho: "Olha como Deus é abençoado." Eu sempre ensino a eles. Ele são adultos, mas talvez eles não entendam como a gente entende o que é que é Deus. Eu disse: "Olha como Deus é bom!". Eu estava sem dinheiro para comprar as fraldas do menino, olha, vê se não é a voz dele é que iluminou a cabeça deles". Eu ia perder o "Cheque Cidadão". Mandaram me avisar que eu vou perder, porque as duas netas que eu crio, eu não tenho posse delas, a mãe delas tem outros filhos e ela está recebendo "Cheque Cidadão". Quando disseram que eu ia perder para passar para a menina, eu fui lá na Tutelar, ali perto da praça General Osório, não... das Laranjeiras. Eu fui parar lá. Quando cheguei lá, ele disse que não podia, porque a mãe delas estava recebendo.. Se eu passasse a mãe delas ia perder. Ai, abaixei a cabeça e disse: "Deus está me vendo! Vamos dar um jeito". Ai, eu falei com a assis-

tente social do Palácio, e ela disse que eu fizesse os documentos para o meu filho receber o cheque. Ela me passou um telefone, e eu telefonei para uma Teresa não sei de quê... lá do Palácio. Ela disse que era só de zero a dezoto anos. Como ele tem trinta e dois anos... Eu disse: "Para que eu vou atrás disso? Para eu me acabar? Ficar mais fraco? Deus vai me ajudar! Não vou passar fome, nem ele". Porque ele depende muito de ajuda.

### Felicidade

Eu não tive alegria. Nem na vida toda também. Só trabalho, só a luta com filho, só médico, só... Minha filha, Ave Maria! Com a doença do meu filho, não tem quem eu conheça. Eu fiz exame nele até a raiz do cabelo. Aonde me mandavam, eu estava ali. Eu recebi ele, quando ele veio do hospital São Sebastião... deste tamanhinho. Ele com um ano e cinco meses, eu punha ele assim. Recebi ele todo queimado do pescocinho até os quadris, com umas bolhas que eram desse tamanho... do oxigênio. Um diretor da Rua da Passagem queria processar, e eu disse: "Não, eles me entregaram ele vivo, eu quero é uma pomada que sare isso aqui. Eu vou sarar meu filho". .

(Alfriza Rodrigues de Souza  
faleceu em 07.08.08)

# Edna Ferreira do Nascimento

Acervo NECC

*Por Michelle Alves*

Entrevista realizada  
em junho de 2006



Dona Edna nasceu em São Cristóvão no Rio de Janeiro, mas passou sua infância em Conceição do Macabú, onde permaneceu desde o seu primeiro ano de idade até o décimo, quando retornou à sua terra natal. Foi para o interior morar com a avó devido à morte de seu pai e ao pouco tempo que sua mãe tinha para cuidar dela. Logo que soube da gravidez de sua mãe, teve de voltar para auxiliá-la na criação de seu irmão.

Lembra de sua saída do cam-

po com saudade. Veio de trem e, mal saindo da cidade, já sentia certa tristeza. Não tem muitas lembranças de sua infância, além de algumas brincadeiras no campo, pois, ao retornar para a cidade, em um mês já estava empregada como babá no Leblon e, desde então, não parou mais.

Chegando ao Rio, foi morar na Ladeira do Leme e, depois, passou pelo Tabajara e Morro dos Cabritos, indo finalmente para o Chapéu Mangueira, onde mora há 62 anos. Chegou com 18 na

comunidade, numa época em que "havia muita gente e muita ajuda. Você ia fazer alguma coisa, e todo mundo se interessava em ajudar. Hoje em dia, se você não tiver dinheiro para pagar, você fica na saudade".

Recorda-se que, antigamente, o convívio na comunidade era muito mais agradável, todos se conheciam; atualmente, há muita gente nova e uma relação muito fragmentada. Quanto à relação da sua família, afirma que era muito boa,

Buscava água numa  
bica onde  
atualmente é o  
Leme Tênis Clube.

porém difícil por causa dos tempos de trabalho que não coincidiam, tornando os encontros raros; ela só ia para casa de oito em oito dias.

Não saía muito para se divertir, porque sua mãe, Maria Delice, também chamada de Dona laiá, tinha um instinto rural que a prendia mais em casa, não deixando ela ir nem aos carnavais. Argumentava que "gente da roça é diferente das pessoas da cidade". Quando chegou à adolescência, se deu mais liberdade e mencionou o baile da sanfona, que adorava, dentre muitos outros que eram realizados. Na época, havia mais tranquilidade para ir às festas, e comparou-as com as de hoje, destacando o empobrecimento cultural da comunidade.

Teve a oportunidade de estudar apenas por um mês, no colégio Coccio Barcelos: teve de interromper para cuidar do seu irmão e logo depois sua primeira filha nasceu, tornando inviável seu estudo definitivamente. Morou durante três anos com o pai das suas duas filhas, Georgina e Graciana, e, atualmente, aos seus 78 anos, possui uma família enorme, com gerações que chegam até aos tataranetos.

Sua casa era feita de estuque; as de alvenaria vieram depois, numa época em que todas eram feitas ainda bem separadas em meio a ruas sem pavimentação. Buscava água numa bica, onde atualmente é o Leme Tênis Clube, através dos latões que carregava em cima da cabeça. Expôs a dificuldade em pagar a conta de

luz da época: alugava um "bicozinho do falecido Teófilo" e apresentou um documento de 1970, onde constava o pagamento à base de trabalho.

Havia plantações de café, e as pessoas criavam galinha e porcos, mas, de vez em quando, "o exército subia matando o porco dos outros adoidado", pois era proibido. Muitas das matanças eram próximas ao Natal.

Lavava a roupa nas bicas, e o fogão era alimentado com a lenha, depois substituída por querosene, que buscava nas construções dos prédios nas redondezas. Acompanhou a construção de quase todos os prédios do bairro.

Ao se depararem com o nome de Dona Renée no documento, ela demonstrou sua afinidade com a enfermeira que auxiliou muito a comunidade em sua formação e chegou a ser definida como líder devido suas reivindicações e a parceria estabelecida com a Associação.

Dona Edna é uma das poucas moradoras que recebe a Folia dos Reis, que só vai às casas das pessoas que os convidam. Eles "salvam" os lares com o canto de suas preces, comentou mostrando seu livro referente à religião. Citou também a procissão em reverência a Nossa Senhora das Graças, que saía da Babilônia e dava a volta no bairro, em romaria, acompanhada de uma banda de música, passando pela igreja do Rosário até retornar à comunidade.

Acredita muito em Deus, "porque, se não fosse Ele, eu não sei o que seria de mim", confessou. Vai à igreja quando seu coração manda ou lhe convém. É



católica, e diz que, atualmente, há muitos crentes na comunidade, enquanto antigamente era repleta de católicos. Com orgulho, falou de seu bisneto, que vai sempre à igreja, mas ainda é muito novo e não escolheu o caminho que irá trilhar. Frequenta a igreja católica e a evangélica.

Na parte cultural da comunidade, sua família teve representação, pois ela desfilava na ala das baianas pela escola de samba local, Aventureiros do Leme, e seu genro foi quem compôs o melhor samba enredo da escola até hoje. Joãozinho elaborou o Sinhá Maria. Com o passar do tempo, algumas companheiras faleceram, e ela foi perdendo o entusiasmo em desfilar. Nos últimos três anos, não participou mais. Com saudosismo, desabafou que "agora não tem mais graça".

Nunca se identificou muito com a política e não acha que os governantes fizeram muito pela comunidade, pois há muitas obras feitas pela prefeitura por cima do que já estava pronto, sem falar nas obras que deixaram incompletas. Estruturalmente, as mudanças são mínimas. Como eles não querem fazer nada, podiam, pelo menos, subsidiar os materiais ou dar empréstimos para as pessoas melhorarem o ambiente e suas vidas, opinou.

Fez uma comparação entre os tempos passados e o de agora, mencionando os recursos que os moradores têm hoje, pois, até para se locomover, antigamente era complicado, enquanto, hoje, há escadas, Kombi e moto-táxi.

Quando chovia, "as pessoas tinham que se segurar que nem gato para não cair". Com o passar do tempo, foi se acostumando a morar na cidade e só "sai do Chapéu agora se for para o cemitério", pois, em termos de comunidade, o Chapéu é um lugar muito conveniente, onde dá para se morar com tranquilidade. Tratando-se de educação, ela prefere a de antigamente a hoje, pois "há crianças, hoje, que dá até medo de conversar: estão muito desrespeitosas".

As mulheres não têm muito tempo para baterem papo em consequência das tarefas de casa ou de seus trabalhos, mas, aos domingos, ainda há um convívio entre elas. Nunca gostou de bebida, porém não consegue abandonar o cigarro; nunca usou pílulas ou teve de fazer um aborto. Não gosta de escutar músicas, mas, em compensação, estando com tempo, assiste às novelas o dia inteiro: vai das duas às onze se deixarem. Gostava de fazer colchas de retalho, mas, como sua visão está muito ruim, teve de parar.

Quando perguntaram se gostava da rádio comunitária, respondeu, surpresa, que nem sabia de sua existência, pois, na parte onde mora, o som não chega. Concordou que pode ser útil à comunidade se for bem articulada. Só criticou um aspecto, "o problema é quando você não está interessado em ouvir aquela música e não pode desligar".

Com tristeza, lembrou do falecimento de uma vizinha que, abalada com a morte da filha, faleceu no mesmo dia, em meio ao enterro. Elas eram suas co-

Quando chovia as pessoas tinham que se segurar que nem gato para não cair.



Michelle e Edna na gravação da entrevista.

madres, madrinhas da Georgina, sua filha.

Desde sua chegada à cidade, só conheceu, por inteiro, o Pão-de-Açúcar, o Cristo Redentor e a Igreja da Penha por causa da dificuldade em pagar a passagem dos seus netos e bisnetos, já que não gosta de sair sozinha. Acostumou-se bem à evolução tecnológica que, a seu ver trouxe muita comodidade em determinados aspectos.

Com curiosidade, comentou sobre o nome da comunidade, que dizem ter sido batizada pelos antigos moradores devido a uma mangueira plantada no alto do morro e, provavelmente, por este ser mais baixo que a Babilônia, assim chamaram-no: uma mangueira simbolizando o chapéu do local.

Hoje, devido às circunstâncias, não trabalha mais, já que "ninguém aceita velho para trabalhar", e fica em casa cuidando das crianças ou vendo televisão. Passou por diversas ca-

sas em seu trabalho, sempre foi bem tratada, e, hoje, muitos dos seus patrões já morreram.

Não possui nenhum sonho mais na vida. Cansada de sua batalha, diz que, agora, está "só esperando a chegada da preciosa". Sem motivação para as coisas, pretende permanecer em "sossego absoluto", sorrindo confessou.

Encerrou a entrevista deixando sua mensagem às crianças para que elas tenham mais juízo e vejam mais as conseqüências de seus atos: "parece que estão cegos". Isso, para ela, é uma conseqüência do tempo, é uma característica das novas gerações, "pois tudo muda" e, hoje em dia, não se pode confiar em mais ninguém.

Hoje, sua neta, Edna, mora com os quatro filhos junto com ela. Todos estão entre 10 e 15 anos. .

# Gibeon de Brito Silva

Acervo NECC



*Por Ana Cristina Arruda*

Entrevista realizada  
em março de 2007

## Natural da Paraíba

Eu nasci na Paraíba. Cheguei aqui com quatro meses. Chegamos aqui em 1954.

Eu nasci na capital, João Pessoa. Tenho um irmão que morreu reclamando de ter saído de lá porque a gente morava num bairro de classe média, bem na praia lá em Tambaú. A casa era própria, era da minha mãe. Ele morreu reclamando que saiu da Paraíba pra morar no morro, aqui, no Rio de Janeiro.

## Infância

A infância aqui era infância mesmo, porque a gente tinha que usar da imaginação pra poder se divertir. Não é como hoje em dia que as crianças vivem diante dum computador, videogame. Essas coisas todas, não. A gente brincava de filme épico. A gente se vestia de El Cid, de Dartagnan, do Zorro, National kid, essas coisas todas. A gente brincava dessas coisas naquela época.

Tinha bem menos casas, e as casas eram bem menores, eram

casas de madeira, algumas de estuque. As telhas da maioria eram de lata mesmo, cortava lata de vinte, não era nem zinco, era lata de vinte que cortava e botava no telhado. Eu me lembro: na minha casa, quando chovia legal, tinha que trocar a cama de lugar. Ai pingava em cima da cama, botava a cama do outro lado. Ai começava a pingar lá. Ficava um tira e bota a cama, era bem difícil. O telhado era baixinho. Era uma coisa meio braba. A gente mesmo passava um perrengue e



Gibeon e Manuela na exibição do vídeo dele.

um aperto, que, hoje em dia, isso aqui é luxo pra gente .

A gente andava toda a comunidade, porque as brincadeiras eram mais livres, eram mais soltas. A gente brincava de pique 1,2,3, bandeirinha, essa coisa toda. As brincadeiras da gente incluía toda a juventude. Brincando a gente corria isso aqui tudo, subia nas árvores. Tinha árvores de montão. Tinha árvore em toda comunidade. Tinha carambola, sapoti. Uma fruta amarela, que a gente chama de trapiá. Lá atrás do galpão, ainda tem uma árvore dessa fruta, mas só que ela foi ocupada por uma erva, e aí não dá fruta. Mas tinha manga, bastante manga e bananeira. Alguns vizinhos tinham cana. Mal crescia, a gente ia lá na noite e passava o facão na cana do vizinho. Dona Ambrósia mesmo, dona Ambrósia plantava o feixe de cana. A gente pegava a cana. A arte da gente era essa na época. Pegava uma cana, no vizinho. Às vezes, acertava o telhado do vizinho tentando derrubar manga. Quantas vezes a dona Dionita expulsou a

gente de lá? Tinha um pé de manga na casa dela, eram aquelas mangas carlotinha, redondinhas, uma delícia!

### Lazer

Aqui teve três, quatro times de futebol. Os times de futebol eram a diversão da gente. Anterior à minha geração, tinha o Flaminguinho, tinha o Unidos do Leme, tinha o Cruzada, que era lá de cima, e o Triunfo também. Mais pra minha geração foi que surgiu o Embalo, que até hoje tá aí. O Embalo era daqui do Chapéu Mangueira. O Cacto era o rival do Embalo, era o time onde eu jogava. Tinha o Nacional, que era mais ali da frente, que a gente chama Beira do Mangue, e o Eco, que era lá da Babilônia. Hoje em dia, a gente só tem um time das duas comunidades, que é o Embalo, e ele só joga na praia.

Os times daqui eram todos eles de campo. O Embalo, inclusive jogou com times que hoje já estão na segunda divisão: jogou com o Tomazinho, o Goytacazes, Araruama, jogou contra o Colatina, que é time lá do Espírito Santo. Alguns times eram de primeira e segunda divisão, com estádio mesmo, fechado, com cobrança de ingressos. A gente saiu daqui muitas vezes pra se divertir assim.

Um dia, o falecido Bola chamou a rapaziada pra participar do mutirão. Ele foi em cima do Artur, que era uma liderança da juventude, era o fundador do Embalo, "Artur, vocês podiam dar uma força pra gente no domingo, pra participar do mutirão". Ele falou: "Olha, a gente participa desse mutirão toda vez. A gente

deixa de ir ao nosso lazer pra participar de mutirão. Só que é o seguinte: a gente trabalha a vida toda pra botar água na comunidade, pra botar luz, botar isso aquilo outro, mas nunca a comunidade, a associação, arruma um espaço de diversão pra gente, pra juventude". Essa reclamação ele fez foi em 1978. Então foi fundado o Aventureiros do Leme, um espaço de lazer dentro da comunidade para os moradores. Antes não havia nada. A gente saía porque não tinha opção.

Hoje, nós temos opções bem maiores que antigamente, tanto dentro quanto fora da comunidade. Mas o Aventureiros foi o que abriu este espaço. Não é bem espaço, é uma agremiação, uma agremiação que oferece um lazer dentro da comunidade pra gente. Antes era o Embalo, e passou o período que cada um saía daqui pra viver a sua vida de lazer lá fora.

Eu, por exemplo, eu e minha esposa, mais alguns que saíam com a gente, íamos muito pro subúrbio, Rocha Miranda, Coléginho, Guadalupe, esses clubes todinhos da Zona Norte. Eram os que a gente frequentava, porque, nesse período, a Zona Norte, era o espaço de lazer do Black. Do famoso Black Rio. Aqui na Zona Sul, era mais um som assim discoteca. A gente chamava de cocota. O modo de se vestir era diferente, a linguagem era totalmente diferente. E nós, que moramos aqui, na Zona Sul, moramos aqui, no morro, tivemos a felicidade de viver esses dois convívios. Então a gente viveu essa época boa

do Black Rio e a melhor época do nosso samba, do pagode, do pagode que era feito de mesa, os pagodes do Cacique de Ramos. Essa coisa, a gente viveu dentro e fora da comunidade.

### União de culturas

O pessoal que veio aqui pro morro, veio de várias regiões do Brasil. Eles vieram trazendo, claro, as suas culturas e foram se juntando, foram se juntando. Tanto que eu acho que a cultura do Rio é um pouco uma mistura das outras características do Brasil e com influências estrangeiras, principalmente do negro. A gente vê a influência do que a gente chama do soul, do funk, do hip hop, do samba, essas coisas, tudo é cultura, vêm do povo negro. Então foram as características que se juntaram. O negro que veio de Minas pra cá trouxe a Folia de Reis e tinha bastante Folia de Reis aqui na comunidade. A gente tinha três Folia de Reis. Jongo, até hoje tem gente que gosta dum jongo, dum calango... Então foi-se misturando isso tudo com a convivência. Claro que a gente sempre viveu próximo aqui dos bacanas, do pessoal lá de baixo. Por exemplo, a primeira música que eu ouvi do James Brown, o primeiro disco, foi lá em baixo. Não foi aqui em cima. Foram pessoas lá de baixo que gostavam do blues, gostavam do soul, trazendo de fora os discos. A gente ouviu lá e depois a gente foi curtir na convivência da gente, no meio da gente mesmo. Época que o Big Boy e o Santos, começaram a fazer os bailes com essa mistura-

A cultura do Rio é um pouco uma mistura das outras características do Brasil e com influências estrangeiras.



A gente bebia um  
leite que vinha da  
Aliança Francesa,  
vinha da França, um  
leite que era doado  
para as comunida-  
des mais pobres  
aqui no Rio.

da toda. Mas a gente não esquecia o nosso convívio aqui.

A rapaziada aqui sempre viveu o surf, tanto desde a época daquela prancha de madeirite grande até o que eles chamam hoje de body board. Durante a manhã, o cara ia pra praia, tomar o banho dele na praia, curtir a praia e, à noite, ia para os bailes da vida. Têm uns que iam pra gafieira. Quem pegou época da gafieira, tinha umas boas. Outros iam para o subúrbio, pro samba. Tem uma rapaziada daqui que sempre foi chegada à Escola de Samba.

A gente tinha menos facilidade pra algumas coisas. Se a gente tinha uma vivência mais solta, mais liberada, naquela época a gente tinha mais inocência e corria menos risco. Hoje em dia, a gente vê que o risco está dentro da comunidade. Antigamente, a gente podia ir pra rua, passar o dia todo na praia que a gente não era criança de rua, não era menor abandonado. Se hoje em dia uma criança for fazer isso, vai ser tratado como menor abandonado. Só que as dificuldades obrigaram a nossa geração a lutar muito. A gente lutava. Hoje em dia, a gente vê essas crianças aí, aqui no morro: eles têm, em casa, Mucilon, Nescau, Neston... A gente bebia um leite que vinha da Aliança Francesa, vinha da França, um leite que era doado para as comunidades mais pobres aqui no Rio. E a gente recebia. Era o leite que a gente bebia.

### Dona Renée

Era Dona Renée quem conseguia esse leite. A comunida-

de sempre teve uma relação boa com o exterior, e era onde se facilitavam algumas coisas aqui para a comunidade. Pra mim, quem começou tudo isso foi dona Renée. Ela chegou aqui por volta de 1952, 53. Eu já disse isso em outras entrevistas: se uma comunidade quiser crescer, antes de fazer uma escola, antes de fazer uma sede pra Associação, até uma creche, faz um posto médico. Faz um posto médico porque é o seguinte: aqui tudo cresceu a partir da dona Renée e a partir do posto médico que ela criou. Ela criou um posto médico, e esse posto médico propiciou o crescimento restante. Os moradores da Babilônia freqüentam o Posto Médico da gente. A creche atende às duas comunidades da mesma forma. Mas, não foi sempre assim. O Posto Médico e as coisas que a associação ia criando era exclusivamente pra a comunidade do Chapéu Mangueira. As coisas que foram criadas aqui foram importantes, mas elas só foram possíveis de serem criadas justamente por causa do Posto Médico. Ele que determinava para a Associação: "olha, se vocês quiserem resolver o problema de diarreia das crianças, não basta só dar o remédio, vai ter que colocar elas num lugar melhor do que elas estão vivendo. Se não é possível, resolver isso dentro de casa, a gente vai ter que arrumar um espaço, pra resolver isso aí. Para as crianças começarem a aprender a se lavar, lavar as mãos, tomar banho, essas coisas todas". Então, o Posto Médico é que determinava aquilo que era prioridade para

Associação, independente da nossa luta principal, que era por moradia. Na época, a gente vivia uma época muito braba, que era a época das remoções do Carlos Lacerda.

## Remoções

O Favela Bairro não é nada mais que um projeto por que a gente sempre lutou na vida toda, que era a urbanização de favelas. E o que a gente queria não era o Favela-Bairro. A gente queria urbanização na favela, porque eu prefiro a minha comunidade com o nome de favela, Morro Chapéu Mangueira, mas que tenha as condições que o poder público me permite, as condições de uma convivência digna na minha comunidade.

Os fatos acontecidos aqui a gente considera históricos, não só pra cá, mas pra todo Rio de Janeiro. Porque a gente acredita que tenha sido esse fato que tenha derrubado a Lei da Leão Treze, que não permitia a construção de casas de alvenaria na comunidade. Por volta de 1970, 75, 76, uma senhora fez um banheiro pra casa dela, um banheiro de tijolo, de alvenaria, e o tenente que tomava conta daqui, veio e mandou ela derrubar o banheiro, que não podia fazer casa de alvenaria, que era proibido fazer casa de alvenaria. Ela falou que não era uma casa, era um banheiro, pra, quando a gente fizer as nossas necessidades, o pessoal do prédio não ficar vendo a gente ficar exposto aqui. Ele virou e falou pra ela: "Olha, a senhora me desculpe, mas vocês são favelados, vocês têm que fazer numa latinha, num jornal,

enrolar o jornal e jogar lá para baixo". Ela falou "o Senhor não podia estar falando assim desse jeito com a gente, não! Não vou derrubar porque eu tenho autorização do seu Lúcio - o seu Lúcio era presidente. Se o senhor quiser, o senhor chama ele lá pra derrubar". Aí ele foi lá no seu Lúcio. Seu Lúcio falou "eu não vou derrubar nada. Como é que vocês vêem um negócio desse e falam que vai obrigar a gente a derrubar a casa. Não, não vamos derrubar nada, não!". "Então eu vou levar o senhor preso!". "Então você me leva preso".

Aí ele foi levando o seu Lúcio pra ladeira. Foi juntando aquele monte de gente atrás. Aí foram pressionando, pressionando, pressionando... Chegou lá, ele liberou o seu Lúcio, mas falou que ia voltar pra derrubar o banheiro e derrubar mais algumas outras casas que tinham feito com paredes de tijolo. Tinha pessoas que faziam paredes, e embolsavam rapidinho e depois diziam que era de es-



Gibeon e outros moradores durante o mutirão da Casa Grande.

Acervo NECC



Gibeon e Ana na gravação da entrevista.

tuque. Nesse mesmo período, a gente participava da Pastoral de Favelas. Ela era bem forte nessa época. A Pastoral Sul juntava todas as favelas daqui: Morro Azul, Cantagalo, Rocinha... E a gente discutia junto com a Igreja. Doutor Bento Rubião fazia parte do grupo que defendia a gente. A gente já sabia como se defender. Foi feita uma reunião dentro da comunidade com as lideranças: seu Lúcio, o Bola, a Benedita. Eles fizeram uma reunião e procuraram os advogados pra ver como ia defender a gente disso aí. Eles fizeram uma carta, umas três laudas de carta, era uma carta bem feita, e mandaram para o comandante da Praia Vermelha, que era o comandante também daqui do PO. Foi um morador que servia na Praia Vermelha, o Tavinho, que levou a carta. Ele era ordem e comanda do comandante: entregou a carta em mãos. O resultado disso foi que ele chegou aqui dizendo, na comunidade, que o tenente tinha sido transferido lá pra Amazônia. Se o tenente foi transfe-

rido pra Amazônia ou não, a gente não ficou sabendo, não importa. Só que ele nunca mais apareceu aqui. Nesse mesmo período, a doutora Eliana falou que a gente poderia construir as nossas casas de alvenaria, porque, se o governo fosse derrubar alguma casa, ele teria que indenizar. "O morador poderia ser removido, sim! Mas acontece que é o seguinte: eles vão ter que pagar o valor da sua casa, o que você gastou de mão-de-obra, o que você gastou de material, e transferir você pra um lugar, onde você tenha as mesmas condições daqui. Então, se o Governo não tiver condições de fazer isso, ele não vai derrubar a sua casa, não vai remover". Isso aí já era 80. Foi uma doença mesmo de construção. Todo mundo saiu construindo de alvenaria.

Em 82, a gente conseguiu eleger a Benedita como vereadora. Isso teve uma importância até bastante razoável, porque ela criou, dentro da gestão dela, uma Secretaria de Favelas. O secretário de favelas dela era o Bola. Ele já fazia um trabalho de conscientização, de criação de associações fora até do Rio. Têm muitas associações, as associações que, hoje em dia, tem esse símbolo da mãozinha, o símbolo de união, tudo herdado da idéia daqui. O Bola é que saiu espalhando, logo depois que a FAFERJ foi fundada. A Secretaria prestava um serviço de apoio muito importante para as lideranças, as pessoas que queriam formar associação, pessoas que estavam com problemas na associação...

## Trabalho Comunitário

Pra mim, o início do trabalho comunitário foi por causa de uma dívida. É uma dívida que tinha que pagar. Ah! Eu tô colocando uma dívida assim porque foi o que minha mãe deixou mais ou menos pra mim. O meu pai fazia parte duma diretoria aqui, da Comissão de Luz. Nesse período, estava juntando a Comissão de Luz com a Associação. Então ele, duma hora pra outra, foi lá pra Paraíba, com o dinheiro da Comissão de Luz. O dinheiro que era pra pagar a luz da comunidade. Nesse período, a Associação ficou sem Presidente, ninguém queria assumir porque como ia responder pelo resto que ficou? A Benedita aceitou assumir. Ela assumiu a Comissão de Luz. Foi lá pra acertar tudo e começou a trabalhar. Ai minha mãe virou pra mim e falou "olha, você pode dar uma ajuda lá à Benedita." - Eu tinha 17 anos na época. "Você pode dar uma contribuição pra ela, pra pelo menos, limpar o nome da nossa família." Eu comecei a trabalhar com a Benedita com essa intenção. Mas aí a gente foi pegando aquelas coisas da política, foi entendendo determinadas coisas. Nesse mesmo período a gente recebia muito material do seu Lúcio, do Bola, que faziam parte do Partidão. A gente foi juntando o que lia com respeito à política. Eles mandavam pra gente muitas questões teóricas do comunismo pra gente ler. E a gente estava vivendo aquilo ali, mais ou menos na prática, a gente estava vivendo ali, não era só a conta da luz da gente, na Associação. A gente também estava vivendo, nessa época, a questão das remoções e vivia, nessa época também, a ques-

tão da Ditadura. Nessa época, a gente tinha algumas pessoas, inclusive, que vinham se esconder aqui na comunidade. Então isso foi despertando uma consciência na gente, além da questão da ética, da questão da família, essas questões todas... A gente foi vendo também e aquecendo na gente a necessidade da luta pelas melhores condições de vida na comunidade. A gente foi juntando tudo e começou nesse período.

## Exemplos

A gente seguia as orientações e admirava a postura, além da forma de atuar, do Bola. Se hoje ele estivesse vivo, ele não perderia pra nenhum desses sociólogos que estão por aí, colocando um monte de coisas que, na realidade, nem viveram. O Bola foi a principal pessoa, mas a gente também pedia bastantes orientações ao seu Lúcio e à Benedita, que, se a gente for colocar assim, é a política de partido. Eu fui três vezes presidente da Associação, fui uma vez Diretor-Social, Secretário Interino, Secretario Geral e fui Vice-Presidente do conselho Fiscal da FAFERJ. Tudo encarregado por essas influências.

## Creche

Eu acredito que a gente tenha feito uma das últimas coisas principais dentro da comunidade. A gente passa hoje, entra na creche. A história dessa creche foi muito importante pra gente. Eu me lembro que, ainda pequeno, minha mãe tinha problema de não poder trabalhar fora. Minha mãe, que era uma excelente costureira, nunca pôde trabalhar pra nenhuma fábrica, porque ela tinha

A gente passa hoje,  
entra naquela  
Creche, a história  
dessa Creche foi  
muito importante  
pra gente.

A gente começou a mudar a geografia da comunidade, com aquele dinheiro. Que era pra fazer a Creche.

que trabalhar em casa porque tinha que tomar conta dos filhos. Então ela falava que uma creche faltava. Um dos sonhos dos diretores antigos, dos presidentes antigos, era exatamente a construção de uma creche. E a gente conseguiu realizar a construção dessa creche. Janeiro de 89, a Benedita trouxe aqui o cônsul do Canadá, e a gente viu que o cônsul ia fazer alguma coisa aqui na comunidade. A coisa que a gente mais admirava era aquele cônsul branquinho, no meio de três negonas: a Benedita, a esposa dele e a cunhada dele. Três negonas de 1 metro e 80 quase. A Benedita falou que a gente tinha feito isso, que a gente tinha feito aquilo outro. A gente fez a Casa Grande, a gente fez o Galpão de Artes, a gente fez o Posto Médico, a gente fez isso e aquilo outro... Sobrou uma brechinha e eu falei pra ela! "Benedita, você está falando pro cara que a gente fez isso tudo aí, que a gente tem tudo isso aí, ele não vai dar nada pra gente!". Ela falou: "Ele só vai dar porque a gente fez isso! Se a gente não tivesse feito, ele não ia dar". Aí a gente fez o projeto, mandou pra Pequenos Eventos, do Canadá. Não estava esperando muito, mas, de repente, veio a verba de lá. Acho que foram, primeiro, vinte mil dólares. Aquela época era época da inflação. Então a gente recebeu aquele dinheiro. Olha! Vocês não sabem o que a gente fez! A gente começou a mudar a geografia da comunidade, com aquele dinheiro. Era pra fazer a Creche, então a gente respeitava direitinho o que tinha que realizar pra Creche. Mas as aplicações... A gente comprou cano, começou a fazer mutirão, a

gente pagou mão de obra. A gente fazia mutirão aqui de juntar cem, duzentas pessoas. Acabamos com as valas. E fazendo a Creche. Na realidade, o dinheiro que ele deu, foi pra fazer uma sala. Quando veio a prestação de contas da gente, foi até uma senhora que veio, ela ficou boba. Ela falou "Não, gente, essa verba era pra fazer uma sala e vocês fizeram um prédio!". Aí a gente falou: "ainda bem que a gente fez um prédio, tá tudo aí prestado conta direitinho, você pode ver". E nós conseguimos terminar. Depois a gente recebeu mais quatorze mil dólares, que vieram de uma instituição no Canadá. O Ricardo Gouveia que era Coordenador da Arquitetura Comunitária da Santa Úrsula, que prestava assessoria pra gente na construção da Creche, foi pra Alemanha, levou o projeto e, quando voltou, voltou com essa boa resposta. A gente terminou a primeira parte da Creche, e, depois, a gente teve a ajuda aqui de uma senhora que mora aqui no Leme, dona Naná Sete Câmara. Ela acabou de fazer o acabamento pra gente, e a gente fez um projeto, com o Viva Rio que propiciou a gente conseguir aparelhar, junto com a dona Naná Sete Câmara.

### Gerações Futuras

Algumas coisas eu vejo com bons olhos, mas a maioria eu não vejo com bons olhos. Uma coisa cheguei à conclusão: essa geração dos meus filhos, da minha filha, vai ser uma geração mais conservadora que a nossa. Eles não vão permitir que os filhos deles estejam liberados pra algumas coisas que a gente liberou. A gente viveu uma época em



que a gente chegou à conclusão de que era proibido proibir. Então a gente tá tendo um retorno ao conservadorismo. Só que acontece que é o seguinte: eles estão indo sem uma característica boa da minha geração, que era liberal, mas, em compensação, era aberta para as coisas. Não se fechava naquele mundinho ali. Então é uma geração que vai sofrer mais que a gente. Tem a outra parte que não vai ter como se recuperar, porque, embora ela vá ser uma geração mais conservadora, vai ser uma geração muito mais alienada que a nossa. Isso eu vejo de uma forma negativa. Têm algumas coisas que a gente tinha esperança de que fossem resolvidas pela geração posterior, pois a gente já está largando mão de resolver essas coisas. A gente está vendo que quem está vindo atrás não vai ter peito de resolver, principalmente essa questão da Associação de Moradores. A gente tem influência hoje em dia que, na minha época, não teve. A gente tem influência do tráfico, a gente tem influência da política e a gente tem influência da Igreja.

A gente não segue mais o nosso padrão comunitário, a gente não segue mais um padrão de província. A gente segue um padrão internacional. Então o indivíduo é obrigado a conviver, hoje em dia, com um padrão que não está ao alcance dele. E, se tentar globalizar, conforme estão fazendo, vai ser prejudicial pra gente, porque é, nessa hora, que a gente vê que a gente tem mais cultura, a gente tem mais cultura no sentido

de folclore. Essas questões todas a gente tem mais que os outros povos.

### Jornal Comunitário

A gente tinha O Chapéu! O jornal que a gente criou em 1979, criado pelo grupo jovem. Uma forma alternativa de se comunicar. A gente lia o jornal da grande imprensa. Alguns de nós liam, nem todo mundo lia. Alguns passavam na banca e liam a manchete. Da manchete faziam toda a história! A gente criou O Chapéu com a intenção de estar fazendo uma comunicação mais direta com o morador da comunidade, mas a respeito da nossa situação. Vários jornais foram criados nas comunidades com a mesma intenção. Aliás, havia até um intercâmbio entre esses jornais, entre esses grupos, a gente fazia um intercâmbio com as outras comunidades.

### Coisas Boas do Passado

A principal coisa do passado que tá faltando é a solidariedade. Aqui, solidariedade era coisa mais comum, mas já começa a faltar um pouco. A fraternidade também. Ela também não se dá mais como antigamente. Outra coisa também é o respeito. Respeito principalmente aos mais velhos. Eu vou continuar acreditando que a gente tem muito a aprender com quem já viveu mais que a gente. A gente tem muito a aprender, e, hoje em dia, a gente vê uma geração que está mais preocupada com o seu crescimento, sem ver que a gente precisa preservar os mais velhos. .

A gente não segue mais o nosso padrão comunitário, a gente não segue mais um padrão de província. A gente segue um padrão internacional.

# Jorge Farias Cabral

Acervo NECC

*Por Ana Cristina Arruda  
e Tatiane Rocha*

Entrevista realizada  
em maio de 2005



No dia nove de maio de 2005, numa tarde nublada, Jorge Farias Cabral, o "seu" Jorge, nos recebeu em sua casa para um bate papo sobre as lembranças de sua vida como morador da favela do Chapéu Mangureira. Casado, pai de quatro filhas e com quatro netas, morador da comunidade há 34 anos, carioca do bairro de Botafogo. Do alto de seus quase 75 anos de vida, ele nos falou, durante uma hora, das diferenças entre os tempos e sobre a arte que mais gostava de praticar: a de escrever histórias.

## Escrever, só por prazer

Há dez anos que eu parei de escrever. Há dez anos. Não escrevo mais. Tá vendo minha máquina? Eu não quero nada com computador. Batia tudo na máquina de escrever. Tudo que eu via. Vou te dar um exemplo: minha avó, na época em que era viva, eu era garoto ainda, lia aquela revista "O Cruzeiro". Ela lia aquilo, ela não lia, ela não sabia ler, ela olhava as fotos, as fotografias, as figuras. Quando ela acabava de ler, ela me dava.

Eu lia, aquele trecho pequeninho assim, aquela letrelinha miúda. Aí, daquele trechinho assim, eu fazia duas, três páginas. Criava outros personagens, aumentava outros personagens, era assim que eu fazia. Depois, eu comecei a fazer da minha cabeça. O que eu pensava aqui, botava no papel. Eu ia trabalhar, estava trabalhando, pintando parede, eu estava marcando uma parede, pintando, tava pensando no que eu ia escrever mais tarde quando chegasse em

casa... Eu guardava no sub-consciente, no consciente... Chegava em casa, ó: tacava no papel e, depois, batia á máquina.

Tem um bocado aí guardado, mas eu já mostrei pra tanta gente...Já fui até roubado! Um dia, emprestei pra uma garota aí. Ela trabalhava com um cineasta, rodou um filme aqui, de que até participei, fiz uma figuraçãozinha, que um "cachezinho" não faz mal. Eu pedi a ela pra mostrar para ele, dá uma olhada, fazer uma avaliação, se valia à pena ou não. Depois que aconteceu isso, eu decidi não escrever mais. Minha máquina "achou" de parar também, aí eu "achei" de parar. O que eles vão fazer com aquilo, eu não sei. Se não tivesse utilidade nenhuma, eles não iam fazer isso, né? Aí, acho que não vale nada, pode queimar. Isso aí me desanimou muito; desde o ano passado também esfriei. Agora, estou parado de escrever.

Pintar idéia, pinta. Tanto é que eu estou com uma estória aí pra terminar... Já está quase no final. Tem 400 e tantas páginas, 430 e poucas páginas, qualquer coisa assim. Eu já até esqueci... Fica jogada lá no canto. Mas eu gosto de escrever, tanto de ler quanto de escrever. Mas aí, é isso. A gente fica nessa luta, com a esperança de que Deus ajude que a gente seja reconhecido, pelo menos reconhecido. Riqueza não carece, não, que a gente não vai ficar rico mesmo. Dinheiro que é bom, nunca vem, não aparece (*risos*). Mas aí, a gente vai, pelo menos, ser uma pessoa séria. Um cara que se acha gente, por exemplo. Eu não

tive apoio de ninguém. Só Nailton (Prof. Nailton de Agostinho Maia). Nailton sempre me deu apoio. Estou até em falta com ele, tem muito tempo que não ligo pra ele. Já me chamou duas vezes pra passeio e eu não fui. Mas também não pude, falta de oportunidade. Toda vez que ele me chama, o horário está meio impróprio. Ele sempre me ajudou muito, o Nailton. Ele já leu a minha estória toda. Ficou uns tempos lá, ele leu: "tá bom, sua estória está ótima". Só ele falou isso, só ele. O resto? Ninguém se interessou.

A máquina de escrever, eu comprei essa máquina, não era nem minha. Eu comprei pra minhas filhas, quando elas começaram a fazer o curso de datilografia. Ela (*uma das filhas*) disse: "Pai, eu quero aprender a escrever à máquina". "Tudo bem, eu vou comprar uma máquina pra você". Aí, eu comprei. Elas aprenderam a bater, e eu "cato milho". Eu não sei bater, mas dá pro gasto. Mesmo catando milho, eu vou embora.

Já procurei fita pra máquina, mas só tem negócio de computador. A minha filha tem computador, mas eu não sei lidar com aquilo. Não consigo lidar com aquilo, com aquela peça... Me atrapalho, nem tento mexer, pra não estragar. Depois vai dizer que fui eu que quebrei.

O Nailton queria que os garotos me ensinassem computação, informática, né? Eu não quis, eu larguei, abandonei. Tem lá um rapaz novo, moça nova, meninos que estão na flor da idade, aí tudo é mais fácil. Agora, pra gente velha, já com uma

Pintar idéia, pinta.

Tanto é que eu estou com uma estória aí prá terminar... já tá quase no final. Tem... 400 e tantas páginas.

Eu fazia de tudo. Eu sou assim, desse tipo de gente... essa sala aqui, por exemplo, quem fez fui eu.

idade, nada é fácil, não. Tem que se conformar e ir levando a vida. Com doença, com tudo em cima, nós vamos embora!

### Minha vida, minha luta

Aqui no morro, eu fazia jornal, fazia rádio, escrevia as matérias com o Gibeon (*morador da comunidade*), apresentava, fazia o jornalzinho lá na Facha, só notícia local, só local, aqui do local. Naquela época, a gente podia trabalhar mais à vontade. Agora mudou tudo aqui.

Meu nome na coluna do jornal (*"O Chapéu", jornal comunitário produzido pelos moradores*) era a coluna do Jorge "Pipoca". Eu era pintor e pipoqueiro. Trabalhava na obra e, de tarde, quando saía, ia pegar a carrocinha que ficava na igreja e de lá mesmo saía e ia ganhar uns trocadinhos. Mas eu não vendia quase nada e desisti. Nem vendi a carroça, eu dei. A gente vai vivendo, se eu for te contar tudo mesmo, Nossa Senhora! Aqui tem uma pessoa conversando, conta uma coisa, e isso dá pra fazer alguma coisa (*escrever uma estória*). Ai eu sentava na máquina de escrever, começava a pensar, pensar, pensar e estava fazendo o que eu queria fazer. Eu tenho muita coisa escrita, tenho um bocado de coisa escrita, está tudo jogado lá no canto...

Eu escrevia sobre tudo. Noticiário geral. O jornal era sobre as notícias da comunidade. Tanto falava bem da comunidade, como "metia o pau" também (*risos*). Mas era assim: a gente fazia tudo com vontade. A gente fazia a coisa na direção certa,

pra fazer um trabalho pra todo mundo ficar satisfeito. Agora você não pode falar mais nada. O "Tiziu" (*morador da Babilônia, comunidade vizinha ao Chapéu Mangueira*) estava com uns quatro horários pra mim. Pra que ele está me chamando pra ir pra rádio. Ele pergunta: "Quando é que você vai aparecer?" Eu digo: "Não vou, não". Não vou. Por causa de quê? Vou ficar com a minha mão "presa" e não poder escrever o que eu quero. Vou fazer recado pra estranho? Não. Ai, eu parei.

Eu fazia de tudo. Eu sou assim, desse tipo de gente. Esta sala (*sala da casa do seu Jorge, onde foi feita a entrevista*) aqui, por exemplo, quem fez fui eu. Sem ter engenheiro, sem ter nada, sem planta, sem nada. Tudo era eu que ia fazer. Sem planta, sem nada, eu levantei até lá em cima, tijolo por tijolo. Lá na laje, eu tive ajuda, tive que fazer com alguém.

Morei na Catacumba, depois eu fui pra Senador Camará. Pior do que lá na Catacumba. Depois fui pra Manguinhos. Até que lá não era ruim, não. Um apartamento, apartamento de pobre, né? Deu uma chuva lá, em 1972. Estava lá desde 1970. 72 deu um toró d'água, que entrou água dentro de casa que foi quase no teto. Tive que tirar minhas filhas correndo, pra botar para o andar de cima. Foi por aí.

A melhor favela da zona sul é esta aqui, apesar de tudo. Apesar de tudo, esta aqui ainda é a melhor favela. Eu criei minhas filhas aqui, todo mundo. E, hoje, tem gente aí que tem criança pequenininha, que já

está casado, tem filho já, o ruim é que pega, né? Mas já faz parte da vida. Eu, graças a Deus, tive só mulher. Mulher dá menos trabalho.

Todo mundo da família mora aqui. Não aqui em casa. Aqui em casa, moramos eu, minha mulher e a Kika. O nome dela é Andréia, o apelido é Kika. Essa é a que mora aqui, mas tem outra filha que mora do lado de lá; tem uma aqui nos fundos, casada também, viúva, o marido já morreu. E tem uma outra, mãe dessa menina que está aqui (uma menina que entrou enquanto conversávamos e foi para o andar de cima).

*Essa "branquelona"... é que o pai dela é claro. Mas, é isso. A gente vai lutando, vai vivendo... mas, apesar de tudo, eu gosto daqui. É um bom lugar.*

### Pai disciplinador

*As minhas filhas com 10, 12 anos gostavam de passear, de festa, tinha aquele negócio de namoro escondido. Aí, quando tinha festa aqui no morro, elas pediam: "Pai, deixa eu ir na festa do fulano de tal?". Eu dizia: "não". Aí, chorava, pedia, implorava: "ah, pai...". Eu dizia: "até tal hora, não pode passar dessa hora. Quando vocês ouvirem o apito...". Eu tinha um apito de jogar futebol. Eu era juiz, de vez em quando eu apitava. Eu tenho o apito até hoje, está guardado aqui, junto com uns troços velhos. Aquele apito, quando soava, todo mundo saía correndo. Aquele que não saía correndo, eu ia buscar. E aí, a ordem que eu dava, se desobedecesse, chegava aqui e ó... (gesto das mãos se batendo,*

*como se fosse palmadas). Mas não batia pra valer, pra machucar, não. Dava na perna. Uma palmadinha só, pra aprender a obedecer. E era assim: meus filhos foram "tudo criado" nesse ritmo. Hoje, eu vejo criança que a gente fala e: "Ah! Vai prá isso!". Fala um monte de bobagem, garoto pequenininho. Nossa senhora! Mudou muito, mudou demais. Conforme vai mudando, as crianças também mudam, os sentimentos vão mudando. É isso aí, menina! A vida não é fácil, não!*

### Saudades daquela época

Antigamente, era tipo mutirão. A pessoa ia fazer a casa dele, aí: "Domingo vou montar minha laje". Não precisava chamar, não. Todo mundo aparecia na hora certa. Às vezes encontrava com os amigos, que todo mundo era amigo nessa época, né? Contava com as pessoas, ia o dobro, às vezes o triplo. Enchia a casa dele (do amigo), de gente pra fazer o trabalho. Hoje em dia, não tem mais isso; hoje, aqui, ninguém trabalha se não for pago. Se não for remunerado, ninguém trabalha. Se você vai fazer sua casa, se vira. Vou lá "puxar", ajudar. Ajudar a fazer uma massa, virar concreto, essas coisas que tem lá (na obra). Antigamente, era melhor. Aquela creche, já dura, ó... Eu trabalhei desde a fundação, ali. Aí que desanima, sabe? Esse clima me entristeceu muito. Nós, quer dizer, falo de um modo geral, ali tinha 150 homens trabalhando e mulheres também, misturados, ajudando. E nós, que trabalhamos da fundação

Antigamente, era tipo mutirão. A pessoa ia fazer a casa dele, aí: "Domingo vou montar minha laje".



até lá em cima, hoje não temos nem o direito de entrar. Eles botaram, sei lá, o "poder" tomou, o dono, o "mais forte".

Eu também já ajudei muita gente! Eu sempre procurei ajudar todo mundo. "Fulano, você pode fazer isso prá mim?". Trocar uma porta, trocar uma janela... fazer um banheiro. Vou lá, ia lá! Trabalhava, ajudava mesmo, sem interesse em nada. Tomava uma cerveja depois. Uma cervejinha é de lei. Era assim, todo mundo, era unido. Hoje, acabou isso tudo. Não tem mais aquela união que tinha, não. Hoje aquele tipo de camarada que tinha antigamente, não existe mais. Não tem mais, não. Acabou. Tem umas reminiscências.

Eu conheci Dona Renée. Não vou dizer que conheci profundamente, porque, quando eu cheguei aqui, ela já estava, mas foi muito pouco tempo, uns cinco ou seis anos mais ou menos. Eu a conheci e trabalhei junto com ela. Respeitei muito ela, porque ela não queria esse negócio de a pessoa discutir com ela. Ela enfrentava mesmo. Se ela não gostasse do que a pessoa falasse, aí o bicho pegava. Mas ela era influente, tinha muita influência aí por baixo (fora da favela). Ela fez muito por este morro também. O posto médico, a igreja, ela lutou muito por isso. Arumava verba na rua, doação de fora (do país) também.

Quando tinha mutirão, ela vinha bater na porta de cada um, chamando, intimando pra ir para o mutirão, qualquer tipo de mutirão. Ela era braba! E era respeitada, muito respeitada. Quando ela batia na porta: "Ei, aco-

da, vamos embora!". *Com pancada mesmo.* Quem estava dormindo, tinha que acordar. "Ah! Eu estou cansado, cheguei agora de tal lugar!". "Não tem nada disso, não! Tem que aparecer! Se não aparecer, vai se ver comigo!". Ela era terrível mesmo! Foi ela que, praticamente, melhorou esse morro aqui o quanto pôde.

É, mas não tenho o que reclamar da vida, não. Tenho o que reclamar porque sou aposentado, ganho uma "merreca" de dinheiro que não dá pra fazer o que a gente quer, mas tô vivo. Não estou com saúde também, estou meio balançado, mas faz parte da vida, estou ficando velho mesmo. Estou ficando, não! Já estou velho! Porque com 74 anos ninguém é mais novo. Já chegou na terceira idade e está chegando ao final. Só que ninguém sabe quando é que vai ser e não tenho medo. .

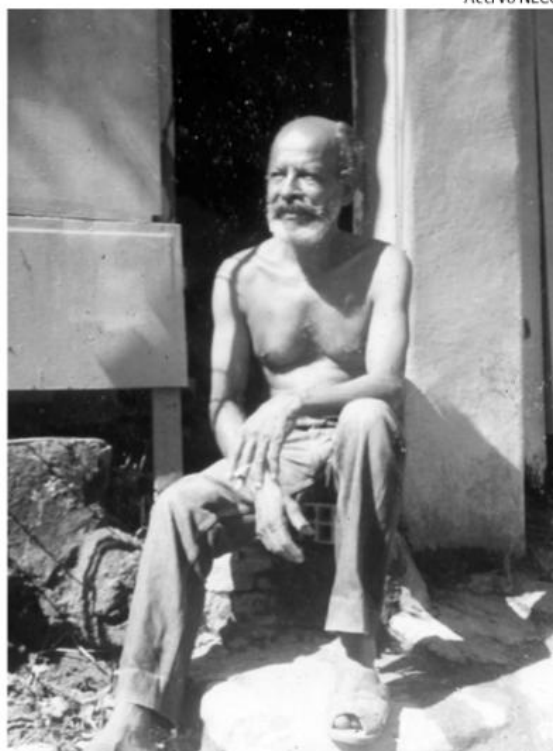
A entrevista se encerra. Ainda conversamos um pouco, a caminho do portão. Alguns meses depois, ligo para seu Jorge e a esposa me informa que ele está prestes a fazer uma cirurgia. Na ligação, dona Celi conta que seu Jorge está com a pressão alta, o que impossibilita o procedimento cirúrgico. Estimo-lhe as melhoras e fico de ligar depois, *para gravarmos a entrevista com câmeras de vídeo. Infelizmente, essa gravação não aconteceu. Seu Jorge nos deixou no dia 08/09/05. Em minha lembrança, resta a imagem daquele simpático senhor, ostentando em seu rosto as marcas de uma vida construída no esforço pessoal, acenando para mim. Naquele momento, não pensei que seria o último. Restou, também, uma lição importante: a relação estabelecida entre as pessoas é a herança moral que devemos conservar e transmitir para as gerações seguintes. A morte é a ruptura dos laços entre os amigos, parentes e, a partir do momento em que se estabelece, não temos como resgatar o que se vai com a pessoa. Por isso, devemos alimentar e valorizar as relações humanas, compreendendo cada um por aquilo que lhe é particular: as diferenças.*

# Lúcio de Paula e Bispo

Acervo NECC

*Por Ana Cristina Arruda*

Entrevista realizada  
em agosto de 2007



Antes de vir com seu irmão mais velho para o Rio de Janeiro, Lúcio de Paula e Bispo, o Seu Lúcio, morou em Curvelo no norte de Minas, "onde nosso presidente tem uma grande fazenda". No meio do caminho, trabalhou durante três meses em Belo Horizonte como auxiliar de construção civil, pois havia sido recomendado devido seu profissionalismo. Seu irmão era mecânico e, logo que chegou ao Rio de Janeiro, começou a trabalhar na oficina Itapemirim, chamando-o pouco

depois para ajudá-lo, pois teria um salário melhor do que recebia. A oficina mecânica Itapemirim era onde fica o Rio Sul hoje. Ficava ao lado de um colégio de irmãs. Apesar de não entender nada de mecânica, logo se adaptou às ordens do irmão. Tinha 18 anos.

Em 1946, já estava trabalhando com obras novamente e morou durante um período na própria construção, que ficava na Avenida Atlântica com Duvivier. Foi nessa época que ele conheceu a Babilônia e o Chapéu Mangueira,

pois ia aos forrós a convite dos seus companheiros de trabalho. Um dia, já gostando do lugar, surgiu a oportunidade de comprar uma casa, a mesma onde está até hoje, desde 1950.

Antes de morar no Chapéu Mangueira, ele construiu, junto com outros amigos, em 1946, um lugarejo atrás do Pinel. Construíram as casas sobre terrenos que lhes eram vendidos, graças às madeiras que tinham acesso nas sobras das obras onde trabalhavam. Em 1947, mandaram



Lúcio e Ana na gravação da entrevista.

remover toda a favela antes mesmo de ela ser batizada em meio às três Forças Armadas. Se a pessoa desmanchasse seu próprio barracão, eles davam as condições adequadas para o desapropriado voltar ao seu terreno e, caso não o tivesse, era paga sua passagem de volta ao seu local de origem. Seu Lúcio tinha comprado em 1947 um terreno em Vilar dos Telles, mas, naquele momento foi despejado perto de onde hoje é a refinaria de Petróleo. Construíram e sanearam o local tornando-o um anexo à favela da Alegria. Em 1949, fez um acordo com a Polícia Especial, que, em contrato, lhe permitia morar no terreno de Vilar dos Telles onde ficou até o fim do ano, quando foi morar definitivamente no Chapéu Mangueira.

Mudou-se com toda a família para o Leme, exceto seu irmão, que sempre foi independente. As paredes da casa eram feitas de caixotes de bacalhau, enquanto o telhado era revestido com pedaços de latas de 20 litros. Improvisaram

o fogão com essas mesmas latas: não havia gás na época. Essas dificuldades foram enfrentadas de forma menos penosa por seu Lúcio já que, no interior, as condições eram mais precárias. Quanto à luz, os de maior poder aquisitivo tinham lâmpadas, mas, fora de casa, "você tinha que fazer igual vagalume, sua pupila resolve o problema" diante da falta de claridade.

Possui atualmente 43 netos, quinze bisnetos e dez filhos, espalhados pela comunidade e no subúrbio. Sua formação foi católica e a transmitiu para sua família, que possui, hoje, alguns evangélicos. Quando era criança, "invés de ser crime, era pecado; então todo mundo tinha medo de ser castigado", Daí haveria menos crimes e mais tranquilidade.

Com a chegada da Dona Renée, enfermeira francesa que acabou se tornando líder da comunidade, começaram as organizações dos mutirões e, logo, formaram o comitê do Chapéu Mangueira, em 1957, que viabilizou as reivindicações dos moradores, como a chegada da água encanada, luz e esgoto. Houve um período em que a organização procedia informalmente até que, em 1960, resolveram fundar a Associação dos Moradores da comunidade e, em 1966 Seu Lúcio se tornou o primeiro presidente dela, legalmente eleito e registrado. Sua secretária era a Benedita. Dava assistência às mulheres. O tesoureiro era o Bola. E aí começou toda a organização necessária para se comunicarem com as autoridades.

Para as exigências por eles formuladas serem atendidas, foram necessários registros em cartório para, através de documentações,

legitimarem seus cargos na Associação e também terem o controle do que se passava internamente. Todo esse ritual burocrático contava com a presença do Serviço Social, que participava do pleito eleitoral, e também da Delegacia Militar do Comando Leste, que vistoriavam a documentação e marcavam as eleições para dois anos depois do encontro, dando-lhes tempo de se organizarem.

Havia uma D.P.O do Exército supervisionando as movimentações no morro, e quando eram feitas as eleições, o tenente junto com a assistente social e o administrador regional apuravam os resultados, marcando a posse da nova diretoria. Para consolidar as organizações, eles entravam em contato com as outras comunidades, através da FAFEG – Federação de Favelas da Guanabara, no intuito de evitar qualquer tipo de remoção dando reconhecimento às áreas. Se tornou vice-presidente desse órgão, levando consigo a Benedita e o Bola para assumirem outros cargos. Passaram a requerer o que lhes faltavam e a organizar congressos e seminários. O apoio da Igreja Católica e de advogados, como Sobral Pinto e Bento Pires Rubião, foram muito importantes frente às autoridades.

No período entre a fundação e regulamentação da Associação, foi instalada a canalização de água com auxílio da Mercedes Bens e Cruzada São Sebastião, em 1962, no governo de Lacerda. Até então, buscavam água nas minas, inclusive no bicão que ficava ao fundo do edifício Montese. A luz, primeiramente, foi disponibilizada para cem moradores pela Comissão da Luz, pelo seu maior poder aquisiti-

vo. A porcentagem que arrecadava no excesso da taxa cobrada pela light investiam em projetos sociais, agindo paralelamente à Associação, até que, em 1966, o sistema elétrico foi ampliado a ponto de atender toda a comunidade. Somente em 1982, durante o governo Brizola, é que foi instalado o sistema sanitário e o elétrico que se encontram em vigor. Nesse meio tempo, Dona Regina, na época representante da Associação, começou a se envolver com os projetos sociais desenvolvidos no território. Exemplo: o departamento feminino, que levantava fundos através de várias formas para organizar as coisas da comunidade.

Sua definição sobre a associação é bem clara: "Os objetivos da associação giravam em torno do homem, bem-estar do homem, a sua participação, melhoria social e cultural para levantar a sua autoestima", pois, quando eram feitos projetos elaborados pelos órgãos municipais, eram dados continuidade ou aperfeiçoamento ao que já estava feito porque, estruturalmente, os moradores se viravam por conta própria em busca das melhorias.

Como exemplo, é o caso dos chás beneficentes que o General Lott e a Teresinha Muran organizavam três vezes ao mês, funcionando, na verdade, como uma forma de estigmatizar os favelados, pois os recursos não eram vistos em produção enquanto a fama de coitados, alimentada por artigos como os de Ibrahim Sued por exemplo, explicitava a inferioridade formulada pelas elites. Na época da revolução, a Fafeg tinha muita força em decorrência de não terem uma sede fixa que viabilizava reuniões,

Os objetivos da  
associação giravam  
em torno do  
homem, bem-estar  
do homem, a sua  
participação,  
melhoria social e  
cultural para levantar  
a sua auto-estima.

Havia um cabo de  
aço delimitando o  
espaço autorizado à  
construção, ultra-  
passando esse limite  
o cidadão seria reti-  
rado a fogo e ferro.

pois todos os órgãos da sociedade civil eram destruídos pelo regime como os sindicatos e sedes estudantis. As reuniões eram feitas também na ABL e OAB, por exemplo.

É importante destacar a realização de vários mutirões em todo esse processo, pois, através deles, foram erguidos posto médico, escola e diversas casas. Foi um meio de interação entre os moradores a fim de buscar a melhoria do seu ambiente e de moradia, que, mesmo através da diversidade cultural do local, com moradores de vários estados e credos distintos, resultou em um ótimo trabalho. Antes e nos intervalos, seu Lúcio e dona Renée davam palestras para instruírem os trabalhos que estavam sendo arquitetados. Atualmente, as pessoas preferem realizar "mutirões de ofício", ficando dependentes da manifestação alheia em vez de colocarem a mão na massa. Ainda nasceu o poder paralelo, tráfico de drogas e criminalidade, que se articulou após a ditadura militar, gerando conflitos internos e dificultando esse tipo de interação. É um sintoma conjuntural.

Em relação às queixas por parte de moradores, criticando a corrupção que havia nas gestões da Associação, tanto seu Lúcio quanto dona Regina afirmam ter tudo documentado nas prestações de conta e que nunca se beneficiaram com desvios de dinheiro nem nada referente à propina. Tudo era destinado para o bem-estar da comunidade.

Seu Lúcio resgatou de sua memória um momento em que chegou às suas mãos uma arma calibre 32, encontrada nas mãos de

uma criança de doze anos no meio da comunidade. Seu procedimento foi entregá-la na delegacia, onde protocolou o ocorrido, registrando-o na Associação. Trazer um caso como esse para os dias de hoje torna-se algo muito distante, pois uma conduta dessa é praticamente inviável frente à situação que a violência se encontra no Estado e os métodos que a polícia utiliza para reprimi-lo.

Um fato curioso da época, que aborda um tema muito discutido atualmente, o aborto, era a possibilidade que as mulheres tinham de optarem em fazê-lo gratuitamente ou utilizar o DIU através dos recursos oferecidos pelo laboratório de um americano na ilha das Dragas.

Quanto à moradia muitos estavam passando por dificuldades referentes à demarcação dos territórios da comunidade, e outros seriam removidos: 32 famílias, como se soube depois, devido à ocupação do Clube da Aeronáutica, que reivindicava suas terras. Havia um cabo de aço delimitando o espaço autorizado à construção, que ele comparou com a Cortina de Ferro na Alemanha. Ultrapassando esse limite o cidadão seria retirado a fogo e ferro. Seu Lúcio se responsabilizou pelas questões burocráticas debatidas na época, pois estava a par dos procedimentos legais graças ao conhecimento que foi adquirindo através da Fafeg, sendo o principal articulador frente às autoridades assinando um termo que não autorizava a expropriação. Nos primórdios da formação da comunidade, houve um fato que amadureceu o conhecimento de seu Lúcio: quando os militares derrubaram no Chapéu Manguei-



ra cerca de 200 barracões alegando motivos disciplinares a fim de evitar a verticalização da favela e demarcaram os territórios, pois tinham a portaria que lhes dava o direito de policiar toda a área, que era considerada militar, adjacente militar e servidão militar.

As casas de alvenaria têm origem em sua gestão, quando um morador foi à Associação, com medo de se contaminar pela doença do vizinho tuberculoso, solicitando uma providência a respeito do assunto. Seu Lúcio conseguiu uma licença junto a Recuperação de Favela, pois o Serviço Social não autorizava, e, desde então, a comunidade passou a construir suas casas com alvenaria. Nessa época, dona Renée, considerada uma espécie de coordenadora da favela na época, por ter desenvolvido uma consciência reivindicadora nos moradores, começou a arrecadar doações junto aos dominicanos para o progresso da comunidade.

Foi também nesse período que se tornou fundador da Amaleme, que formava uma integração entre a Associação e a comunidade do asfalto, deixando clara e explícita a necessidade dessa troca entre a comunidade e os edifícios do bairro, pois grande parte da mão-de-obra na região era originária da favela.

Em 1966 e 1973, houve casos de desalojamento por conta de possíveis desmoronamentos, mas, num ato sagaz por parte de Seu Lúcio, a situação foi contornada através dos moradores do bairro, que, conscientizados de que poderiam também ser afetados, muniram-se de recursos através da imprensa para solucionar o problema: "tinha uma pedra enorme para cair

lá em cima, e eles preferem remover a gente do que tirar a pedra. Nós podemos correr; agora, o pessoal aqui do prédio não pode correr não", referindo-se ao local de risco para o síndico, que se portou adequadamente às circunstâncias.

Ao comparar a situação econômica da época da sua geração com a atual, chegou à seguinte conclusão: "Antigamente, as coisas eram mais acessíveis para se comprar, a condição de vida era melhor; atualmente, você recebe um ordenado maior só que o preço é muito superior ao seu salário".

Sobre a estruturação das favelas, disse o seguinte a respeito, em contraste às elites e à postura de muitos governos: "a favela sempre foi considerada um problema; para nós, sempre foi considerada uma solução, pois, através da favela, resolvemos o problema de moradia, de trabalho perto do comércio e da indústria, enfim onde existe uma

Arquivo pessoal



infra-estrutura necessária". E quanto à questão da remoção, que é tema atual, se referiu: "estão reivindicando fazer a Copa do Mundo. Quando acontece isso não podem existir problemas sociais muito gritantes. Chegam aqui e se deparam com a favela e muita pobreza, e o que querem é esconder a situação". Os moradores vêm sendo muito "marginalizados", pois não há nenhuma iniciativa ultimamente, mesmo tendo toda uma estrutura para suprir novos projetos.

Com as áreas conquistadas apresentando uma estrutura constituída, só lhes falta um projeto de urbanização com o auxílio financeiro dos moradores, de acordo com suas condições junto à Prefeitura, não deixando de ressaltar, que nas favelas, o grande problema é "social e não repressivo". Demonstra sua lucidez em relação ao processo geopolítico que o Rio de Janeiro vem atravessando há anos. Daí vem sua saudade da época em que lutava pelo reconhecimento de seus companheiros, pela cidadania de seu povo, "recordar é viver".

Demonstrando seu conhecimento e consciência política, seu Lúcio comentou a respeito do poder das superpotências atuais: "nós estamos aí com o poder constituído ameaçado pelo poder paralelo. Não é. O poder constituído, inclusive, é que está sendo a maior ameaça para a paz mundial: os Estados Unidos. Como é que pode, sempre dando exemplo de democracia para nós e inclusive vocês vêem o seguinte: Quais são os países que têm base militar dos EUA? E quais são os países que têm base militar nos Estados Unidos? São poucos, únicos. O Brasil está lá com a Amazônia... a Amazônia ocupada".

Seu Lúcio sempre almejou ver o povo nas eleições populares, tendo participação no poder, ele foi fundador da Associação de Moradores do Chapéu, participou da fundação dos partidos PMDB, PSDB e PT, colaborou na fundação da AMALEME, bloco carnavalesco Aventureiros do Leme, foi preso em decorrência de suas lutas e participou em diversas organizações no estado do Rio de Janeiro. "Só não consegui ajudar o Batomuche, que afundou perto da minha casa, mas a culpa não foi minha".

Essa é a história de um líder que teve enorme influência na formação do local onde reside e para as favelas como um todo. Segundo Gibeon, outro morador contribuinte histórico-social na comunidade, descreveu da seguinte forma o Chapéu Mangueira: "Uma população formada com mais de 50% de nordestinos, que apresenta o espírito de coletividade em suas necessidades, onde o mutirão é transformado em instituição. Famílias que, primeiro, faziam as casas e só depois discutiam a distribuição dos cômodos. Líderes que pensaram a comunidade a partir da saúde e educação preventiva, apesar da pouca escolaridade e saúde de alguns deles. Gente que, sem abandonar suas tradições de origem, conseguiu se adaptar as tradições locais e ainda contribuir na formação de novas. Povo que não permitiu que os preconceitos eliminassem a auto-estima, que se fez favelado-surfista, crioulo-roqueiro, paraíba-sambista e carioca-forrozeiro". .

(Seu Lúcio de Paula e Bispo nos deixou em 21.12.07)

# Antônia Francisca de Jesus

Acervo NECC

*Por Michelle Alves  
e Pedro Pio*

Entrevista realizada  
em março de 2006



Dona Antônia Francisca tem 81 anos. Nasceu dia 24 de março de 1924, em São José dos Calçados, no Espírito Santo, e passou pelas cidades Bom Jesus e Apiacá antes de vir para o Chapéu Mangueira, onde está há 60 anos. É filha de Ana Francisca de Jesus e Salustiano e irmã de José, Sebastião e Joaquina, a única que ainda está viva nos seus 90 anos.

Seu pai era lavrador até mudar-se para Apiacá, onde se tornou marceneiro. Morreu nesse

período, quando Antônia Francisca era ainda muito jovem, e, como nessa época não existia INPS, teve de interromper os estudos na quarta série para auxiliar sua mãe em casa. Mas o ensino era de melhor qualidade que hoje, afirma. Sua mãe começou a trabalhar colhendo café, algodão e arroz com ela na lavoura que tinham em casa, pois seu pai fazia de tudo para elas não trabalharem nas "casas dos ricos", que, segundo ele, as escravizavam. Da terra, obtinham

todo o sustento da família, enquanto seu irmão mais velho era quem cuidava dela e vendia certas mercadorias para ajudá-los.

A relação de sua família era muito boa, eram muito religiosos e criados sempre à vista dos pais. Lembra-se de uma festa, em Bom Jesus, que homenageava o padroeiro da cidade e seus pais iam. Passavam três dias fora, deixando-os na casa de uma moça em Calçados: ela trabalhava com eles e era muito amiga da família. Seu pai gostava

va muito de dançar, sempre ia às festas e levava toda a família. Dona Antônio era a única que ficava só "apreciando": gostava de música só para ouvir. As músicas eram à base de sanfona, os pares dançavam não tão juntos como hoje e serviam para beber café ou leite, enquanto a comida era bem típica do local, como bolo, melado, broa de fubá, dentre outras guloseimas do interior.

Criavam galinha e porco, então não se preocupavam em comprar carne como hoje e faziam açúcar e rapadura, que supriam suas necessidades. "Foi uma infância com pouco lazer, mas com grande facilidade de fartura", era "uma infância pobre, mas sadia". Quando brincavam, era por perto de seus pais e sempre de bonecas, rodas de cantigas e cordas. Ela gostava muito. Segundo suas palavras, nessa época as crianças eram mais obedientes e, durante suas mudanças de cidade, nem sentiu diferenças, pois estava sem-

pre agindo de acordo com as ordens de seus pais.

Quando tinha festa em homenagem a Nossa Senhora da Santana em Apiacá (ela já adolescente perto dos 18 anos), era um rebuliço devido aos três meses de preocupação com as preparações para ir à missa e participar da festa.

Veio para a cidade em 1943, com uma amiga a quem auxiliou no trabalho, mas não se adaptou: levou um choque ao chegar, quando viu aquela cidade enorme. Devido à saudade, retornou para Apiacá, onde conheceu Seu Lafaiete, com quem se casou depois. Eles se conheceram ao acaso quando ele estava trabalhando em uma barraca de uma festa, e daí em diante, começaram a namorar. Pouco depois, seu Lafaiete se entendeu com a mãe e o irmão dela afirmando que tinha uma casa no Rio para eles morarem e tornou-se responsável pela vinda deles à cidade. Em 1945, chegaram ao Chapéu Mangueira, de onde não saíram mais.

Ao chegarem, ela se deu muito bem com a família do namorado e passaram oito meses na casa do primo de Lafaiete, Dona Antônio nem sabia que ele morava no morro, onde, na época, existiam pouquíssimas casas em meio a um matagal onde hoje é o Chapéu. "No interior tem morro, mas não pra moradia", expôs sua primeira impressão.

Alugaram um barraco oito meses depois da chegada e logo tiveram o primeiro dos oito filhos. Não se deram bem com o proprietário e então construíram uma casa humilde de barro, de

Acervo NECC



Antônia na exibição do seu vídeo.

estruque posteriormente, para morarem por conta própria. Sua família foi crescendo e, para dar vazão, a casa também aumentou. Além dos seus oito filhos, dois deles gêmeos, tem atualmente quinze netos e bisnetos. A mais nova está com 10 anos.

Os fogões, nesse período, eram alimentados à lenha e estavam começando a utilizar o querosene para acender e manter o fogo. Ela se lembrou de um dia quando, sem querer, caiu no sono em certa tarde e quase pôs fogo na casa. Ao acordar, seu filho estava com a panela cheia de fuligem e a cara toda preta.

Criava porcos, galinhas e galos, que, na época, Seu Lafaiete levava para a rinha, pois ainda não era proibida. Tinham também uma birosca na comunidade, que auxiliava no sustento da família. Dona Antônia não podia trabalhar na "casa das madames" porque não havia creche na época nem dinheiro para colocar alguém cuidando de seus filhos. Educou sempre a família com espírito de união, estão sempre ajudando uns aos outros, o que para ela é o mais importante.

Nesse tempo, não havia água encanada. Seu Lafaiete era o encarregado de buscá-la no pocinho, donde trazia os latões em cima da cabeça, até o dia em que Dona Renée apareceu na comunidade e, pouco depois, providenciou a água distribuída em bicas espalhadas pelo morro. Ela lembra da dificuldade que era para cozinhar e lavar roupa, mas afirma que foi uma fase de união, havia mais amor entre os vizinhos da

comunidade. "Hoje, parece que está cada um por si. Tem toda a melhoria, mas não existe a mesma tranquilidade. Portas ficavam abertas a qualquer hora, de madrugada os vizinhos vinham e ficavam conversando. Isso acabou".

Organizavam muitos movimentos no intuito de buscar melhorias para a comunidade, mas não havia a Associação ainda nessa época, com seu sistema burocrático. As prestações de contas eram feitas na chacinha, onde é hoje a ladeira do Leme. Seu Lúcio, Seu Agnaldo, Seu Bola, Seu Pereira, entre outros, já atuavam em nome dos moradores na formação da comunidade.

Os caminhos eram trilhas ainda, muitos escorregavam quando estavam molhados. Não tinha farmácia no Leme e, sem ser a lojinha de verduras que havia no bairro, o comércio era todo da Rua Princesa Isabel em frente. As luzes eram lamparinas acesas com querosene e, com o tempo, passaram a utilizar lâmpada para clarear a casa.

Depois, veio Seu Lafaiete com a instalação do primeiro ponto de luz elétrica no morro, por volta da década de 50, e a distribuiu para os moradores, deixando Antônia encarregada pela contagem, realizada através de um medidor da light, e do recebimento das contas pagas pelos moradores. A luz era fraca, seu Teófilo colocou uma um pouco melhor depois, até o dia em que dona Renée, através de suas reivindicações na light, trouxe uma luz de qualidade para a comunidade. Dona Antônia afirma que

Hoje parece que  
está cada um por si.  
Tem toda a  
melhoria, mas não  
existe a mesma  
tranquilidade. Por-  
tas ficavam abertas  
a qualquer hora; de  
madrugada os vizi-  
nhos vinham e fica-  
vam conversando.  
Isso acabou.



as pessoas pagavam sempre os gastos pela utilização da luz nas mãos dela, que encaminhava para a empresa toda a mensalidade da população. O índice de inadimplentes era praticamente nulo.

Ao se referir à infra-estrutura, lembrou-se de que, na época, era proibida a construção de casas de alvenaria, mas a casa de estuque construída por seu Lafaiete era ótima e nunca deixou a desejar.

Ao descrever o seu marido, nascido dia 30 de julho de 1908, dentro do contexto de formação da comunidade, ressaltou que ele ajudou muito a comunidade: levava as pessoas doentes no ombro até as ruas para serem atendidas, arrumava remédios, dentre outros benefícios. Devido à instrução precária que tinha, ela acredita que Lafaiete foi mal interpretado ao tentar participar das questões políticas da comunidade: tinha boas idéias, mas não possuía meios de levá-las adiante.

Quando eram organizados os mutirões, ela não presenciava, mas colaborava mandando lanches e refrigerantes. Dona Renée estimulava todos a trabalhar. Seus filhos e seu Lafaiete participaram carregando os materiais de construção e colocando a "mão na massa".

Dona Renée e dona Marcela foram pessoas maravilhosas para ela e para a comunidade. Quando teve seus gêmeos, a francesa vivia em sua casa ajudando, pois eles tinham nascido "sem peso", enquanto Marcela educava muita criança na antiga creche, inclusive

seus filhos, na década de 50. Não podia ajudá-las, pois vivia, na birosca, cheia de tarefas.

Alguns dos seus filhos completaram o segundo grau e outros foram até a prova de admissão, realizada, antigamente, no intuito de ingressar os alunos na quinta série, que finalizava o curso do colégio em que estavam. Devido ao seu trabalho e ao difícil acesso às escolas, não foi possível fazer todos concluírem.

Seus pais eram católicos. Ela carrega toda a fé estimulada em sua infância até hoje e a transmite às novas gerações da família. Todo domingo vai a igreja, reza o terço em casa freqüentemente e afirma que, sem Deus, nada existiria. Fala com orgulho de um neto que mora em Belford Roxo, que, aos 13 anos, já é freqüentador assíduo da igreja Católica.

Dona Antônia sempre recebe a Folia de Reis em casa, um grupo religioso que havia na comunidade e agora vem do morro da Mangueira, para benzer sua casa anualmente e transmitir um pouco de boas energias, através de danças, cantos e palhaçadas. Fazem apresentações a fim de arrecadar dinheiro para a caridade.

Quanto ao carnaval, ela sempre gostou de assistir, mas nunca foi de participar. Adorava os banhos de mar a fantasia que os integrantes do bloco Aventureiros do Leme faziam quando desfilavam nas ruas. Eram muito animados. Os desfiles eram realizados na Rua Gustavo Sampaio, no Leme, e na Arnaldo Quintela,

em Botafogo, Seu Lafaiete sempre saía fantasiado junto a toda criançada.

A festa junina que a dona Marcela organizava era muito melhor que as de hoje, pois ela fazia as pessoas colaborarem com comidas típicas. Naquele tempo, esse tipo de festa não era considerado cafona como hoje. Atualmente, ela não participa e diz que caiu muito a qualidade.

Ao perguntarem para ela sobre as lendas da comunidade, ela comentou que sempre falavam na existência de um lobisomem, que não havia a desconfiança dos moradores em ser alguém da comunidade, mas ela confessa que nunca o viu pelo morro.

Antônia, comparando o namoro de antigamente com os de hoje, diz que é horrível a situação e que está com muita pena das meninas que demonstram um ritmo muito avançado: viram mães muito cedo, pois não aproveitam a infância nem escutam seus pais. Quanto às mulheres em geral, acha que estão se tornando menos submissas: a voz das mulheres está sendo mais ouvida que antigamente e estão tendo mais espaço.

Atualmente, fica ouvindo música, adorava Altemar Dutra, na rádio, e vê as novelas e noticiários. Ao ser questionada sobre a rádio comunitária da comunidade, disse que é muito importante que ela transmita as notícias, "mas não pode é ficar falando qualquer coisa senão incomoda os moradores".

Concluiu dizendo que prefe-

re os dias de hoje aos de antigamente, pois as pessoas têm mais facilidade e acesso às coisas. Deixou sua mensagem às crianças: devem estudar e dar mais valor ao amor, pois ele é muito importante para se vencer na vida, e estimulou-as a batalhar por seus objetivos. .

Acervo NECC



# Natanael Silva

Acervo NECC



*Por Manuela Musitano,  
Michelle Alves e Pedro Pio*

Entrevista realizada  
em maio de 2006

Natanael Silva é nativo do morro Chapéu Mangueira onde mora até hoje. Nasceu dia 26 de dezembro de 1944, no hospital Miguel Couto, e construiu toda a sua história na comunidade. Filho de Genésio Silva, natural de São Pedro da Aldeia, e Zeni Silva, vinda de Conceição de Macabú, moravam em uma casa próxima a uma gruta, onde atualmente é o Leme Tênis Clube. Devido a um acordo estabelecido com os militares, foram transferi-

dos para a parte superior do morro, mas anos depois seriam removidos novamente, devido às demarcações territoriais feitas pelo exército.

Conta que seu avô paterno foi um dos primeiros a povoar a comunidade. Era um escravo vindo da África, que, chegando ao Rio de Janeiro, foi comprado por um Senhorio, que o levou para São Pedro da Aldeia. No engenho, conheceu sua mulher com quem teve o pai de Natanael e, em 1888, através

da abolição da escravatura, foi concedida sua liberdade. Foi beneficiado por seu superior com sementes, farinha, sal, um cavalo e um burro para sua subsistência: o suficiente para começar sua jornada. Em 1889, veio em seu cavalo de São Pedro da Aldeia ao Rio de Janeiro, em busca de uma vida melhor. Chegando à Igreja da Penha, local apontado de acordo com a descrição, seu cavalo morreu, fazendo a viagem tornar-se mais difícil. Continuou em seu burro



Natanael e Isabel na gravação da entrevista.

com todos os suprimentos.

Ao chegar aonde atualmente é a Ladeira Carlos Peixoto, seu burro padeceu, e ele o esquartejou, colocando-o num barril, e levou-o até o canto do Leme, junto a todos seus mantimentos. Ergueu, enfim, o primeiro barraco no Leme, onde atualmente é o Forte.

Nesse período, o Chapéu ainda não existia, e ele permaneceu um bom tempo no local, vivendo de plantio e pesca até que, em 1913, comunicaram a ele a construção do quartel, fazendo-o retirar-se do local. Seis anos depois, seria inaugurado o Forte do Leme. Passou a morar na parte superior da comunidade, até serem removidos pelo Exército para uma casa mais abaixo, devido às demarcações da área ambiental feitas pelos militares. Acredita que seu avô tenha sido o primeiro morador do Morro do Leme, que, depois, veio a se chamar Chapéu Mangueira.

Seu pai, Genésio, veio para o Rio depois da morte de sua mãe, em São Pedro da Aldeia e,

ao chegar, trabalhou na construção dos prédios no bairro pela construtora Pederneira e Estiques Franques, indo morar posteriormente na comunidade. Nessa época, sua madrasta e seus dois irmãos faleceram, deixando seu pai "desnorteado", restando-lhe apenas ele e sua irmã Beth, que atualmente mora no Éden, em Nilópolis, com os seus 73 anos. Seu Genésio teve muitos filhos com mulheres diferentes e trouxe muitas famílias, entre amigos e familiares, para a comunidade, colaborando para sua povoação. Ele é conhecido e respeitado por muitos moradores.

Natanael estudou apenas o primeiro grau, e a relação que tinha com seus pais era muito difícil. O pai de Natanael agredia muito a mãe dele, e isso refletiu na criação de seus filhos, que cuidou com o maior carinho possível. É muito apegado aos seus netos também.

Conciliava seu trabalho com o lazer. Teve uma infância repleta de brincadeiras, como soltar pipa, pescar, jogar bola de gude. Vivia na praia, no meio do mato, no morro, junto com os amigos. Reuniam-se para pegar frutas no morro e, quando havia a festa dos americanos, todo dia 4 de julho, no Forte, a molecada toda entrava pelo mato por detrás do Panteon e se divertia. Pescavam muito nas pedras, mas, de um tempo para cá, alguns "oportunistas" estão utilizando bombas para pescar em série, estragando toda a flora marinha, segundo suas palavras. Adorava pegar o bonde, meio de transporte na época, e lembrou-se de

A geração atual é privilegiada, não faz idéia do sacrifício que foi construir essa estrutura que a comunidade tem. Agora já tem tudo pronto.

um episódio: ao pular de um deles em movimento, bateu com cabeça no chão e ficou todo machucado, fazendo-o parar no Miguel Couto. Utilizava o bonde para ir ao Tabuleiro da Baiana, no Centro da cidade, onde eram organizados os grandes carnavais do Rio de Janeiro.

Quando criança, adorava a Semana da Asa, quando os militares vinham da base aérea de Santa Cruz realizar apresentações, atirando em barcas no mar através dos canhões. Lembrou-se de que as pessoas tinham de abrir as janelas de suas casas devido à potência dos motores dos aviões, que podiam estourá-las tamanha era a pressão.

Assistia sempre às partidas de futebol do Flaminguinho do Leme e sempre brincava com os amigos no Choró, uma casa onde ficavam muitos carros nazistas. Um dia, rasgou a cabeça num rococó de ferro, no portão da casa, fazendo-o levar 19 pontos no hospital Rocha Maia, que, na época, ainda era na Praça do Lido.

Natanael tinha 10 anos quando arrumou seu primeiro emprego. Comprava suas mercadorias na Praça XV e as trazia no caminhão do Seu Sampaio, um senhor de 90 anos, até Copacabana, onde era a garagem dos bondes e, atualmente, fica a galeria comercial na Princesa Isabel. Trabalhou por muito tempo como vendedor em feiras. Havia uma na Domingos Ferreira na época e vendia peixes nas comunidades do Rio, como, por exemplo, no Morro do Pinto.

Na década de 60, parou de

trabalhar nas feiras e passou por diversos empregos, entre eles, na Paulino Angelo Ferragem, em Belford Roxo; entregou panfletos para um médico, que acabou não lhe pagando; trabalhou na firma Artal de alumínio e serviu o exército, onde tentou se engajar como paraquedista, mas, devido a falta de estudo, não lhe foi possível. Saindo do exército, trabalhou durante oito anos numa cutelaria, Paulo Mendes Ferreira, na galeria Ritz e, ao tirar sua carteira de motorista, tornou-se caminhoneiro, passando por alguns estados próximos à cidade, levando sua família quando podia.

Ao se referir às obras na comunidade, mencionou como era mais difícil antigamente, quando construíam os postes com concreto e faziam todas as escadas. Demonstrou a importância do estímulo dado pela Dona Renée e Dona Marcela, pois estimulavam, através dos mutirões, as pessoas trabalharem. Marcela era a responsável pela tradicional feijoada. "A geração atual é privilegiada, não faz idéia do sacrifício que foi construir essa estrutura que a comunidade tem. Agora já têm tudo pronto".

Referindo-se à questão religiosa do local, frisou o sincretismo que se encontra hoje, pois, antigamente, a Igreja Católica predominava no morro, mas, com o tempo, foram surgindo muitos evangélicos, sem contar o pessoal que se identifica com a linha africana. Hoje, a diversidade é vasta. Muitos moradores são evan-



gêlicos, inclusive sua família, que é cristã. Ele compõe algumas músicas em louvor à fé. Há hoje, no Chapéu, uma igreja universal e uma pequena sede da Igreja Católica, representando a antiga que foi destruída.

Ele e sua mulher têm três casas no terreno em torno da casa onde moram. Umas foram cedidas para a Prefeitura alugar algumas famílias, e o projeto Bairrinho, planejado na gestão do governo Conde, lhe auxiliou ao conceder uma casa a sua família.

Quanto ao relacionamento com os militares, os integrantes da 5ª DL – Divisão de Levantamento, responsáveis pelo mapeamento do território nacional, vinham à comunidade freqüentemente para monitorar a demarcação dos territórios deles: na parte superior do morro, há um terreno de cem metros de área militar, junto à área de preservação ambiental.

Na década de 50, pegou fogo em grande parte da mata e Seu Natanael contribuiu no reflorestamento junto ao seu pai. Buscavam no Jardim Botânico mudas de melancia, jaca, manga, entre outras árvores e frutas, no intuito de reerguer a floresta da comunidade; no entanto, muitos não sabiam lidar com a terra e colhiam as plantações de forma inadequada, sendo perdidas com o decorrer do tempo. Anos atrás, eles criavam galinhas e porcos para se alimentar, tinham um cavalo no qual andavam pelo morro e um bode, que colocavam na praça com uma charrete, para as

pessoas passearem e lhes render algum dinheiro.

Ao perguntarem sobre as festas, Seu Natanael mostrou-se desinteressado no assunto, pois sua criação foi feita com influências da Igreja Universal e, em consequência, fez apenas um breve comentário sobre as festas à fantasia que existiam, os bailes da sanfona e os bailes funks atuais, mas nunca gostou de nenhum deles. Quanto às lendas, nunca acreditou em nenhuma, apesar de ter escutado falar sobre muitas delas na comunidade.

Antigamente, ia muito ao cinema local. Era amigo do porteiro, que o deixava entrar, e adorava assistir aos filmes do Zorro e de faroeste no Cine-Danúbio. Tinha também o Cine Leme, que era em cima da Marios e depois virou Pizzaria Marios. Nas proximidades, havia a Cantina Sorrento, onde vendia os peixes, lagostas e polvos que pescava junto com o Lourão, seu parceiro. Tem amizade em diversas comunidades do Rio e, sempre que é chamado para churrascos e reuniões, tenta comparecer.

Nunca participou de nada relacionado à política e tem suas desavenças com a Benedita: quando estava desempregado, pediu que ela não cortasse sua luz, que, na época, era paga por cabine. Ela não ouviu seu apelo. Comentou sobre a ascensão política dela, que "só usou a comunidade e a Associação para poder subir", enquanto Seu Lúcio defendia os direitos da comunidade e até foi preso uma vez por isso.

Na década de 50, pegou fogo em grande parte da mata, e Natanael contribuiu no reflorestamento junto com seu pai.

Na época da ditadura, muitos amigos seus foram perseguidos. Comentou sobre a censura, que reprimia a liberdade de expressão, dando, como exemplo, essa entrevista, que não seria dessa forma se fosse durante a ditadura. Em 64, estava no Exército e lembrou-se de um caso: estava de sentinela e deu uma rajada de metralhadora para o alto quando passou o filho de algum superior gozando com a sua cara. Não teve repercussão.

Entre os presidentes que governaram nosso país, ele tem suas preferências: Jango e Juscelino. Não é a favor de greves, nem dos movimentos organizados pelos Sem-Terra, e recordou quando Lula saiu da cadeia em 1980, deixando muitos caminhoneiros e carreteiros na miséria.

Diante a evolução tecnológica, mencionou a sua fácil adaptação e até comentou que "não quero tv de plasma, eu quero tv de gosma". As tvs chegaram na década de 70 à comunidade. Antes, eram de válvula, gastavam muita energia, até a chegada das tvs "transistorizadas", que, na época, poucas pessoas possuíam. O rádio chegou bem antes. Lembra-se de quando utilizavam a galena para sintonizar as emissoras.

A comunidade já recebeu auxílio de algumas instituições e mencionou o período entre os anos 80 e 84, quando a comunidade recebia leite. Ari Barroso era morador do morro e colaborava nesse projeto, "mas aí apareceu o Deputado Túlio Simões e começou a vender os tíquetes fa-

zendo pessoas cadastradas ficarem sem leite".

Em relação ao tráfico na comunidade, ele diz que há um respeito por parte dos criminosos com os moradores do local, mas a polícia não tem nenhuma consideração com a população pois entra na comunidade atirando sem a menor restrição, fazendo os moradores se apavorarem.

Sempre valorizou muito sua família, nunca traiu sua mulher e está com ela há 40 anos, apesar de, antes, ter se relacionado com várias mulheres e numa delas ter feito um filho que não assumiu. Seu filho mais velho atualmente está com 39 anos e o mais novo, com 20. Todos têm estudo ou praticam algum esporte.

Ao responder aos entrevistadores, por que, com tantas histórias, não se aventura a escrever um livro, ele respondeu: "até que poderia, mas cadê o money. Eu tenho até música para gravar".

Acervo NECC



Natanael e Isabel na gravação da entrevista.

# Isabel Vieira da Silva

Acervo NECC

*Por Pedro Pio, Manuela Musitano e Michelle Alves*

Entrevista realizada  
em maio de 2006



Isabel Vieira da Silva nasceu em Minas Gerais, mas veio bem jovem para o Rio de Janeiro onde passou a morar na rua Barão de Petrópolis, no Rio Comprido. Aos 12 anos, começou a exercer o seu primeiro emprego numa fábrica de jóias, na rua Estrela, perto de sua casa, em frente a atual FAET, onde fazia o acabamento dos cordões e vendas na joalheria.

Ao acaso, num dia de chuva em que estava na praia do Leme com suas amigas, conhe-

ceu o Natanael, atual marido, e, a partir daí, a insistência dele em procurá-la acabou unindo-os. Nessa época, ela trabalhava como bordadeira para o carnavalesco Evandro Castro Lima, companheiro de Clóvis Bornay, e seu marido, no Leblon, em uma loja de ferramentas, como comerciante.

Em 1966, após seis meses de namoro, acabaram se casando, ela com 17 anos, e ele com 22. Isabel foi morar junto a ele no Chapéu Mangueira, em uma

casa de tapume recém construída por ele, no topo do morro. Os dois tiveram a oportunidade de estudar só até o primário, pois, devido às necessidades, começaram a trabalhar muito cedo.

A família do Natanael era de Cabo Frio e veio para o Rio quando ele era ainda bem pequeno, mas sua madrasta faleceu, e o pai resolveu voltar para o interior. Quando estava com oito anos, seu pai resolveu retornar e foi morar no Chapéu Mangueira.

Moravam no meio do mato, e o caminho para se chegar à casa era de pedras. O “sossego era total”.

ra, onde estão até hoje.

Atualmente, moram numa casa de alvenaria graças ao projeto Bairrinho realizado em 2002, mas bem abaixo de onde era sua antiga casa. Moravam no meio do mato, e o caminho para se chegar à casa era de pedras. O “sossego era total” e o espaço possibilitava a criação de animais, como galinha, porcos e passarinho. Nessa época, havia a liberdade de deixar a casa toda aberta quando sentiam calor, não precisavam se preocupar com a segurança, como hoje.

Essa antiga casa ficava em território militar, então não tinham a permissão de transformá-la em alvenaria. Houve um episódio: eles acrescentaram um pouco a estrutura da casa, e os militares mandaram botar abaixo. A fiscalização era feita pessoalmente em torno de seis em seis meses, e essa antiga casa não existe mais.

Essa casa onde mora é menor que a outra, mas, como é mais em baixo, torna mais cômodo o acesso para eles, que já não estão em idade de subir até o topo do morro com tanta facilidade. A diferença é que agora, nessa casa cedida pela Prefeitura, uma de suas filhas se mudou e tornou-se sua vizinha, fazendo com que a casa tenha sete pessoas em seu interior em vez de nove. Dona Isabel tem sete filhos, sua neta mais velha está com dezesseis anos e seu décimo neto está para nascer.

Antigamente, era a Associação quem monitorava o crescimento populacional da comunidade, demarcava os territórios e os distribuía, inclusive nessa

área onde ela mora, que era toda dela, mas, devido às condições financeiras, fez somente sua casa atual.

Antes de conhecê-la, Natanael era paraquedista no Exército, mas não deu continuidade à carreira, em decorrência da sua reprovação por duas vezes na prova para sargento e a falta de dinheiro para tentar passar em outras provas. Ele é uma pessoa muito comunicativa e, após anos de experiência no comércio, trabalhou em feiras e lojas de encanamento e de cosméticos, dentre outras. Acabou aprendendo um pouco de alguns idiomas, como o Japonês e Árabe. Atualmente, está desempregado.

Para ela, foi natural sua mudança para o Chapéu, pois vinha do Escondidinho, no Rio Comprido, e diz que, desde que chegou, em 1966, as mudanças não foram tantas, apesar de os barracos terem se transformado em casas, formando no morro uma comunidade.

Atualmente, só mora no morro quem compra uma casa porque não é mais possível ganhar áreas para habitação, como nos velhos tempos. As épocas de compra e venda variam: às vezes vende muito; outras, não. A vizinhança está sempre mudando.

Os dois são cristãos, evangélicos, crêem fielmente em Deus e já foram a muitos eventos no Maracanã e no Aterro, mas, ultimamente, não têm participado muito por falta de programações. As chamadas religiosas que faziam na pracinha raramente são promovidas atualmente. Festas juninas e Folia de

Reis também. Ela nunca foi de participar muito desses eventos mas sempre os observou.

Quando chegou ao morro, já havia luz e, lá em cima, onde morava, não chegava água da CEDAE, porém havia a mina d'água nas proximidades de sua casa, que possibilitava ter sempre água fresca e pura com facilidade. Chega a ter saudade da água geladinha. Nessa época, ainda pegou o fogão à lenha para ocasiões emergenciais e as panelas que utilizava já eram todas de alumínio na década de 60.

O movimento *hippie* desse período foi uma euforia, mas, segundo ela, parou no tempo e, na comunidade, não via manifestações desse gênero. Quanto às pílulas anti-concepcionais, não chegavam com tanta facilidade ao morro, não via palestras sendo realizadas para instruir as pessoas, e ela só começou a buscar informações no posto de saúde, após ter seu primeiro filho.

A respeito das passeatas e mutirões, ela não tem uma posição muito a favor, pois as vê, atualmente, como movimentos muito desorganizados e defende que falta mais decência em suas ideologias e métodos de reivindicação: "estão se aproveitando muito das greves e passeatas para fazerem desordem".

Os mutirões, que viabilizaram a chegada da água, luz e posto de saúde à comunidade, atualmente não têm mais força alguma; "é muito difícil agora você conseguir que o povo se reúna para qualquer coisa. É muito difícil".

A Associação tenta administrar e colaborar com a comunidade, mas, devido à falta de

recursos e contribuições, fica muito difícil. "Houve uma época em que todo mundo contribuía direitinho; se precisava de ajuda física o pessoal ia e participava. Hoje, é tudo muito difícil".

Tem suas opiniões sobre o governo Lula e Rosinha/Garotinho, mas não se identifica muito com questões relacionadas à política. Ao falar da Benedita, nativa da comunidade, disse a mesma coisa quando se referiu ao Lula: que, como pessoa, não tem nada contra, mas, na política, os dois deixam a desejar. Destacou a queixa que muitos moradores têm em relação à Benedita, devido a falta de retorno à comunidade por parte dela, após integrar-se na administração do governo: as únicas melhorias foram realizadas nas redondezas de onde sua casa se situa no morro.

Dentre os antigos políticos, demonstrou alguma simpatia por Getúlio Vargas e citou a possibilidade de Tancredo Neves e Brizola terem feito um bom governo devido à linha de seus raciocínios,

Acervo NECC



Natanael e Isabel na gravação da entrevista.



tenham boas idéias. Não tem certeza disso porque diz que não entende muito de política.

Quanto às contribuições, há uma instituição francesa que, todo fim de ano, distribui cestas básicas aos moradores e desenvolvem diversos cursos com a nova geração. Já houve muitos e está melhorando cada vez mais, além das ONG'S, que também trazem diversos benefícios.

Sempre se deu bem com a vizinhança apesar de viver isolada no topo do morro. Acha que a união das pessoas permanece até os dias de hoje. Tem alguns conhecidos na Babilônia, mas a ligação entre as comunidades não é significativa.

Em sua antiga casa, existiam histórias curiosas, como a de um lobisomem, cujos barulhos seus filhos ouviam, de cachorros estranhos no mato, à noite, e de uma noiva, que ela viu passar em sua casa e depois sumiu no meio do mato, entre outros fatos que ocorriam, devido à influência do lugar, que era bem no meio da natureza e por causa das "macumbarias" que eram feitas por perto.

Muitos bichos circulavam por lá. Certa vez, seu filho, com apenas cinco anos, foi picado por uma jararaca dentro de casa e levaram-no imediatamente para o Miguel Couto, onde teve de ficar em recuperação durante oito dias. Os atendimentos em hospitais antigamente eram muito mais rápidos que os de hoje.

Seus filhos sempre brincavam ao redor de sua antiga casa com os amigos, viviam soltos pelo mato, e sempre foram muito à praia; que é referencial de es-

porte na comunidade, pois muitos a utilizam para praticar futebol e *body-board*. Há um incentivo muito grande no morro, através de projetos relacionados aos esportes, e seu filho caçula, Diego, é um dos exemplos, pois, aos vinte anos, já possui alguns prêmios de surf.

Mencionou também a participação dos moradores do Chapéu no bem estar do bairro: têm colaborado na limpeza e em alguns cuidados no local. O comércio no bairro aumentou bastante, porém existe agora muitas lojinhas em vez de um bom mercado, que só é encontrado depois da rua Princesa Isabel.

Quanto à rádio comunitária, ela acha que realmente é muito importante para a região, mas raramente a ouve fazendo chamada para alguma coisa importante. Se tivesse um trabalho contínuo e avisasse aos moradores coisas necessárias, seria muito útil à comunidade.

Seu dia-a-dia fica em torno das questões da casa, pois seu filho caçula e sua filha, que mora ao lado, passam o dia trabalhando, enquanto ela tem que ficar cuidando das duas casas e da criação. Sua família está sempre ajudando um ao outro. .

# Regina Maria Riboredo

Acervo NECC



*Por Ana Cristina Arruda*

Entrevista realizada  
em maio de 2007

## Infância

Minha infância foi boa, considerando que a gente tinha as nossas tarefas. E uma delas incluía que a gente tinha que carregar água. Lenha não tinha que carregar muito não, mas água sim, porque não tínhamos bicas em determinados pontos, não tinha água todos os dias! Tinha dia que a gente tinha que pegar água, deixar as vasilhas cheias, quer dizer, essa era a tarefa minha e do meu irmão, que, no final, saía, ia pra praia e acabava que eu fazia sozinha. Mas mi-

nha mãe tinha que chegar e encontrar água.

## Brincadeiras

Eu falo pros meus netos que eles não sabem nem brincar. A gente brincava muito ali no Campinho, onde tem o Galpão. Era bem mais espaçoso ali! Ali a gente brincava de bandeirinha... Queimada! A gente brincava muito... Balançar nos cipós... Outro dia, lá na entrada, as crianças estavam penduradas, e eu fiquei lembrando do tempo bom (risos). Brincava! Sem preocupa-

ção. Tinha menos casas, e as casas tinham quintais. Agora não tem mais quintal, porque vai fazendo, fazendo, vai invadindo o quintal do outro. Mas as casas tinham quintais. A minha casa era ali naquela ponta, onde é a casa da Wilma, e aquela parte ali, onde também é a casa da Rosa. Pegava da Rosa e ia até a casa da Wilma.

Ali, naquela primeira parte (parte de baixo onde é a casa da Rosa atualmente) era a sede do Lobinho. Tinha Lobinho, Escoteiro e a continuação era na casa da

O grupo de escoteiros era da Paróquia da Igreja do Rosário. Os Dominicanos eram responsáveis pelas atividades.

minha avó. Eu ainda morava com a minha avó.

### Escotismo

Eu trabalhei com os lobinhos, dois anos... A gente fazia várias atividades. De vez em quando, tinha acampamento. A gente saía pra fazer acampamento.

O grupo de escoteiros era da Paróquia, aqui da Igreja do Rosário. Os Dominicanos eram responsáveis pelas atividades. Mas tinha um grupo de senhoras (pra elas seria uma obra social), era o pessoal da antiga revista Cruzeiro! Tinha um grupo que vinha, e ele é que começou a organizar isso com os padres. As senhoras da obra social da Igreja do Rosário se organizaram e fizeram esse grupo. Sábado à tarde, elas vinham aqui pra cima. Nós pegávamos crianças de 7 a 10, na faixa dos lobinhos. Tinha o grupo de Bandeirantes, que era lá na Igreja de Copacabana, mas as meninas, às vezes, faziam atividades junto. Às vezes, elas vinham também (as meninas da Igreja vinham para o Chapéu). A partir dos 11 pra 12 anos, já era escoteiro. Era o marido da Filhinha, Seu Inácio, que trabalhava com os escoteiros mais um grupo que vinha da rua. Sempre trabalhando assim, juntos! O pessoal da rua, mas integrado com o pessoal da comunidade. Em 64, teve o encontro que reuniu os escoteiros de todos os países, foi muito bonito, lá na Estação da Marinha. Eu fiquei até 69, depois eu saí. Seu Inácio, ainda ficou bastante tempo trabalhando com os escoteiros. Tinha o Frei Anselmo. Frei Anselmo trabalhou muito aqui na comunidade.

### As crianças de hoje

Para você ver, é a parte assim de respeito aos mais velhos. Nós tínhamos tarefas para ajudar as pessoas que vinham da rua. Alguns ainda conservam isso de ajudar: vê alguém com a bolsa e pega. Não é igual agora: já querem saber se tem um real. (risos). Antigamente não: faziam mesmo porque somavam pontos pra matilha deles. Então estavam sempre preocupados em fazer boas ações. Mas hoje não: você salta da Kombi, minha filha, tem que separar 1 real, senão você tem que subir com a sua bolsa. (risos)

Tá tudo na base do lucro, mas eu não quero gerar esse lucro, não! Meu neto esta semana descobriu que vender alumínio dá dinheiro. Agora tem que esconder tudo que é alumínio. (risos). Meu neto disse assim "Vó, a senhora tem alguma coisa de alumínio aí?" Aí que eu fui descobrir: "o moço dá dinheiro. A gente dá pro moço (o alumínio), e o moço dá dinheiro!". Eles vêm aqui e depois vão lá pra Babilônia. E as crianças ficam desesperadas. Agora é assim: "essa tampa tá boa?" "Tá! Deixa a minha tampa aí" (risos). É alumínio, minha filha, eles saem catando! É muito engraçado! Quer dizer: eles já estão se preocupando que precisam ter um dinheiro. Uns querem jogar nas lan houses, comprar pipa, comprar bobagem, biscoito, coisinhas assim miúdas. Então eles querem arrumar um jeito... Tem esses que estão ali para pegar bolsa justamente pra isso, pra ter uma renda! Pra eles gastarem nas besteirinhas deles. Ele traz

a bolsa pra você e você dá o dinheiro pra ele. É mais o consumo. E que nós também não tínhamos esse negócio de ter dinheiro para comprar isso ou aquilo. A gente se preocupava mais em brincar. A gente não ficava preocupado em comprar alguma coisa. A coisa vai complicando, até que um real dá e daqui a pouco um real não dá. Você não está sempre fazendo ele entender que é importante estudar, para que ele tenha condições de ter um trabalho pra ele ter as coisas que ele quer...

### O trabalho na comunidade

Quando eu saí dos Lobinhos, foi a primeira separação dos meus pais. Minha mãe foi morar lá em Caxias. Minha mãe se mudou daqui, e nós fomos com ela. Eu parei tudo e fui com a minha mãe. Meu pai bebia muito, por causa disso eles se separaram. Depois de um tempo, eu voltei e fiquei com essa minha tia Marcela (risos). Na casa da tia Marcela, eu comecei a trabalhar, fui estudar... A minha tia sempre participou dos trabalhos na comunidade, e ela envolvia todo mundo dentro de casa nisso. A gente querendo, a gente estava envolvido. Tem que fazer o almoço, daí a gente sempre estava com aquela preocupação de ter comida a mais, porque, de repente, daquela reunião lá, ela vinha com todo mundo e, se ela chegasse para almoçar, tinha comida pronta. Entendeu? Indiretamente, ela estava envolvida no negócio. A maioria das pessoas nem liga, mas nós fomos educados assim: com dezoito anos, todo mundo lá em casa tinha

carteirinha de associado, de dependente... Éramos sócio-dependentes pagávamos a metade do valor da mensalidade da Associação. Então, quando eu casei, já tinha a carteirinha, porque era dependente. Até mesmo pra comprar casa aqui, pra você morar aqui, tinha que ser associado. Então isso fazia com que as pessoas todas se conhecessem, não tinha ninguém de fora.

Era o próprio morador. Sua filha vai casar, precisava de casa, você já ficava ali esperando. Se era associado, tinha preferência. Hoje é muito caro, acaba passando pessoas de fora porque nem sempre o morador tem condições de pagar o que pedem.

Antes era uma família mesmo. Todo mundo se conhecia. A filha da dona Maria, a filha da dona Zezé... Os moradores eram pessoas conhecidas... Os filhos daquelas famílias mais antigas...os netos...não tinha tanta gente de fora. Hoje, voltou o problema do preço. O preço foi ficando muito alto, aí nem sempre se pode comprar. Uns compram até pra morar, porque precisam. Pior é o que compra pra alugar.

Sempre foi a preocupação. De que não fosse assim, fosse simplesmente pra pessoa mesmo! Filhos de moradores mais antigos comprar. Até a mentalidade é outra, porque nós fomos todos já criados com essa história de participar dos mutirões. Você não pode carregar dois tijolos, carrega um, mas todos se envolviam na melhoria da comunidade. Pras coisas funcionarem, todo mundo participava. Depois o de fora vem, nem sabe o que é isso

Na casa da tia  
Marcela, eu comecei a trabalhar, fui estudar... A minha tia sempre participou dos trabalhos na comunidade.

nem quer saber... E agora também tá tudo mais prático, praticamente quase tudo pronto! Você tem água em casa, no caminho...

As coisas tinham mais dificuldade, mas também as pessoas queriam melhorar. Tinha mais integração entre os moradores... entendeu? Precisamos botar a tampa da caixa d'água! Todo mundo ia pra lá colocar a tampa ou então todo mundo se unia pra ajeitar, porque a caixa não pode ficar aberta. Agora ninguém se preocupa, não tem mais aquela motivação de que tem que fazer. Ué, manda o presidente! Cadê o presidente? Não tem presidente, não?!(risos). Verdade: até hoje eles acham que é o presidente que tem resolver isso. Deixou de ser interesse da comunidade participar das melhorias. Acham que tem um responsável lá, e ele tem que dar conta. Tem convênio com a Cedae, manda a Cedae vir arrumar. Uma coisa que você pode pegar o cimento, misturar e fazer. Ainda tem muita coisa pra ser feita... Não está tudo pronto.

Acho que são os valores, as pessoas não têm mais isso. Muitos aqui agora são inquilinos. Então o inquilino quer entrar, dormir e sair. Não interessa pra ele se tem que consertar... se o poste ali está virando... Você vê mesmo quando faz assembléia. Assembléia tem pouquinho de pessoas. É dali que você vai fazer os debates, discutir, priorizar as coisas pra correr atrás. Não estão nem preocupados em participar, em expor boas idéias, nem comparecem. Quando você vai ver, está aquele mesmo

grupinho. Depois dizem que é a panelinha... Ainda bem que tem a panelinha, né? Porque só sobrou a panelinha!

## Mulheres

Quem começou a organizar essa comunidade foi uma mulher: Dona Renée. Graças a ela. Ela veio pra cá. Ela viu que pra se conseguir água, as melhorias pra comunidade, esta tinha que estar organizada. Ela conseguiu organizar isso. Reuniu os moradores. Essas ruas que você vê: Rua Lúcio de Paula Bispo... São os primeiros diretores da Associação de Moradores. Também são nomes de médicos que trabalharam durante muitos anos na comunidade. Ela conseguiu que os médicos viessem aqui voluntariamente para atender aos moradores.

Eles participavam muito, porque, mesmo mudando, quer dizer, já tiveram a dona Renée, teve a Benedita, que também trabalhou na Associação de Moradores. Sempre tinha uma mulher trabalhando. Quando nós não estávamos encabeçando chapa, nós estávamos participando da chapa. Quando o seu Lúcio foi presidente trabalhei na chapa dele. A gente estava sempre misturado, sempre tinha mulheres trabalhando na organização da Associação. Os homens participavam, foi uma fase boa. Hoje é muito mais difícil ser líder comunitário. Naquela época, eles não faziam nada pra se opor não, procuravam ajudar. Quando tinha mutirão, eles estavam juntos, participavam; nas reuniões, eles iam e participavam também. Eu pude contar com o



apoio dos moradores.

Na última gestão, na minha última gestão, foi o Gibeon! Depois que eu saí, foi o Gibeon! Na última eleição, foi o Gibeon...

Aí, como dizem, fica a panelinha. Só sobrava a panelinha, porque ninguém é... É o que eu falei, é o descaso. Ninguém está preocupado mais em fazer nada, em cuidar de nada. Não querem nem saber. Eles acham que é muito importante ter um líder comunitário, pra ele fazer as reclamações deles. Tentar pelo menos, mas, quando você chama um pra fazer... Eles estavam preocupados agora com essa eleição agora, como ia ser, até que apareceu a panelinha. (risos). Os moradores diziam assim: "Sempre a mesma panelinha". Ainda bem que vocês acharam uma panelinha, senão como é que ia ser? É a Helena, filha da dona Alfriza, Helena, Mazé, a mulherada tá aí. Graças à Deus!

A mulherada tá aí de novo! Tomando a frente na Associação de Moradores, mas com muito mais dificuldade hoje.

## Saúde

Eu acho que prioridade na comunidade é saúde. Você ter um Posto de Saúde funcionando dentro da comunidade, já é menos... Já é a parte preventiva.

Dar assistência aqui, centraliza uma parte, já não sobrecarrega tanto o Posto lá na Toneleiros. Mas você vê: o posto fica assim. Tem convênio? Tem. Mas cadê? Você não tem medicamento! Às vezes, nós temos alguma coisa, é amostra que você ganha, alguém faz doação lá na Igreja, que passa pra recolher e

aí traz. Mas você não tem assim um laboratório, ou um órgão do Governo que repassasse esses medicamentos, repassasse a medicação. Você tem médicos sérios trabalhando. Então poderia ter essa parceria. Aí eles ficam questionando: "vocês não aparecem na reunião!". Nós já cansamos de ir para a reunião! A proposta é sempre a mesma, vocês vão pra reunião pra reivindicar que vocês querem isso. A gente vai fala, fala e continua tudo a mesma coisa. Não interessa ele passar medicação pra nós termos. Você tem um problema que precisa tratar, você precisa ir lá pro cardiologista. Essa é uma experiência minha, lá pra Lagoa. Vamos, lá tem tudo. O médico tem que encaminhar; aí o médico aqui me encaminha pro cardiologista de lá. Tem um ano que eu estou esperando chamar, até hoje ninguém me chamou. Se eu fosse depender deles, eu teria morrido! Entendeu!

Quer dizer ir pra reunião a gente vai, não questiono da gente ir pra reunião e chegar em casa tarde, cansada e com fome, muitos depois do trabalho, pra estar ali! Mas a gente quer resposta disso. A gente vai fala, fala, faz ata, faz reunião, e, na hora do retorno, não tem... E eles alegavam que era porque a gente não participava. Não é que a gente não participava... É preciso unir pra conseguir as melhorias, mas só que tem que ter o interesse de fazer com que essas melhorias cheguem até nós, porque não está havendo isso. A parte da saúde é assim: você vai pra reunião, vai falar, vai ficar nisso mesmo, não vai

Eu acho que  
prioridade na  
comunidade é saúde.

## A comunidade fez a creche, com doações de fora.

resolver, não vai aparecer remédio, o médico vai continuar vindo de muita boa vontade. É claro que ele não vai deixar o consultório pra ficar aqui no morro. Então, quando ele chega do trabalho, ele tira um horarizinho pra vir que é pouco, não dá pra atender... Nós estamos aí com o doutor Rogério. Uma terça faz atendimento domiciliar daqueles que não podem se locomover, pessoas de 90 e tantos anos (nós temos alguns). Ele vai visitar em casa. Então, se ele sai pra atender em casa, ele não pode ficar no Posto atendendo. Então uma terça é visita domiciliar e uma terça ele fica no Posto, que é pra poder conciliar. Ele só tem a terça-feira pra poder estar aqui ajudando na comunidade. Temos a doutora Sônia, que está aqui há muitos anos com a gente. É as quintas. O dia disponível que ela tem pra estar aqui na comunidade é quinta-feira. Tem uma creche dentro da comunidade, e um dia só na semana para o pediatra. É pouco! Precisávamos de mais pediatras, na parte de saúde.

### Creche

Agora vamos pra creche. Creche é fundamental, é primordial, é urgente! Precisamos de uma creche! Nós tínhamos uma creche que tinha um convênio. Depois o convênio foi tirado... Crianças levam marmita. A mãe precisa trabalhar, então ela manda lá a comidinha da criança. Isso é um absurdo! Não é importante creche? Não precisa ter creche? Precisa! Então você monta a estrutura. Quer dizer: a creche já está aí. A comunidade que fez a Creche, com doações

de fora. Eles não gastaram pra fazer (a Prefeitura). É só vir, botar funcionário e sustentar a creche. Não precisa dar dinheiro para Associação pagar os funcionários. Bota lá no banco, paga lá o dia que tem que pagar, chama o pessoal lá, faz o pagamento pra lá mesmo. Não interessa ver o dinheiro, a gente só quer que funcione. Precisamos ter funcionário... entendeu?

### Dona Marcela

Ah! Foi um exemplo de vida. Um exemplo de vida, uma mulher batalhadora que não via as dificuldades. Olhava por cima das dificuldades, corria atrás. Ela e dona Renêe, viravam esse Rio de Janeiro pra buscar melhorias pra comunidade. Ela era, pra mim, um exemplo de vida, saber que mulher pode! É aí que começou essa chama, mulher pode, então vamos! (risos) Ela sempre dizia assim. Ela só teve filhos homens, tem uma menina que ela adotou... Você vai ser minha filha, você tem que aprender comigo, ia pra reunião e me levava... Aí foi nascendo o gostinho de ajudar fazer as coisas.

Ainda foi uma boa época. Depois, as coisas foram ficando mais difíceis. Por isso, você tem que ter um apoio lá fora das autoridades, você tem que ter um respaldo da Comlurb, você tem que ter um respaldo da Saúde, não adianta você aqui sozinha falando pro vento... Aí você corre atrás, e a comunidade não vê resposta daquilo que você foi buscar, você não está fazendo nada. Você trabalha dia e noite, chega tarde em casa, cansado, exausto e pra eles não tá bom,

porque eles não estão vendo. Eles têm que ver alguma coisa. Quer dizer, as terças-feiras, o doutor Rogério vem cheio de boa vontade, mas ele só pode vir as terças..."Vocês não podem arranjar mais médicos?". É coisa como se apertasse um botãozinho, e o médico subisse o morro. (Risos) Difícil. Então acho que o que mais foi me puxando pra baixo, assim me desestimulando, foi essa falta de compreensão. Sei lá, fiquei muito decepcionada com essa parte...

### Filhos

Tive só dois... Uma menina e um menino. Neto, eu tô no quinto, mas já vou pro sexto...

Eu arrastava os meus filhos, eu também contaminava eles! Mutirão, eles também participavam. Nós fazíamos peixada, fazíamos coisas assim pra angariar fundos. Ai contávamos com a participação deles. Às vezes, tinha peixada...feijoada... E as crianças iam ajudar, pegar gelo, pegar bebida, botar bebida no gelo, arrumar!

### Uma coisa boa

Ah! A participação dos moradores, aquela unidade tá faltando! Eu fico justificando que é porque os antigos estão cansados! O pai da Gi, seu Geraldo, seu Lúcio, tadinho, quer dizer, os cabeças antigos estão assim. E os novos nem são daqui, nem sabem o que é a comunidade, o que é participar de nada, são os inquilinos. Eles não têm culpa de serem inquilinos, mas podiam se mexer um pouquinho também né? Eles também estão usufruindo da comunidade. Não é bom

eles descerem ali e subir aqui, tudo limpinho, não tem barro, não tem lama, não tem nada. Podia se dar um pouquinho né, procurar...

O que você pode fazer pra participar, pra ajudar, o que tá precisando? Você marca um mutirão, se forem cinco pessoas, o mês inteiro vão ser só aqueles cinco. Você não consegue mobilizar as pessoas para saírem, pra irem participar é muito difícil.

### AmaLeme

O pessoal aí da rua ajudava a gente... As pessoas subiam... Porque esse negócio desse almoço,

Acervo NECC



Discurso de Regina, presidente eleita em 1985, na cerimônia de posse da diretoria da Associação de Moradores.

essa feijoada, essa peixada, era pra fazer aquela interligação asfalto e comunidade. Isso é muito importante pra comunidade. Nós tínhamos a Ama Leme, vinha o jornal da Ama Leme, o jornal de bairro, o jornalzinho do bairro. Isso é importante pra gente! A Ama Leme também está tão afastada. Não está dando conta nem dos problemas dela (risos). Tá difícil! A gente tinha uma parceria muito boa com a Ama Leme. Todos os eventos que a gente ia fazer, ela botava, divulgava. Você tem que estar conectado. E a imprensa é o melhor meio de comunicação pra fazer isso!

### **Mulheres na Associação atual**

Só Deus, pra botar essas meninas aí. É o que eu falo, eu estou na equipe de intercessão, eu estou orando aqui por vocês. Por que tem que ter peito. É isso! Eu estava comentando o outro dia assim: você tem que contar com o que é certo. As autoridades foram constituídas pra isso. Então eu tenho que contar que eu preciso de saúde. Eu vou à Secretaria de Saúde, eu vou agendar com o deputado qualquer ou seja lá quem for. Nessa hora não tem que ter partido: é aqui que vão ajudar minha comunidade, então vamos por aqui. Eu tenho que contar que eu vou bater no gabinete dele, que ele vai ver no que ele pode me ajudar. Tem que ver que, na hora da creche, eu vou lá na... Sei lá onde é que vai mais! Então eu vou bater, eles vão me atender. Pelo menos no dia da reunião, ele vai vir pra expor por que ele não está

dando apoio à creche. Se o governo não quer mandar a merenda, se o governo não quer pagar o funcionário.

Dou os parabéns pra elas, porque domingo agora é dia das mães. Essas são as mãezonas da comunidade! Ainda que não dependam delas resolver as coisas, mas elas estão aí pra representar a comunidade, pra sair pra tentar negociar. Mas o sistema tá brabo! Tá complicado! Eu vou pra Secretaria ninguém me atende! Helena estava comentando: tiram o convênio, você se vira pra lá, o que quê vai acontecer se Deus não olha e tiver misericórdia de nós?

Aquilo é direito seu, você elegeru, votou lá, pra chegar na hora você bater na porta... É complicado! Elas são corajosas. .

# Maria de Lourdes de Oliveira Lopes

Acervo NECC

*Por Luciana Assis  
e Tatiane Rocha*

Entrevista realizada  
em outubro de 2008



Eu nasci no dia 17 de junho de 1927. 81 é nos documentos, mas na cabeça, é como se eu tivesse 50 anos. Entendeu como é que é? O que vale não é a idade em si, o que vale é a sua mentalidade, é a sua mente. É pensar como se eu fosse uma jovem igual a vocês. Eu limpo a minha janela, limpo a janela da casa da madame, eu lavo, eu passo. Agora mesmo, ela me telefo-

nou perguntando se eu posso ir amanhã para passar as roupas dela. É roupa de seis pessoas que eu tenho que ir lá passar. Então, eu lavo, passo, aquela coisa toda. O dia vai passando e eu faço todo o serviço. Vou lá embaixo, desço morro, faço compras, porque a cabeça não pensa como uma velha de 81. A cabeça pensa como uma pessoa que tem 50 anos. Faço faxina,

lavo roupa, passo. Faço tudo. Faço comida. O que der para fazer, eu vou fazendo.

Sou de Santa Maria Madalena.

É no Estado do Rio, onde nasceu à famosa Dercy Gonçalves. Sou de lá.

Foi no final de 1938. Eu vim para cá, mas não vim para aqui direto não. Eu fui para o Vidigal. O meu tio morava lá e nós fomos para lá. Ficamos lá durante



A gente veio aos trancos e barrancos como se fosse em um pau de arara. O primeiro calçado que a gente botou no pé foi no primeiro dia que a gente veio para cá.

um ano e, no final de 39, a minha mãe veio trabalhar aqui.

Vieram todos. Éramos sete, não, éramos seis pessoas. Éramos Eli, minha irmã, uma outra que era aleijada, a Creusa, um rapaz, que já está morto, Rui. E uma que morreu de meningite. Não! Éramos cinco. A Eli, Creusa, Rui, Madalena, irmã Zelina e eu. Então éramos seis. Só que a gente... A casa do meu tio era mais ou menos desse tamanho aqui e éramos sete pessoas. Ele acenava por qualidade de vida aqui e a gente vivia na lavoura. Uma situação difícil, entende como é que é? Meu pai também já estava doente. Então a gente veio aos trancos e barrancos como se fosse em um pau de arara. O primeiro calçado que a gente botou no pé foi no primeiro dia que a gente veio para cá. Então de lá, a gente veio e chegou a um lugar chamado Cordeiro. Pegamos um trem, viemos para Niterói e, de Niterói, pegamos a barca e viemos para o Rio e de lá nós seguimos para onde atualmente é o Vidigal.

Meu tio veio tentar a vida aqui primeiro. Minha mãe, quando chegou aqui, estava com meu pai muito doente. E ela espalhou os filhos todos porque não tinha como criar. Tinha a família do meu tio, família do meu outro tio, pai da Mariquinha. Todos pequeninos, eram seis pessoas. Não tinha lugar para todo mundo. Medina é parente dos Oliveiras. A minha mãe tinha vindo quatro meses antes, para trabalhar para arranjar dinheiro para ir buscar a gente. Ela trabalhava no Méier. Lá havia as amigas da patroa. Uma, que morava na

Hemengarda, no Lins, eu fiquei lá na casa dela em troca de um prato de comida e uma esteira para dormir. O meu irmão ficou na São Francisco Xavier, na casa de outra amiga dela, também em troca de um prato de comida, e a outra ficou com ela no Méier, que é a Eli. Tinha ficado com ela porque a moça precisava que ela cuidasse dos dois pequenos dela.

A mais nova era a falecida Creusa que era a aleijada. Ela era costureira, era aleijada, teve paralisia e não teve jeito: ficou paralítica. Mas fazia o serviço, costurava e tudo. A minha irmã mais velha e as minhas duas irmãs mais novas ficaram com o meu tio, minha avó, mãe da minha mãe. Ficou todo mundo lá, no Vidigal. E a gente só ia em casa assim, de vez em quando. Ai, um belo dia, não sei se vocês conhecem o Natanael?

É mas não sei se a versão dele condiz com a minha. Esse pedaço aqui é um anexo de um casarão lá de baixo. O exército depois desocupou, cortou. Veio a 2ª Guerra Mundial, e eles precisavam de que os soldados andassem por aqui. Então eles tiraram a metade. Embaixo da casa da Irene, ali, tem um muro, né? O pai do Natanael, seu Genésio, era encerador dessa casa. Era casa de um general. Nesse meio tempo, a gente tinha esse barraquinho, pequenininho, que atualmente é Selva de Pedra, mas era Praia do Pinto. Foi o Governador Lacerda que acabou com aquilo: ele mandou botar fogo e acabou com aquilo. Lá perto do Miguel Couto, tinha um barraquinho onde se reunia o pessoal da Igreja Petencostal da

Era um barraco feito de tábuas, de caixote, o teto era de.... Já viu essa lata de 20? Latão? Aquilo era cortado, ajeitava direitinho e ia prendendo um em cima do outro para formar o teto.

Assembléia de Deus. Meu pai estava muito doente, os irmãos foram lá, oraram por ele e ele disse que queria ser crente. Ficou crente mesmo. E a família toda ficou e a reunião era lá. Foi final de 1939. Esse Genésio foi reclamar com o pessoal da Igreja que a mulher dele tinha morrido. Nessa época, a tuberculose acabava com o Brasil, e a mulher dele morreu de tuberculose. Ele era encerador aqui na casa do general e a dona da casa, a Dona Sinhá, permitiu que ele fizesse um barraquinho. Tinha ele, os dois filhos, uma criança recém-nascida, uma menininha de dois anos e a mulher que tinha morrido. Ele estava sem saber o que faria com uma criança recém-nascida e uma menina de dois anos, porque a mulher tinha morrido. Ai a minha mãe ficou com pena dele e falou: o que é que eu posso fazer? Ele disse: Você não quer comprar o meu barraco? Eu não sei o que vou fazer com essas crianças. Não sei se eu volto, a família morava em São Pedro D'Aldeia. Não sei o que eu faço. Minha mãe disse: a gente vai ver o que faz. Minha mãe foi falar com o meu pai. Meu pai deu o estouro da boiada, mas ele também não podia fazer muita coisa. Era uma pessoa que não tinha muita alternativa também. A gente morava de aluguel. A gente já tinha saído do meu tio e estava morando em um quarto de aluguel. Ai ela disse: vamos para o Leme, vamos deixar de pagar aluguel. Eu vou trabalhar nessa casa, e a gente cuida das crianças desse irmão ai. Meu pai disse: eu não vou não. Você não vai, tudo bem, o quarto está pago.

Agora, eu vou com as crianças, não adianta que eu vou mesmo. E a gente veio. Era um barraco feito de tábuas, de caixote, o teto era de.... Já viu essa lata de 20? Latão? Aquilo era cortado, ajeitava direitinho e ia prendendo um em cima do outro para formar o teto, mas, quando chovia, chovia tudo dentro de casa. Era um quarto e uma pequena cozinha para tudo. E vivia assim mesmo. Minha mãe era guerreira pra caramba. Ela veio para cá com a cara e com a coragem e, dois meses depois, ela já estava dando ao Genésio duzentos reais por aquilo. Foi o meio que ela encontrou para sair do aluguel. E continuou trabalhando nessa casa. Ficou trabalhando lá por mais ou menos 20 anos. Com essa casa desse jeito. E assim a gente cresceu aqui, foi melhorando, a gente foi trabalhando. Ai ela foi tirando a gente do subúrbio. Eu comecei a trabalhar nesse edifício, Tietê. Aqui do lado, perto do Regina's. A minha irmã trabalhava em um edifício mais adiante. E a minha mãe continuava nessa casa. E, assim, foi melhorando depois, foi jogando aquilo depois, foi levantando, como se diz... de barro. De taipa. Você vai botando uma madeira em cima da outra depois vem com o barro. Estuque. Ai já melhorou um pouco. Fez mais dois quartos. Aquela coisa toda.

Quando cheguei aqui, eu já estava com treze anos. E não tinha nada. Era mato puro. Não tinha nada.

Não, filha. O Genésio foi o primeiro, depois eu e a minha mãe, depois veio um senhor, ali mais adiante, era encerador tam-

Começou a Segunda  
Guerra Mundial.  
Meu Deus do Céu!  
Aqui era a pior coisa  
do mundo! Você  
queria água, você  
tinha que esperar.

Mas o barraco tinha  
que ser feito à noite,  
porque, se o exército  
chegasse e estivesse  
fazendo, jogava  
no chão. O negócio  
foi esse e, no fim, foi  
crescendo.

bém. Onde tem o último edifício. Deixaram ele fazer ali em cima. Ainda está ali, a casa. Só têm os remanescentes deles, ali na casa da Lucinha. Remanescentes daquele senhor.

Isso, exatamente. São todos da família daquele senhor. Você conhece a Dadinha?

Taty- Conheço.

O marido dela ficou doente tinha dois anos, José Moraes. Ela pedia para a minha irmã cuidar dele. A gente saía para trabalhar. Todo mundo saía, e a minha avó e a minha irmã cuidavam do Zé Moraes. Ela mandava uma marmitinha de comida. E assim foi. Mas não era qualquer um que morava aqui não, só as pessoas que eram recomendadas por quem morasse lá embaixo. Aí, em 1940, começou a Segunda Guerra Mundial. Meu Deus do Céu! Aqui era a pior coisa do mundo! Você queria água, você tinha que esperar a pipa de água da Light, que era onde era o Colégio São Thomás de Aquino. O bonde, ele fazia a volta ali para ir para a Cidade e tinha um recuo. Ele vinha para molhar, para tirar um pouco a poeira. Vinha uma pipa de água para tirar. Então, eles ficavam com pena da gente e davam água para a gente. Ou então você tinha que ir por aqui, pelos casarões, pedindo uma lata de água. Não tinha nada, não tinha água. O fogão era de lenha. A luz era lamparina, querosene. Quem tinha um... A gente não tinha dinheiro para comprar um lampião. Era umas lamparinas. Vocês não conhecem. A casa, ela pagou. Ela arranhou duzentos reais com a patroa, foi descontando devagarzinho. E foi paga.

O Genésio foi morar em outros cantos, a gente se perdeu dele completamente. O menino ele colocou no hospital ali, no Hospital Jesus, mas o garoto não resistiu porque, quando ele nasceu, a mãe, já estava tuberculosa, e ele nasceu uma criança fraca. Aí morreu. Então ele agarrou a Elizabeth, que era a filha dele, e sumiu com ela daqui. Não quis mais ser encerador e foi embora. A gente se perdeu completamente de Genésio. Aí veio meu tio, Dodô. Ele já morreu. Jorge e Moisés são os netos. Aí veio o pai da Mariquinha. Aí a família se instalou, todo mundo aqui. Mas o barraco tinha que ser feito à noite, porque, se o exército chegasse e estivesse fazendo, jogava no chão. O negócio foi esse e, no fim, foi crescendo. Cinco anos de Guerra, né? Terminou em 45 e começou em 40, né? Ali a gente foi vivendo a trancos e barrancos.

Alimentação, minha filha, na época da Guerra a gente arruma alimentação. O Brasil mandou três mil homens para a Itália, que o Governo Americano pediu. Então começou o racionamento e você tinha direito, de quinze em quinze dias, a um ticket para comprar um pouco de alimentação. Um pouco de carne, um pouco de qualquer coisa. Tinha uma fila enorme e se comia carne uma vez por mês porque não tinha dinheiro para comer carne todo dia. E quem tinha, tinha mesmo. As madames não tinham aquele negócio que hoje tem, o freezer, onde você coloca comida hoje e dura dois, três meses. Naquele tempo, não tinha. A geladeira nem era elétrica. Era uma

geladeira, mas você tinha que colocar gelo. Uma barra de gelo, senão a comida estragava. O almoço que sobrava na panela, elas chamavam o pessoal e davam mesmo. E a gente ia lá buscar. E a gente vivia assim. "Depois, logo mais, vocês vêm buscar a janta" porque o que sobrasse não podia guardar, senão estragava. Então, elas davam. E assim a gente ia vivendo. Hoje em dia, eles são esnobes. Mas foi uma vida difícil, foi uma vida muito dura. Dura mesmo. Você não sabe como é que isso aqui depois foi feito. Apareceu por aqui uma freira, Dona Renée. Ela veio. Ela ficava no posto lá em cima. Foi ela quem fez aqui o clube. Ela ia às Embaixadas apanhar dinheiro com aquela gente. Ela ficou horrorizada de ver que aqui não tinha luz, não tinha água, não tinha coisa nenhuma. Então, ela pegava dinheiro lá na Embaixada França, da Holanda, daqui, dali foi modificando aqui aos poucos. Fez escada porque aqui era tudo de barro. Dia de chuva você chegava lá embaixo cheia de lama. Isso aqui era o caos. Hoje, eu falo: vocês reclamam, mas vocês estão morando muito bem. Vocês chegam dentro de casa, vocês tem uma torneira, um chuveiro para tomar banho, vocês tem água na torneira da cozinha, água na descarga... Que isso! Você tinha uma porta por onde você jogava todo detrito, ali dentro. Fedia que era uma coisa horrorosa. Tinha ratazana, que você não faz nem idéia. Cobra, tinha tudo aqui, muita barata, percevejo. Vocês conhecem percevejo?

Tinha muito piolho, tinha

tudo. Só veio melhorar depois de 1960 pra cá, depois que fizeram Brasília, depois que Juscelino chegou aqui de Brasília é que isso aqui deu uma levantada aqui dentro. Porque a gente... Em 1960, não tínhamos grandes coisas. Quem tinha sapato podia calçar um sapato, calçava um sapato; quem não podia calçava uma sandalinha. Quem tinha um dinheiro para comprar um vestido, um tecido de seda para fazer um vestido fazia; quem não tinha não tinha. Ai o que aconteceu? Quando Juscelino Kubitschek entrou, ele primeiro fez uma análise porque ele tinha sido governador em Minas Gerais. Ele fez uma análise em torno do Brasil. Ai, o que ele fez? Um cara descendente de judeus, estudou lá fora... Ele sabia o ritmo de lá de fora. Como é que era a América do Norte, América Central, a Europa. A primeira coisa que ele fez foi implantar as lojas de departamento aqui dentro, quando ele entrou. Apareceu Ponto Frio, D. Moreira, fez as lojas de departamentos. Aqui foi um grupo estrangeiro que veio. Que já até acabou. Ele fez as lojas de departamentos, e a vida da pessoa melhorou. Em 1960, Brasília foi feita, o Rio de Janeiro melhorou, São Paulo melhorou, Minas melhorou com o sistema de crédito. Todo mundo melhorou, porque já chega a uma loja para fazer um crediário. Compra um conjunto de mesa, uma televisão... Antigamente não podia fazer isso não, porque não tinha. Não tinha o sistema de crédito, então não se comprava nada. Você se vestia de trapo, calçando um tamanquinho. Era

Só veio melhorar depois de 1960 pra cá, depois que fizeram Brasília, depois que Juscelino chegou aqui de Brasília é que isso aqui deu uma levantada.

Agora, eu já nem reconheço mais ninguém aqui porque as pessoas que têm aqui, os que não morreram, já venderam suas casas, já foram embora.

Eu sou crente em Deus, Deus tem me ajudado muito, mas eu não tenho religião. Agora a minha fé é a minha fé. Eu creio em Deus todo poderoso, mas creio mesmo.

aquilo. O Juscelino colocou, e o Brasil realmente avançou cinco anos. Hoje é tudo bom. Hoje fazem até maldade: fazem o crédito e, no fim das contas, nem pagam. Se a pessoa tem tudo dentro de casa porque não vai pagar? Tem mais é que pagar. É isso, assim a vida melhorou. Melhorou muito, graças a Deus!

Todo mundo. Todo mundo participou. Ela deve ter conhecido o Pereira? Você era pequeninha quando ele morreu. Essa gente toda, dona Marcela, todo mundo contribuiu. A família toda contribuiu para a comunidade que é agora. Agora, eu já nem reconheço mais ninguém aqui porque as pessoas que têm aqui, os que não morreram, já venderam suas casas, já foram embora, já não moram mais aqui. Já estão no subúrbio. A única que está teimosa aqui sou eu. E a Antônia. A Antônia, quando eu me casei, morava aqui onde é a Agostinha. Aquilo ali, o primeiro barraco que tinha ali, foi o meu. Quando eu me casei, eu fui morar ali. Quando a Raquel já estava com três meses, o pai morreu, eu vendi o barraco e fui morar na casa da minha mãe. A maior besteira que eu fiz na minha vida. Eles queriam me dominar né. Eu não quis mais ser crente, e eles queriam que eu continuasse crente. Aí continuou a briga. Eu sou teimosa mesmo. Quando eu coloco algo na cabeça, ninguém tira. Quando eu boto algo na cabeça... Eles disseram: você tem que ser crente. Eu digo: eu já sou crente. Minha vida está de perna para o ar. Viúva, com dois filhos. Nem a casa que vocês acham... Dois do

primeiro marido. Eu não quero ser crente mesmo. Fui lá na Igreja, entreguei ao Gustavo o meu cartão. Ele era o manda-chuva da Igreja. Eu não quero mais. Eu não sou hipócrita, eu não vou para o baile hoje e, amanhã vou para a Igreja. Isso eu não vou fazer mesmo. O que eu faço, eu faço mesmo e todo mundo tem mais é que saber mesmo. Eu não quero mais ser crente. Acabou. Por que eu não quero ser? Porque eu não quero. Nunca quis. Aí eu contei para eles. Meu pai e minha mãe eram crentes, eles não me deixavam escolher: eu tinha que ir para a Igreja. Eu me casei com crente, eu não ia deixar meu marido ir para a Igreja e eu para o baile, ou para o cinema. Eu ia atrás dele. Ele não existe mais. Pra que eu vou ficar na Igreja se eu não gosto? Eu nunca gostei, entendeu? Aquela coisa de você bater cartão ali todo dia. Eu sou crente em Deus, Deus tem me ajudado muito, mas eu não tenho religião. Agora a minha fé é a minha fé. Eu creio em Deus todo poderoso, mas creio mesmo. E ele tem me ajudado muito para chegar até agora, onde eu estou. Estou mal. Eu estou bem? Não, não estou. Até meu cheque especial: Eu estou no cheque especial. Minha conta bancária, ela só não fecha não sei por quê. Eu não sou uma pessoa de muito dinheiro, mas é o que eu gosto. Agora eu vou ficar dentro de uma Igreja, vou bater cartão dentro de uma Igreja? Eu já tenho que fazer muito pela vida. Depois, eu arrumei uma segunda família, uma segunda família que Deus sabe como. Deus é que tem me



ajudado a segurar esse pessoal nas costas. Entendeu como é que é? Dando apoio a eles. Depois disso, eu tive problema também: esse menino que mora lá na Espanha, esse menino era chefe dos bandidos aqui. Entendeu? Não tirei. Um belo dia, de tanto sofrer nas mãos dos bandidos e nas mãos da polícia ele disse: Chega! Eu não quero mais. Ele chegava aqui, isso aqui não era isso aqui não. Quando eu comprei, também era um barraquinho. Isso aqui era da Rosa. Você não conheceu a Rosa. Ela queria ir embora, aí e comprei o barraquinho dela. O barraco da minha mãe, eu dei para a minha filha morar. Um belo dia, ela disse: Mãe, eu vou vender isso aqui porque eles cresceram demais, não querem ficar aqui, querem ficar com a senhora. Eu vou trabalhar, eles ficam aí. Um belo dia ele chega aqui com dois revólveres na mão. Aí eu disse: Mas o que é isso? E ele disse: eu nasci para ser bandido. E quero ser bandido mesmo, porque aí eu vou ter meu tênis Nike, roupa. Meu Deus do céu, mas por causa de roupa e sapato você está nesse inferno? É assim mesmo, pelo menos eu tenho meu dinheiro toda semana na mão. Sabe que idade ele tinha? 15 anos. Uma criança. Eu fui falar com o chefe deles, que era o filho da Helena, o Cosme. Ele disse: tia Lourdes, eu não chamei ele para ser daqui, ele é que quer, a senhora quer que eu faça o quê? Mas é uma criança. É, ele é uma criança, mas o que a senhora quer que eu faça? Eu não posso fazer nada. Ele vai fazer o que ele quiser. E foi assim. Aos 25

anos, de tanto sofrer na mão da polícia e na mão dos bandidos, ele disse: Eu não quero mais, acabou e pronto. Deram tiro nele. Tiro no peito dele, a bala pegou aqui e saiu aqui. Aquela coisa toda. Eu criei direito, mas fogem ao controle da gente, mesmo. Olha, eu sofri muito nesta favela. Mas estou aqui, do jeito que sou. Um belo dia eu vou morrer mesmo, e isso vai ficar para alguém. É a vida.

Minha vida sempre foi trabalhando, minha filha, trabalhando.

Que brincar! Brincadeira não foi feita para a gente, não. Um dia, a minha mãe me pegou andando de bicicleta com a filha da madame, lá embaixo, na casa onde ela trabalhava. E eu tinha um montão de roupa para passar. Ela falou: você já terminou a roupa? Já fiz já, mãe. Ela foi lá e molhou a roupa todinha outra vez. Falou que eu tinha passado de qualquer maneira e o ferro era de carvão. Ela molhou tudo novamente. Ela disse: Eu quero tudo muito bem passado.

Não. Não se brincava aqui, não. Final de semana, nós íamos para a Igreja. Já viu crente brincar? Meu pai falava: crente não brinca. Crente ora. Não tinha esse negócio de brincadeira, não. Por isso é que eu não acho graça de nada, eu não tive infância. A gente brincava muito lá na roça. Brincava lá, armando armadilha para pegar passarinho. Correr, levar cabras para aqui, levar para lá. No dia que eu cheguei aqui, a coisa era séria, tinha mesmo é que trabalhar muito, para poder sobreviver, senão não ia dar. Não tinha ninguém para dar nada para gente, não. A gente

A gente brincava  
muito lá na roça.  
Brincava lá, armando  
armadilha para pegar  
passarinho. Correr,  
levar cabras para  
aqui, levar para lá.

Foi uma infância  
muito dura, muito  
dura mesmo.  
Andava pela casa  
das madames  
trabalhando.

vivia pelo que a gente produzia. Hoje em dia, você chega a uma loja dessa aí, você compra à prestação um sapato para o seu filho, roupa. Antes não tinha nada. Foi uma infância muito dura, muito dura mesmo. Andava pela casa das madames trabalhando. Aqui, já tinha um salariozinho, metade do que pagavam para um adulto, mas a gente dava graças a Deus de ter metade daquele salário.

Não, eu casei a primeira vez. Na segunda, não houve um casamento, houve um ajuntamento.

No total são seis filhos. Dois do primeiro e quatro do segundo. Os dois primeiros são a Raquel (60) e o Joel (61). E depois vem a Dóris (57), Saulo, Fred, Deise. Você não conhece nem o Saulo e nem a Dóris, eles vivem lá no subúrbio.

Netos eu vou ter que contar nos dedos. O primeiro foi o Rogério (Engenheiro Eletrônico, trabalha no Ministério da Justiça) e Luciana (ela é uma moça assim que nem vocês, fez faculdade, estudada. Ela trabalha na Petrobrás). Filhos do Joel. Wladimir, filho da Raquel. Depois tem os filhos da Dóris: Verônica, Valéria e o Roberto. E depois tem o Paulo, que nunca teve filhos, nunca se relacionou com ninguém. Tem a Deise, que tem os gêmeos: Gláucio e Gláucia e a mais velha, que é a Glória, que tem 35 anos. Então, tem três da Deise, um da Raquel, dois do Joel. São nove. Bisnetos, eu já perdi a conta. O Gláucio tem quatro (três garotos), o Eric, Vinícius, Fabrício e Vanessa. Depois, a Glória tem um, tem 14 anos; a Gláucia tem dois; o Wladi,

tem um, mas ficam dois por causa do enteado. Somando com esse, dá nove. A Dóris tem três, um menino e duas meninas; o Joel tem dois. Já tem 14. O do Joel chega o mês que vem. 14 com esse que vai chegar. É muita gente! Uma pessoa só colocando um monte de gente no mundo.

Meu companheiro nunca veio aqui. Isso eu arrumo lá pela rua. É arranjo de rua. É rolo. O certo mesmo foi o pai do Joel e da Raquel. A gente se casou, mas nem se conheceu direito, que a vida não deixou.

A dona Renée foi a benfeitora daqui. A gente não pode negar.

Ajudou! Se tem essas caixas d'águas, foi tudo idéia dela. Aqui não tinha água. Ela foi atrás do pessoal que tinha dinheiro. Estrangeiro que tem dinheiro, ela ia mesmo. E não era para guardar com ela não. Tem muitos por aí que vão lá e pegam dinheiro com eles, como em uma história que eu não vou nem citar porque fica feio falar dos outros pelas costas. Mas ela apanhava o dinheiro e gastava aqui mesmo. Comprava material de construção. Ela tinha um revólver na cinta, ela era freira, mas andava com um revólver. Eu soube que ela se extinguiu lá no Xingu. Ela foi para lá, não sei como é que fala, mas a ordem que comanda essas freiras requisitou ela para o Xingu, falou que ela já tinha feito o trabalho aqui no Chapéu Mangueira. Ela foi para o Xingu e morreu lá. Mas ela contribuiu muito. Quando eram seis horas, ela estava na porta: como é que é, levanta! Seu avô, seu Pereira, seu Lúcio, todo mundo trabalhou mesmo, trabalhou de verdade.

Aquela mulher era uma guerreira, vou te contar. Pequeninha, mas tinha fibra. Era uma francesa, mesmo, porreta. Igual àquela eu nunca vi. Se impunha. O pessoal obedecia mesmo. Não tinha namoro que não fosse descoberto. Ela não era boba. Quando ela dava umas incertas no poço... e não tinha droga, não tinha nada. Ela estava sempre ali. Aí ela foi embora, e isso aqui virou bagunça. Mas uma bagunça que está pronta, né. A comunidade que está pronta. O posto de saúde foi ela que implantou; se tem o posto de saúde, ela é que trazia os médicos aqui para cima, para atender à comunidade. A minha avó mesmo tomava morfina porque ela ia lá nos hospitais e requisitava. Tinha que aplicar morfina porque ela tinha um câncer de intestino, que, quando a morfina acabava, ela gritava feito uma louca. E não tratava, não tinha a tecnologia que tem agora. Ela falava: não adianta internar ela no hospital porque é a morfina que vai ser aplicada, então ela fica em casa porque aí vocês dão assistência, apoio, aquela coisa toda de ficar com a família porque ela está em estado terminal. Mas, todo dia, a enfermeira vinha para aplicar e, quando a enfermeira não vinha, a Renée aplicava porque ela era enfermeira. A gente só pode enaltecer uma pessoa dessas. Vai esquecer? Não, a gente não pode esquecer.

O posto médico e a alfabetização à noite, né? Tinha alfabetização à noite. Não sei se ainda tem. Tem a creche das crianças, que são muito importantes também para as mães que trabalham.

Elas precisam daquela creche ali. Aquela creche já vem depois da dona Renée. Já vem com outras pessoas, mas, em compensação, está aí. Ainda têm as crianças que ficam do outro lado, embaixo do posto. Tem uma escolinha, que quando as crianças saem da creche passam por aquela escolinha e depois descem para a rua. Já são matriculadas direto lá na rua, no São Thomaz de Aquino ou qualquer outra.

Eu fui trabalhar na casa de uma professora, e ela ficou apavorada, na Princesa Isabel, perto do teatro Villa Lobos, em uma vila. Ela ficou apavorada porque eu disse que não sabia ler nem escrever. Eu já estava com 14 anos. Fui cozinhar, lavar e passar. Ela ficou com pena e me matriculou na escola Eça de Queiroz. Aquela era a única escola do bairro, não tinha outra. Ela era professora no primário, e ela me matriculou. Enquanto ela esteve ali, eu trabalhava na casa dela. Ela lecionava na parte da tarde. Então, eu chegava bem cedo, fazia todo o serviço da casa e, quando dava mais ou menos por volta de onze horas, colocava o almoço para ela e para o marido. A louça ficava dentro da pia. Ela pegava a sacola dela e a gente ia para o colégio. Eu saí na segunda série: ela foi transferida, e acabou o estudo né, minha filha. Mas, em compensação, eu aprendi a ler e a escrever. Já viu a quantidade de livros? Eu leio muito. Tem uma sapateira ali cheia de livros.

Eu gosto mais de história. Agora mesmo, eu estou lendo História, do meu neto, esse que foi para o estrangeiro, Ele fez o

Já viu a quantidade  
de livros? Eu leio  
muito. Tem uma  
sapateira ali cheia  
de livros.  
Eu gosto mais de  
história.

segundo grau. Esse Telecurso. Então, eu vou ali e pego aquele livro de História do Brasil e leio. Não querem nada com estudo, né, mas você sabe que, nesse meio, eu não tenho nada contra eles, eles me respeitam e eu respeito eles, mas não sei por que eles têm que falar errado. São pessoas que passaram por um colégio, mas acham bonito falar errado. Eles não falam dois reais; eles falam dois real. Eles acham bonito isso, o que eu posso fazer? Cheio de ginga, cheio daquela coisa...

Trabalho. Lavar, passar, cozinhar. Isso é o que eu gosto de fazer. É um prazer, arrumar, organizar a casa. Eu gosto muito de fazer esse tipo de coisa. Para você ver, a minha casa é pobre, mas é bem limpinha, apesar de eu fazer isso uma vez na semana, porque, quinta, sexta, sábado e domingo, eu estou do outro lado da cidade. Em Realengo. Eu também trabalho em Vila Valqueire e Jacarepaguá. Vou fazendo as coisas lá, mas também ajudando as pessoas. Gente pobre que quase não ganha nada. Então eu tenho que ajudar. Por que eu, Maria de Lourdes, gosto de ajudar. Você conhece lá embaixo, o José, Aquele menino, quando a mãe morreu ele estava com cinco anos. O guri era insubordinável, um moleque que ninguém agüentava ele. E... sabe: ele chegava aqui e não respeitava ninguém. Nem a mãe. Ele tem retardamento mental, e ela achava que a criança com retardamento mental não poderia se corrigir. Eu chegava aqui, ele metia a mão em tudo, jogava tudo no chão. E, de repente, um belo dia, a gente colocou ele no eixo, porque, antes, ele era bagunceiro. Não pede, mas

a gente ajuda. Deu uma dor de cabeça, ela foi para o hospital, e os médicos disseram que ela já iria entrar em coma. Ela teve uma trombose e morreu instantaneamente. Foi uma coisa assim que ninguém esperava. E deixou uma criança retardada com cinco anos e mais o outro com sete. E o pai só sabia chorar, sem saber o que fazer com aquela criança. Ai, ele falou com a mãe dela, uma portuguesa grossa pra caramba, e ela disse meia dúzia de palavrão, que eu nem ousa repetir para vocês. Disse que quem pariu Mateus que o balance, que ela não tinha nada com isso. O que eu vou fazer com essa criança? Sei lá, vende, dá, faz o que você quiser. Ela falou assim. E ele falando com pessoas. Ai falaram que tinha um orfanato. Um abrigo para crianças retardadas em Petrópolis e eu, que leio tudo que aparece, até na casa da minha mãe, sabia que aquele abrigo de crianças estava sob suspeita, que estavam morrendo muitas crianças lá em cima, e ninguém tomava providência de nada. Ai, quando ele veio falar comigo, a Dona Lourdes. Como é que está o João? Tem jeito não, eu vou botar ele lá em Petrópolis porque, pelo menos lá, ele fica e vem uma vez por mês. Ai eu falei: não faz isso não cara. A dona Hilda não quer tomar conta? Não! Ela já deu o estouro da boiada. Deixa para lá. Ai eu falei: deixa o garoto comigo. Eu estou fazendo agora umas coisas para vender em casa, não estou trabalhando fora, estou vendendo uns jogos de marmita. Você deixa ele comigo, que eu cuido dele. Esse aí é o meu jeito de ser, eu gosto de ajudar as pessoas. Mas dona Lourdes, eu não tenho nem dinheiro para lhe pagar. E eu estou te

pedindo dinheiro? Deixa o menino comigo, não precisa me dar nada não. Se eu faço comida, vai sobrar. Eu vou vender comida e vai sempre sobrar comida para a casa. E ele come. Deixa que eu cuido, você nem precisa ir lá. É até bom você não ir para não ficar achando que você... Criança perde pai e mãe. Você deixa comigo. Ele ficou comigo aqui, até os dez anos. Ficou cinco anos comigo. Eu cuidando dele. Eu acabava de fazer comida para fora e cuidava dele. Lavava, cozinava. Só tinha uma coisa: se errasse, apanhava. Não faça isso. Coloca isso aí. Não é para mexer não. E ele ficava assim: é tia? É sim, se colocar mão aí, eu te meto o chinelo. Levava ele no médico, chegava na cantina, ele queria... Eu quero um refresco. Aí comprava o refresco, colocava na mão dele. Tá aí. Ele me olhou. Aí ele falou, mas eu quero. Você não quer nada. Ele se espojou no chão. Derrubou no chão, aquela berração. Acho que lembrou da mãe. Ele sempre fazia isso com ela. Aí eu disse: vem cá filho, vem com a tia. Levei ele lá atrás do carro e dei umas belas de umas chineladas nele. Sapatada boa nele. E disse: agora você jogou o refresco no chão, agora nem refresco você tem. E, se você continuar, você vai apanhar mais quando chegar em casa. Hoje, eu passo e, se ele está conversando com alguém ele vem e me abraça. Essa aqui foi quem cuidou de mim. Essa daqui é minha mãe, é minha avó. Entendeu? Porque não faz mal um corretivo. Não é para maltratar, é só para corrigir. Mas o Careca nunca me deu um tostão. Um belo dia, o João estava com a boca toda inchada e com dor. Eu disse: o que foi filho? Está doendo muito, do-



Alunas entrevistam Maria de Lourdes

endo muito. Eles davam muito antibiótico para ele. Ele não queria colocar a roupa não. Só de cuequinha. Aí eu falava: esse menino só de cuequinha, põe uma roupa. Ele não quer. O que ele não queria, não faziam. Não possível, ele vai ficar doente. Estava sempre com pneumonia. Ficava internado dois dias lá no hospital. E enchiam o moleque de antibiótico. Isso arreventou os dentes do moleque. O que eu vou fazer? Eu telefonei para uma pessoa que eu conhecia, e ela falou que o melhor hospital para cuidar de criança deficiente é o Hospital Jesus. Mas você tem que chegar lá pelo menos às seis horas da manhã. Tudo bem. Lá em Vila Isabel. Aí eu fui, falei com a Deise. Hoje você falta ao trabalho porque você vai tirar o almoço para mim. E levei ele lá em Vila Isabel para fazer uma avaliação da boca. Fui para lá e fiquei lá o dia inteiro. Fez uma radiografia, fez isso, fez aquilo. No mesmo dia eles tiraram a radiografia do pulmão, do coração porque menino com deficiência eles tinham que avaliar tudo, para ver



Fazer amor não é  
fazer filho, não. Já  
foi tempo. Antiga-  
mente a gente  
tinha muito filho  
porque não tinha os  
preservativos.

como iam fazer. O médico chegou para mim e falou que ele estava com os dentes todo podres, precisando de tirar. Como ele é muito novo, ele vai fazer uma birra danada, então nós vamos ter que dar anestesia geral, para ele dormir para os dentistas trabalharem. Os dentes dele estão todos ruins mesmo. Temos que fazer flúor, fazer canal, tudo no mesmo dia. A senhora vai e volta porque nós vamos lhe telefonar para dizer o dia em que ele vai fazer a cirurgia. Um mês depois, eles me chamaram: amanhã, seis e meia da manhã, você aparece aqui porque ele vai fazer a cirurgia. Ele foi o primeiro a ser chamado. E assim foi. Eles trabalharam das sete até mais ou menos às cinco da tarde. O moleque saiu cambaleando. Eu estou com fome, tia. Eu disse: eu também estou. Passei a mão nele, coloquei ele nas costas, peguei um ônibus, e meu sobrinho trouxe ele da Princesa Isabel até aqui. É um ser humano que precisa de cuidados. Hoje em dia ele diz: se não fosse a senhora, dona Lourdes, não sei o que seria do João. Eu disse: não precisa render homenagem para mim não, porque o que fiz para você eu faria para qualquer um. Eu sou assim, eu gosto de contribuir. Dentro do meu limite. Uma vez, uma colega disse: você tem que guardar dinheiro para você desfilar pelo bloco aí. Vestir uma baiana. Eu disse: eu não fui criada para dançar carnaval. Se você precisa da contribuição do meu dinheiro eu até dou. Para amar o bloco de vocês aí. Agora, para brincar junto com vocês, eu nunca fiz isso, então por que eu vou fazer agora.

Não, de carnaval, não. A não ser que tenha uma festa benefi-

cente, onde eu possa contribuir, aquela coisa toda. Mesmo porque eu nunca fui dada a festas. Eu não gosto. Eu gosto mais de ficar nos bastidores. Se precisar que eu vá lá fazer a comida, eu até vou. Fazer os doces, fazer qualquer coisa. Agora, ficar lá na frente dos bastidores, lá na frente, não. Eu não fui criada para isso. É da pessoa, né? Isso é muito pessoal.

A juventude de hoje vejo com muita dó. Com muita dó, porque, de cem, você tira três, quatro, que têm uma educação. As meninas, a Taty sabe, elas, mal menstruam, e já estão engravidando. Se a mãe sabe que a filha está menstruando e está já de olho em um garoto, leva para o médico, toma anticoncepcional, não faz mal nenhum. Fazer amor, como eu sempre falo para eles, para os meus filhos, netos, vizinhos que vêm me perguntar. Fazer amor não é fazer filho, não. Já foi tempo. Antigamente a gente tinha muito filho porque não tinha os preservativos que têm hoje. Hoje não, as meninas, eu vejo, elas não tem muito futuro. Essa aí (Taty) é uma exceção. Eu nem sabia que ela estava fazendo jornalismo. Ninguém me conta nada, eu não sei de nada. Essa menina e outras que podiam, sei lá. Meninas bonitinhas. Todo lugar, eu vejo lá no subúrbio, tudo igual. Elas não têm aquela coisa. A minha bisneta, por exemplo, a página dela de relacionamentos no Orkut. A Vanessa gostosa. A prima dela: ela é promíscua, avó. Que coisa feia! Em vez de estudar, o pai já morando lá fora, ela poderia muito bem estudar lá fora. Mas o pai não tem... ele

teme por ela. Ela vai lá para fora, para quê? Ainda mais com a mentalidade dela. Vai atrás de garoto, não pode ser assim. Iguais a ela, tem muitas assim. Eu não vejo muita perspectiva de vida para eles não. Aqui teve o Pasquale, um amigo, marido da Catarina. Ele tentou colocar um curso de Francês aqui: alguém freqüentou? Ninguém. Não tinha que pagar nada, era só freqüentar as aulas. Ele foi embora porque não conseguiu nada aqui. Acho até que ele foi transferido para a França. Eles trabalhavam aqui em uma multinacional. Foi embora. Se ele colocou aqui um cartaz dizendo que lecionava Francês, tal dia, tal dia, não era para ter freqüentado? Não tinha que pagar nada. Era a oportunidade de aprender mais um idioma. Não vejo perspectiva de vida para elas, infelizmente não vejo. Estão muito atrasadas. Muito mesmo. Mesmo porque, nas escolas, não estão dando a mínima. O professor ganha igual a uma empregada doméstica. Na Barra, tem empregada doméstica ganhando dois, três salários mínimos, enquanto que professor, agora é que vão pagar novecentos e cinquenta. Não se faz isso! Afinal, se a pessoa estudou, ele faz jus ao que a pessoa estudou. Você está fazendo jornalismo. Amanhã ou depois, você vai aceitar ganhar um salário mínimo? Dois salários? Não! Eu estudei jornalismo, eu quero ser uma jornalista. Eu acho que eu sou boa, então eu vou pegar uma empresa que valorize o meu trabalho. Eu acho que é por aí. O médico estuda pra caramba, vai para um posto de saúde, traba-

lha à noite toda atendendo paciente e ganha mil e duzentos reais. Isso é cretinice, isso não se faz. Não valorizar a mão de obra de um médico, não valorizar a mão de obra de um professor, perai. Que isso? Isso é arbitrário. Depois aquela menina, Cristiane Brasil, diz que o Brasil é um país pobrezinho. Eu fiquei olhando. Eu digo: ela está de gozação. Vocês acham o Brasil um país pobrezinho? Eu também não.

Taty- Obrigada!

Luciana- Obrigada! Nós voltaremos.

Maria de Lourdes- Podem voltar, ficarei esperando vocês.

O professor ganha igual a uma empregada doméstica. Na Barra, tem empregada doméstica ganhando dois, três salários mínimos, enquanto que professor, agora é que vão pagar novecentos e cinquenta.









**FACHA**  
FACULDADES INTEGRADAS  
HELIO ALONSO

Campus I - Rua Muniz Barreto, 51 - Botafogo  
Campus II - Rua da Matriz, 49 - Botafogo  
Campus III - Rua Lucídio Lago, 345 - Méier